



*H. J. da Silva delin. 1840*

*D. J. da Silva sculp.*

D. JOZE, BISPO  
TERTIO TENPO DE

*Huius, inter, maximas,  
laudes, et, virtutibus,  
Illius, ut, nomen, su*



D. BENAS, EM DE-  
PER SAMBUCO,

*hanc, in, asida, iactat,  
letteris, urbis, honorat,  
pura, statua, iuam*

*Fidelitas efferenda*

*pro*

*Joze Joaquin de Andrade Comgo, Pretendente da sede do Bispo*

A GRATIDÃO  
PARNAMBUCANA

A O  
SEU BEMFEITOR

O EX.<sup>MO</sup> E R.<sup>MO</sup> SENHOR

D. JOSE JOAQUIM DA CUNHA  
DE AZEREDO COUTINHO,

*Bispo d'Elvas, em outro tempo de Pernambuco, Eleito de Bragança, e Miranda, do Conselho de Sua Magestade, Governador Interino da Capitania Geral de Pernambuco, Presidente da Real Junta da Fazenda, Director Geral dos Estudos, Fundador do Seminario de Nossa Senhora da Graça da Cidade de Olinda, e Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa,*

O. D. E. C.

O S

SOCIOS DA ACADEMIA PARNAMBUCANA,

E O S

ALUMNOS DO SEMINARIO OLINDENSE.

---

L I S B O A,

ANNO M. DCCC. VIII.

---

NA NOVA OFFIC. DE JOÃO RODRIGUES NEVES.

---

*Por Ordem Superior.*



890

---

1949

Ex.<sup>mo</sup> , e R.<sup>mo</sup> Senhor

**O** S meus Patricios , e honrados Concidadãos não satisfeitos de confessar em público por palavras , e por escritos os seus sentimentos de gratidão pelos muitos beneficios , que de V. Excellencia recebêrão , especialmente pelo estabelecimento de hum Seminario , unico em todo o Brazil , com todas as Sciencias necessarias , e Mestres Sabios , e Instruidos para a educação dos que se destinão para o serviço da Religião , e do Estado ; Sciencias , que elles até agora ou não podião adquirir , ou que só adquirião á custa de muitas despezas , e indiziveis riscos das suas vidas , e até mesmo da sua moral , precipitando-se muitas vezes nos abysmos , a que está sujeita a Mocidade cega , e fogaça , sem Pai , sem Mães , sem quem a guie , e sem quem a dome ; Os meus Patricios , digo , cheios de reconhecimento , tendo-me entregado os seus escritos , para que eu os apresentasse a V. Excellencia , eu julguei , que os não devia entregar avulsos , e separados , mas sim em huma Collecção digna de ser offerecida pelos meus Concidadãos ao seu Bemfeitor. Porém como a raivosa Inveja , inimiga inseparavel do merecimento , a qual , assim como a negra sombra , só serve de mais fazer realçar as bellezas da pintura , se tinha empenhado em suffocar o desa-

fogo da gratidão dos meus Concidadãos ; agora ,  
que este Monstro , que a si mesmo se morde , e se  
devora envergonhado foge , e desapparece , eu me  
aproveito da occasião , para da parte dos meus Con-  
cidadãos offerecer a V. Excellencia esta breve Col-  
lecção dos seus escritos , rogando se digne acceital-  
los como hum testemunho fiel do seu reconhecimen-  
to : eu , e elles , sabemos , que o Nome de V. Excel-  
lencia para ser eterno não precisa dos seus Elogios ;  
as Obras de V. Excellencia , as suas grandes ac-  
ções de beneficencia fallarão por si mesmas a toda  
a Posteridade. Mas com tudo permitta V. Excel-  
lencia . que os seus corações agradecidos levantem  
a V. Excellencia mais huma Estatua , que o tem-  
po voraz não poderá destruir , e que nella fiquem  
gravados os seus nomes , como fiéis testemunhas  
da = Gratidão Parnambucana = ; e que eu , que  
com elles não posso competir no rápido vôo das  
suas azas , possa gravar no pedestal da mesma  
Estatua.

*Aquelle que a V. Excellencia deve tudo ,*

O Padre Manoel Jacome Bezerra de Menezes.

AD..

v.

## ADVERTENCIA AO LEITOR.

**T**Endo-me eu proposto a fazer sahir ao Público os escritos, em que os meus Patricios louvárao, e elogiárao ao Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Bispo D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, pelos beneficios, que o dito Excellentissimo Senhor fez á sua, e minha Patria; e sendo todos os ditos escritos feitos, e recitados em diversas occasiões, abraçando differentes assumptos, conforme erão as circumstancias, e os motivos, que occorrião; para maior intelligencia, e para que com mais facilidade fossem apresentados aos olhos do Leitor, eu os reparti, e reduzi todos a pequenas Classes, com seus titulos, em os quaes dou huma breve noticia dos seus Assumptos, e do seu Objecto.

Por isso debaixo do N.º I. pag. 1. se achão as Obras Academicas, feitas por occasião da chegada de Sua Excellencia a Parnambuco.

Debaixo do N.º II. pag. 27. os Elogios feitos a Sua Excellencia pelo seu bom governo tanto Ecclesiastico, como Civil, e Politico, e pelo estabelecimento do Seminario Episcopal de Nossa Senhora da Graça da Cidade de Olinda.

De-

Debaixo do N.º III. pag. 93. alguns Epigrammas, e Poesias Latinas feitas ao Retrato de Sua Excellencia quando foi collocado no Seminario.

Debaixo do N.º IV. pag. 107. algumas Orações annuaes Latinas feitas pelos Mestres, e Alumnos do Seminario por occasião do principio, ou fim do anno Lectivo no mesmo Seminario. Assim como tambem debaixo do N.º V. pag. 138. algumas Dissertações scientificas feitas pelos Estudantes, e Alumnos do Seminario nas occasiões dos seus Exames annuaes.

Debaixo do N.º VI. pag. 191. algumas Poesias feitas a Sua Excellencia pelos Alumnos mais novos do Seminario em o dia, em que Sua Excellencia, para assistir á festa de Nossa Senhora Padroeira do dito Seminario, hia passar, e jantar com elles no Seminario, as quaes, com permissão de Sua Excellencia, recitavão antes de principiarem a jantar (que neste dia lhes mandava dar Sua Excellencia) diante de todo o Concurso não só dos Seminaristas, mas tambem de muitas Pessoas de Qualidade convidadas por Sua Excellencia para assistirem ao jantar, o que Sua Excellencia lhes permittia para que elles tivessem occasião de ir fazendo apparecer os seus talentos, e se fossem acostumando a fallar em público; as quaes eu ajuntei nesta Collecção não para que competissem com as outras em sublimidade, mas sim para dar huma pequena idéa dos

dos talentos, de que abunda aquelle Paiz; pelo que confio em que o Leitor me desculpará este procedimento.

É ultimamente debaixo do N.º VII. pag. 195 Poesias feitas na despedida de Sua Excellencia, quando tendo sido reeleito por Sua Alteza Real para Bispo de Bragança, e Miranda partio daquella Capitania para a Corte de Lisboa em 13 de Julho de 1802, depois de ter governado por tempo de tres annos.

Eu sinto, que alguns dos escritos dos meus Patricios, que eu conheço, certamente de muito merecimento não appareção tambem nesta Collecção por se terem perdido, não sei se por algum innocente roubo, que me fizessem, ou por que talvez se confundissem com outros papeis na passagem de Sua Excellencia de Parnambuco para Lisboa.



N.º I.

*Poesias feitas na chegada do Illustrissimo , e Excellentissimo Senhor D. José Joaquim da Cunha d'Azeredo Coutinho a Parnambuco , indo para Bispo , e Governador Interino daquella Capitania em 25 de Dezembro de 1799. &c. &c. &c.*

EXCELLENTISSIMO , AC REVERENDISSIMO  
D. D.

JOSEPHO JOACHIMO A CUNHA  
AZEREDO COUTINHO ,

*Parnambucensi Episcopo , et ipsius Provinciae Gubernatori , Seminarii  
Olindensis Fundatori , Artium Moderatori , Consiliario Regio ,*

HUMILITER OFFERT

EMMANUEL DOS REIS CURADO.

CARMEN BUCOLICUM.

MYCON.

TYRSIS, CHROMIS.

**A**Dsis , et nostro adspira nunc , Musa , labori ,  
Aureus ut rapiat totum me furor , et ultra  
Plectra humiles quamvis non surgant nostra myricas ,  
Et quae tum subter salices Tyrsisque , Chromisque ,  
Dum errant in silvis jungendo fortè sub aestum  
Magnos mille boves , silvis , et mille bidentes ,  
Flcquentes aetate ambo , et cantare periti ,  
Ad responsuras dicebant carmina rupes.

A.

TYR.

**TYR.** Spargite flore viam , campos et spargite lauris ,  
 Pompa venit , laeto florescat germine terra ,  
 Rector in urbe Mycon , nobis est Pastor in agris.

**CHR.** Rustica si musa argutè tua spirat avena ,  
 Et vox si vincit cantando numina ruris ,  
 Carmina tu priuò cane , mox Chromis altera dicet ,  
 Prima Mycon sit materies , sit et ultima nobis.

**TYR.** Triste procella rati , nebulae florentibus hortis ,  
 Triste lupus stabulis , mendaces piscibus hami ,  
 Grando satis , et juste Mycon , sine te omnia nobis .  
 Tristia nunc veniunt , abeunt nunc tristia nobis .

**CHR.** Ut decori vites ulmis , ut collibus uvae ,  
 Ut gregibus tauri , sunt et sua cornua tauris ,  
 Tu decus omne , Mycon , semper spes ultima nobis .

**TYR.** Aurea jam redeunt Saturni tempora prisca ,  
 Atque novo surgunt jam tecta relicta tot annos ,  
 Frondescunt silvae , nostro veniente Mycone ,  
 Sunt testes coryli , colles , sunt flumina testes .

**CHR.** Jam plectrum tangit Phaebusque , novemque sorores ,  
 Silvani , Fauni , ducunt Driadesque choreas  
 Nimpharumque chori , nostro veniente Mycone .

**TYR.** Da , formose Mycon placido tua munera vultu ,  
 Dona sacrata mihi mense in veniente Decembri ,  
 Muneribusque fave Tyrsi tu numine plenus ;  
 Si coeptisque meis fuerit fortuna serena ,  
 Ipse tibi calathis carpam inter gramina flores ,  
 Aut lectos sertis jungam , vel carmina grata  
 Cum puero Iola , vincit qui Pana canendo ,  
 Dicemus , nomenque tuum tollemus ad astra .

Talia cantabant pueri , cantumque fovebant ,  
 Cùm Sol decedit , terras cùm quaerit et imas ,  
 Caeruleis nigrum nox tum caput extulit undis ,  
 Pastorum et pinu calami pendere videntur .

## AO MESMO SENHOR.

Ecce venit Praesul viduae gratissimus urbi :

Jam gaudet votis illa potita suis.

*Sidronlus Hosschius lib. 3. Eleg. 6.*

## E L E G I A.

A XE sub occiduo , tangit quem Brazila turba ,  
 Hic Restaurator natus , Olinda , tuus ;  
 Hic Restaurator Studiorum , Praesul et ille ,  
 Qui probitate pia nunc tibi tanta facit ;  
 Qui tibi tanta facit natus non exterus , imò  
 Braziliae pascit Braziliensis oves ;  
 Ut pascat vittatus oves , Europa , sed aegre ;  
 Culta tibi cedit , quem cupit illa sibi.  
 Multi heu ! multi luctus jamjamque parantur  
 Europae , exultans quum tamen ipsa fores :  
 Orphanus hic plorat , plorat spoliata marito ,  
 Nec pudet hic sparsis exululare comis ;  
 Patrem moerentes omnes discedere clamant  
 Communem , auferri sic sibi tanta bona.  
 Interea properat Praesul se credere ponto ,  
 Mox nautae properant solvere vela citi ,  
 Hermes et subito alatus descendit Olimpo ,  
 Haec memorans illi , cui paret unda maris :  
 Dormis , an vigilas ? Crudeles aequora venti  
 Vexant , et salsi nunc salit unda maris ;  
 Ecce tibi commissus adest , Neptune , virorum  
 Major , ne dicam , Rector , et ipse Parens ;  
 Ergo age ventorum nunc , ó nunc murmura seda ,  
 In ponto magnus Jupiter ista jubet :  
 Tum omnia Taenarius circumspicit , omnia versat ,  
 Rupibus arbitrio concidit unda suo ;  
 Jam video ut pelago Praesul se credat aperto ,  
 Undis ut placidis sedula puppis eat ;

Si rapidum spectes proscissa per aequora cursum,  
 Est Domino, dicas, ipsa superba suo.  
 Astraque si spectes, videas caelestia signa  
 Pura docere malum quâ superetur iter.  
 Magnos et scopulos, et saxa latentia pandit  
 Blanda maris facies; omnia tuta patent;  
 Doridis hinc natae, Delphini corpora pandi  
 Adnatant alacres, in speciemque chori;  
 Laetitia magna in ponto sunt Numine ponti  
 Ut maris Arbitro quum Thetis alma venit.  
 Dum ratis in cursu est, dum turgent lintea, nobis  
 Inspira laetos, Sancta Camaena, modos:  
 Fama volat classi praeiens adventat Olindam,  
 Omnibus et laetum dicit adesse diem,  
 Quem celebrare juvat, magnisque inscribere fastis,  
 Illo Josephus namque videndus erit;  
 Namque videndus erit, Pietas cui maxima dextram  
 Armata, cui Nemesis pectus, et aequa Fides;  
 Lusiadum ille decus, summis heroibus ille,  
 Qui sunt adspecti, praestat, Olinda, tibi:  
 Nuntia dum laetam volitans pennata per urbem  
 Percurrit verbis his aliisque vias,  
 Ecce venit Praesul viduae gratissimus urbi:  
 Urbs et laetitiae pandere signa cupit.  
 Sunt hilares pueri, pueros comitantur et ipsos  
 Patres, et matrem laeta puella suam;  
 Omnes hinc tentant vultus diffundere laetos,  
 Praesulis hinc omnes ora videre volunt;  
 Cymbala jamque sonant; festis micat ignibus aer;  
 Plaudit, io, locuples, ipseque pauper, io;  
 Pompa triumphalis, currus de more parantur;  
 Jactantur flores, undique floret iter;  
 Compita laetus ego videor jam cuncta videre  
 Turmis tam multis ipsa negare loca.

Quid

Quid facitis? fieri prohibet sibi talia Praesul,  
 Talia nam dicit displicuisse sibi,  
 Solarique decere suam non angere gentem:  
 Patris, nî fallor, non aliena refert.  
 Nam Parnambucenses quum vexasset egestas,  
 Ne redeant, ipsi, tristia saecula, pavent;  
 Tristia saecula pavent, quum anonna gravescere coepit,  
 Curaque quum magni non erat ulla mali;  
 Ast postquam, ut Rector, sistit Josephus in illis,  
 Omnia, quae fuerant, tunc abiire mala.  
 Ut tenuit Parnambuci Moderator habenas,  
 Providus ille metum ponere saepe facit;  
 Mox varios, multosque Minervae reddit alumnos,  
 Quos caperes, Mavors, tam male, dure, tibi.  
 Essent quum mores illi quoque maxima cura,  
 Candida quod Pietas puraque grata fuit,  
 Mentem, quam cepit Patrum veneranda Tridenti  
 Turba, capit, qua unquam sanctior ulla fuit,  
 Ponere nempe domum, omnis ubi instituat ad aram,  
 Qui cupit esse pius, Praesbyter esse sacer;  
 Noscat ubi rerum, qui vult cognoscere, causas;  
 Discat, quo virtus, quo ferat error atrox;  
 Et quantum Natura queat faecunda creare;  
 Quot populos, mores orbis habere solet;  
 Omnes et discant, durent ut facta per annos,  
 Chartis ut vivant alta loquela docet;  
 Linqere res tandem Divina Scientia parvas,  
 Et mentem cogit quaerere saepe Deum.  
 Josepho, ut maneant nobis haec, Numina faxint,  
 Laureolam cedat Pax ut amica suam:  
 Artes ut vigeant, currant ut saecula laeta,  
 Dent, multos annos ut numerare queat.

*Franciscus Salesius dos Reis Curado Ecclesiasticus  
 Oriundus de Igaratî.*

AO EX.<sup>MO</sup>, E R.<sup>MO</sup> SENHOR  
D. JOSE JOAQUIM DA CUNHA  
DE AZEREDO COUTINHO,

*Bispo de Parnambuco, do Governo Interino, Fundador  
do Seminario Episcopal da Cidade de Olinda, do  
Conselho de Sua Magestade, Socio da Acade-  
mia Real das Sciencias de Lisboa.*

*Pervenit Pastor, validae mansere bidentes,  
Cessavit terror, terga dedere Lupi.*

ODE SALUTATORIA.

**S**ALVE Pastor amado,  
Ao mundo maravilha,  
Em cujo peito está depositado  
O virtuoso Dom, que eterno brilha;  
Em ti sempre se veja  
Firme Columna á Igreja,  
Que o Ceo, que a nosso bem nunca descança,  
Em ti fez suscitar nossa esperança.

Por esta Aldeia entrando  
Clemente a vista espalha;  
A'quella ovelha escuta estar balando,  
Que mil rodeios n'huma hora atalha;  
A esta, que da ronha  
Sente a mortal peçonha,  
Passando, por não ter zeloso Guia,  
Sem da fonte beber sequer hum dia.

Re-

Repara o teu Rebanho ,  
Como está destruido !  
A quem o Lobo com furor estranho ,  
Com dente estragador tem investido ;  
Por adustas campinas  
Fazendo mil ruinas  
Semeando mortifera fadiga ,  
Qual monstro , que assolou Thebas antiga.

Numera ( não te espante  
Caso tão lastimoso )  
De languidas ovelhas o restante ,  
Que evadio a seu impeto raivoso ;  
Cheguem aos teus ouvidos  
Os seus ternos balidos ;  
Pois qualquer dellas pelo humilde estado ,  
Inclina o collo ao jugo mais pezado.

O Ceo , cujos Arcanos  
Em Concilio Divino  
Mostrão-se inexplicaveis aos humanos ,  
Nos reconditos sêllos do Destino ,  
Que a vital méta envolve ,  
Delibera , resolve ,  
Que a tua vinda a este amplo Hemisferio  
Enclua em si recondito mysterio.

Se exceder me permite  
Hum sentido profano ,  
Com gigantéos passos o Limite ,  
Que assignala o divino ao ser humano ;  
Tem propria semelhança  
Pelo dia , e esperança ,  
Em que se contemplavão nossos dias ,  
A' tua vinda a vinda do Messias.

Gemia à humana Gente  
Em grilhões do peccado,  
Dos Profetas corria amargamente  
Pelas faces o pranto amiudado;  
Patriarcas afflictos  
Davão ais infinitos;  
Mas eis-que o Deos Eterno, piedoso  
Lhes faz surgir o bem mais precioso.

Tal, Senhor, te contemplo,  
Que em tanta desventura,  
Do Messias tomando o Santo exemplo,  
A todos vens trazer dita segura:  
Velho, mancebo, infante  
Com animo constante  
Firmados no presagio verdadeiro  
Em ti esperão ver novo Luzeiro.

Oh! como a fantazia  
Na idéia me apresenta  
A sentida expressão, que proferia  
Já este, e já aquelle na tormenta,  
Justo Ceo, que tardança,  
He esta na bonança!  
Trazei aquelle, em quem só esperamos  
O Santelmo feliz, que desejamos.

Eis-que surge ligeiro  
Nas madidas campinas  
Com prenhes azas passaro rasteiro  
Cruzando as crespas ondas Neptuninas,  
Soberbo, empavezado  
Solta o espantoso brado,  
E suscitando em todos alegria  
Dos timpanos o estrondo o ar feria.

Ah!



Ah! que a expressão me falta ,  
A Musa serpenteia  
Sobre o rasteiro pó , bem que mais alta  
Devia procurar pomposa idéia ,  
Se descrever intento  
O gosto , o movimento ,  
Que nos seus corações todos sentirão ,  
Quando incautos o teu semblante virão.

Aquelle perguntava ,  
Este he o Prelado ,  
Por quem só Parnambuco suspirava ?  
He este , hum lhe responde , que adornado  
De Veste roçagante  
Mostra no seu semblante ,  
Em quem brilhar a compaixão diviso ,  
Hum agrado celeste , hum doce riso.

Viviremos contentes ;  
Elles assim dizião ,  
Mil cultos lhe façamos reverentes ,  
Que por si nossas súplicas se expiãõ ;  
Pois que com sua vinda  
Nossa tristeza finda ,  
E parece que o Ceo justo permite  
Que elle ao nosso penar ponha limite.

Aquella mão eterna ,  
Que a Máquina sustenta ,  
Que n'hum leve acenar tudo governa ,  
E que os insectos minimos attenta ;  
Copiosa influencia  
De celeste Clemencia  
Derrame sobre ti , que te apparelhas  
Só a nutrir as placidas ovelhas.

Empunha, mais não tardes,  
Piedoso o teu Cajado,  
Pois o rebanho, he licito, que guardes  
Por altas ribanceiras espalhado;  
Como prudente o manda  
Pastar a selva branda,  
Pois a candida lá, que nelle cresce,  
Ao teu serviço unico offerece.

De fructos, que deseja  
Teu animo Constante,  
Como pio Cultor da Santa Igreja,  
Tu poderás colher copia abundante;  
Lançando a mão serena  
Sobre o Cajado, acena,  
Que verás a teu leve movimento  
Promptos, o pobre, o grande, o opulento.

*Antonio Lourenço da Silva.*

*Ao*

*Ao Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, Bispo de Pernambuco, Governador Interino, do Conselho de Sua Magestade Fidelissima, Director dos Estudos, Instituidor do Seminario de Letras da Cidade de Olinda, e Socio da Academia das Sciencias, &c. &c. &c.*

S O N E T O.

**Q**uatro vezes o Sol já tinha entrado  
Os doze Signos da Celeste Esfera,  
Pernambuco fiel suspira, e espera  
Pelo que he Luz (1) do Mundo destinado:

*Ligeiro pensamento* (2) o Objecto amado  
Dos nossos pensamentos accelera (3),  
As verdenebras vagas Deos modera,  
Que respeitão hum pezo tão sagrado!

O Enviado de Deos melhor, que Jonas (4)  
Sem precisar baléa, que o arroje  
Vem succeder aos Socios de Barjonas:

Ditoso Pernambuco, já desde d'hoje  
De gosto exultas, de prazer blazonas!  
Já o bem apparece, o mal já foge!

*Pelo Padre Manoel de Souza Magalhães.*

B li

Ao

---

(1) Matth. V. 14.

(2) A náó, que conduzio a Sua Excellencia Reverendissima.

(3) A presteza, com que aportou nesta Villa.

(4) Jon. III. 3.

*Ao mesmo Senhor.*

S O N E T O.

**N**O dia, em que nasceo o Sacrosanto  
Bispo (1) das nossas almas, nesse dia  
Chegou o nosso Bispo: Oh que alegria!  
Enxuga, Parnambuco, enxuga o pranto.

Por elle o Mundo suspirava tanto (2);  
Nosso Paiz por este assás gemia;  
Dos labios delle o leite (3), e o mel corria;  
Este traz da brandura o doce encanto.

Rompe as correntes vis (4), em que forcejas!  
Inda, Jerusalem, suspiras! Inda  
Não sacodes o pó (5)? Que mais desejas?

Vem, Christo do Senhor, consola Olinda!  
Vem em nome de Deos (6)! Bemdito sejas!  
Que immensos gostos! Que ditosa vinda!

*Pelo mesmo Author.*

*Ao*

- 
- (1) I. Petr. 25.  
(2) Isai. XLV. 8.  
(3) Cant. IV. 11.  
(4) Isai. LII. 2.  
(5) Ibidem.  
(6) Luc. XIII. 35.

*Ao mesmo Senhor.*

S O N E T O.

Q Uando apparece aos homens Humanado  
O Ungido de Deos, Deos infinito,  
Apparece tambem nesse Destricto  
O Ungido de Christo venerado:

No dia, em que Jesus he impossado  
Do nome (1), e do poder com sangue escrito,  
No mesmo dia (seja Deos bemdito!)  
Tomas posse, JOSE', do teu Bispado.

São taes' auspicios nossa segurança:  
Vem para nós Deos feito Creatura;  
E tu vens como Christo á sua herança.

Nossos bens nestas posses Deos segura:  
Com a sua fundou nossa esperança;  
Com a tua firmou nossa ventura.

*Pelo mesmo Author.*

*Ao*

---

(1) Merito sane dum circumciditur puer, qui natus est nobis, Salvator vocatur, quod videlicet ex hoc jam coeperit operari salutem nostram immaculatum illum pro nobis sanguinem fundens, &c. &c. S. Bernard. Sermon. 1. de Circumc.

*Ao mesmo Senhor.*

S O N E T O.

**H**oje (graças aos Ceos!) Hoje faz annos,  
Inda a nossa lembrança o testemunha!  
De oppressão longo tempo nos dispunha  
Ao resgate dos Belgicos tyrannos!

Por vós todos, fiéis Parnambucanos,  
A elegante fronte o excelso Cunha  
Cinge da Mitra, o aureo Bago empunha,  
Gratifica ao Senhor dos Soberanos:

Seus Ascendentes nas fataes desgraças  
Dos Oetocazes são restauradores:  
Vós sois dos Triumphantes nobres raças,

Elle, e Vós descendeis dos Bemfeitores;  
Elle entôe por nós a Deos as graças;  
Demos nós ao Pastor dinos louvores.

*Pelo mesmo Author.*

*Ao*

*Ao mesmo Senhor.*

O D E P I N D A R I C A .

S T R O F E .

**D**E Pan a Frauta , a Cithara canora  
De Amphião , ou de Orfeo a doce Lyra ,  
Eu não invejo agora ;  
A minha Musa a muito mais aspira ,  
Canto mais elevado  
Bem merece o objecto sublimado.

A N T I S T R O F E .

Alta materia , fôrma relevante  
Da Jerarquia o Chefe augusto , e serio  
Merece que se cante  
Nas dez cordas ( 1 ) do mystico Psalterio !  
Deixarei tudo pasmo !  
Profetas , dai-me o vosso enthusiasmo.

E P O D O .

Tu , Discipulo amado ,  
A quem o véo se rasga do futuro  
Depois de recostado ( 2 )  
Do Cordeiro de Deos no peito puro ,  
Alcança-me a energia  
Da Fonte eterna da Sabedoria.

STRO-

---

(1) In decachordo psalterio. *Psalms*. XCI. 4.

(2) Joan. XXI. 20.

S T R O P E.

Lá de Patmos (1) no ermo Aguia Divina  
Do Sol immenso arrosta os resplendores.  
Desce da Crystallina  
Esfera, hum dos Celestes Comprehensores  
A Trombeta (2) soprando  
Pelo concavo globo vem troando.

A N T I S T R O P E.

Hum simples som não fórma elle sómente,  
Fórma tambem articulos velozes,  
Com que o Omnipotente  
Faz entender-se por humanas vozes:  
Fere o ar o estampido  
Como de muitas aguas o ruido (3).

E P O D O.

He como a lá nevada (4)  
Sua madexa; os olhos chamejantes (5);  
Traz na boca huma espada  
De dous rigidos gumes penetrantes (6);  
Brilha o seu rosto lindo  
Bem como o Sol no apogéo luzindo (7).

STRO:

- 
- (1) Apocalyp. I.  
(2) Apocalyp. I. 10.  
(3) Vox illius tanquam vox aquarum multarum. Ibidem 35.  
(4) Ibidem.  
(5) Ibidem.  
(6) Gladius utraque parte acutus. Ibidem 16.  
(7) Facies ejus sicut sol lucet, in virtute sua. Ibidem.



S T R O P E .

Vem de roupas talaes revestido ( 1 ) ;  
A zona de oiro o cinge até os peitos ;  
Qual na forja ( 2 ) o incendiado  
Auricales ; assim são seus pés perfeitos ;  
Na dextra sete estrellas ( 3 )  
Sustenta tão pezadas , como bellas.

A N T I S T R O P E .

A seu corpo gentil rodeão sete ( 4 )  
Candelabros de oiro ( oh pompa augusta ! )  
O Aguia se submette  
Prostra-se ( 5 ) aos pés , e tímido se assusta . . .  
Mas ah ! que eu mais receio . . .  
Fórma hum tropel de idéas novo enleio !

E P O D O .

Offusca novo eclipse  
Meu pensamento . . . As luzes tambem cegão !  
Profundo o Apocalypse  
Em vão os Sabios a explanar se entregão.  
Que aos grandes Magisterios  
Tantas palavras tem ( 6 ) , quantos mysterios.

C

STRO-

---

(1) Vestitum podere , et praecinctum ad mamillas zona aurea.  
*Ibidem.* 13.

(2) Pedes ejus similes aurichalco , etc. *Ibidem.* 15.

(3) *Ibidem.*

(4) *Ibidem.*

(5) Et cum vidissem eum cecidi ad pedes ejus tanquam mortuus. *Ibidem.* 17.

(6) Tot habet Sacramenta quot verba. *Heronym. Epist. ad Paulin. Presbyt.*

S T R O F E.

Onde estou? .. Eu discorro? .. Ou eu deliro?  
He esta Olinda? Ou Patmos solitaria?  
Eu canto, ou eu suspiro?  
Neste degredo, ou patria imaginaria  
Candelabros, e Estrellas!  
Quem ditoso será que possa vellas?

A N T I S T R O F E.

Muda-se a scena... Ah! não se engana a vista!..  
Outro igual espetaclo comprehendo!  
Sagrado Evangelista,  
Julgo que o que já viste, eu estou vendo;  
Eis o Anjo Adorado;  
Eis-aqui está dos Ceos o Enviado.

E P O D O.

A Olinda, a Soledade (1)  
Pela palavra vem do eterno Verbo  
Dar da mesma verdade  
Testemunho no tempo mais acerbo (2)!  
Vem o maior dos Sabios!  
Digo o seu nome... Quero honrar meus labios.

STRO-

---

(1) Antonomasia com que se exprime a deserta Olinda, e ao Palacio da Soledade distante della.

(2) Allude não só á calamidade da Igreja universal, mas ainda á de Parnambuco, etc., etc.

S T R O P E.

JOSE' ! . . . Oh Nome digno do sujeito !  
Oh grande Heroe , que o Nome desempenha !  
Encha o nosso conceito ;  
Venha como José ; benigno venha :  
Venha José ao povo  
Qual Anjo Tutelar do Egypto novo ( 1 ).

A N T I S T R O P E.

Faça vir com prudentes invectivas ( 2 )  
A seu menor Irmão , e goze ufano  
Com expressões mais vivas  
José , seu Benjamin Irmão germano ;  
Ambos são medianeiros ,  
Ambos a gloria são dos Brasileiros.

E P O D O.

A prompta vassallagem  
Pernambuco te rende como deve ,  
O alto Personagem ,  
Cujos cabellos pouco adorna a neve !  
E qual Mestre das gentes  
Luzes trazes nos olhos refulgentes !

---

(1) Genes. XLI. 40.

(2) *Ibidem*, XLIII.

S T R O F E.

De lirio a côr, talaes vestimentas  
Bem mostram, para todos quanto vales!  
Ao vivo representas  
A Flor do Campo (1), e Lirio dos Convalle  
Da tunica o vestido (2)  
Te indicá de Jacob José querido.

A N T I S T R O F E.

Eu te adoro, Pontifice eminente,  
Do Enviado de Patmos viva copia,  
De Deos Vicegerente;  
Eu vejo com o Profeta a minha inopia (3)!  
Ah! se eu qual João agora  
Como es Nuncio de Deos, teu nuncio fora.

E P O D O.

Mas ah! . . . que o frio medo  
Me fere o coração, me turba a mente! . . .  
*Alenta-me, Azeredo;*  
*Se sobre mim não pões a mão potente (4)*  
*Se tu me não levantas,*  
*Prostrado estarei sempre ás tuas plantas.*

*Pelo mesmo Author.*

*Ao*

---

(1) Ego flos campi, et lilium convallium. Cant.

(2) Diligebat Joseph super omnes filios — Fecitque ei tunicam polymitam. Genes. XXXVII. 3.

(3) Ego vir videns paupertatem meam. *Jeremias, etc.*

(4) Posuit dextram suam super me dicens: Noli timere. *Apocalypsis. II.*

*Ao mesmo Senhor.*

ODE PINDARICA.

S T R O P H E.

**C**Injão embora os elmos emplumados  
Os Campiões valentes;  
Pelejem guarnecidos, e adornados  
De escamosas loricás refulgentes;  
Vibrem os reluzentes  
Açacalados Punicos alfanjes;  
Prostrem por terra as Marciaes Falanges.

A N T I S T R O P H E.

A fronte eu cinjo só do verde louro,  
E aptando os destros dedos  
Vou ferir sobre o peito a Lyra de ouro:  
Cantarei o Maior dos Azeredos;  
Abrandarei rochedos  
(Se o poder conseguir humano canto!)  
Estro immortal, que me arrebatas tanto!

E P O D O.

De ardor santo inspirado  
As falsas divindades não invoco;  
O meu Heroe sagrado  
*Materia he de Cothurno, e não de soco* (1)  
E basta o seu sorriso  
Para dar-me os esforços, que preciso.

S T R O P E.

Lê nos Annaes o Padre venerando  
De Parnambuco a Historia;  
De huns estudos com outros descansando  
Se deixa surprender da nossa gloria;  
Na postuma memoria  
Vê reviver os fortes que vencerão,  
E morrer outra vez os que morrerão.

A N T I S T R O P E.

Em quasi cinco lustros a arrogancia  
Dos Belgicos tyrannos  
Exasperavão nossa tolerancia!  
Dispicaí-vos, leaes Parnambucanos,  
De tanta affronta, e damnos  
Os nomes abatei em todo o mundo  
De Henrique Hus, de Brinch, e Sigismundo.

EPO-

---

(1) Cam. Lusiad.

E P O D O.

Nas guerras, nas Conquistas  
Vencem os Lusos, nossos Reis despendem.  
Victorias mais bem vistas,  
Do que dos nossos, que espontaneos rendem  
Pela Patria querida  
As possesões, o corpo, o sangue, a vida!

S T R O P E.

João Fernandes, Vidal, Henrique Dias  
São tres raios na guerra  
Obrando todos tres as bizzarras,  
Que o seu valor heroicamente encerra.  
Tudo prostrão por terra;  
Vão contra Sigismundo que commanda  
Tanto ardor militar da fria Olanda.

A N T I S T R O P E.

O Recinto vistoso dos Prazeres  
Foi centro da Campanha;  
Onde obrarão reciprocos deveres  
Desesperada a raiva, e a furia estranha;  
Vence o valor sem manha:  
Henrique Hus confuso se retira;  
Coxea Sigismundo; o Brinch espira.

E P O D O.

O pequeno regato ,  
O qual tambem Jordão se denomina ,  
    Expresso o retrato  
Com sangue vivo da fatal ruina ;  
    Mas turvo o seu espelho  
O Jordão se tornou em mar vermelho.

S T R O F E.

Guararapes fataes , dos altos cumes  
    Erguendo as calvas vistas  
Os fulminantes meneados gumes !  
Funestos ululados bem ouvistes ,  
    E os ecos vãos dos tristes ,  
Que respondendo ás afflicções internas  
Retumbavão nas horridas cavernas.

A N T I S T R O F E.

Tu , General dos Esquadrões Celestes  
    A tua voz levanta ;  
Tu , que de tantos dotes te revestes ,  
Ao Senhor dos Exercitos decanta ,  
    Altos hymnos lhe canta ,  
Canta por nós , Comprehensor da gloria ,  
Nossa restauração , nossa victoria.



E P O D O.

A victoria se acclama :  
No Campo de cadaveres juncado  
O prazer se derrama :  
Rende as graças o exercito prostrado  
A essa Mão Divina  
Que as nossas mãos a peleijar ensina (1).

S T R O F E.

Tu, Excelso Varão, tu, Alma bella,  
Tantas proezas lendo  
Felicitas a nossa Clientella  
O Cajado gostoso recebendo,  
Todo tão nosso sendo  
Pelo amor, pela Patria, pelo emprego.  
Ah! Com que gosto a proferillo chego!

A N T I S T R O F E.

Rejão embora as redeas do Governo  
Os Magnates capazes;  
Mas não venhão as furias lá do averno:  
Tu sabes, esplendor dos Oetocazes,  
Que, quaes dragões vorazes,  
Formão do estrago alheio a propria dita  
Muitos, que a Patria arroja, e o mar vomita.

D

EPO-

---

(1) Qui docet manus meas ad praelium et digitos meos ad bellum. *Psalm. CXLIII. 1.*

E P O D O.

Oh como os Ceos propicios  
As suas bênçãos sobre nós derramão !  
Nos faz mil beneficios  
Esse , a quem Pai os Brasileiros chamão !  
O Principe , que amamos  
Nos deo o bom Pastor , que hoje gozamos !

*Pelo mesmo Author.*

*Poesias feitas em Elogio ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, pelo seu bom Governo não só como Bispo de Parnambuco, mas tambem como Governador Interino daquella Capitania, principalmente pela fundação do Seminario de N. Senhora da Graça da Cidade de Olinda no anno de 1799.*

S O N E T O.

**D**E Alexandre as victorias não invejo,  
Nem de Trajano, e Cezar a grandeza:  
De Hercules, e d' Ayace a fortaleza  
Não me excita nesta alma hum só desejo.

De quanto ha grande, que no Mundo vejo  
Nada pôde abalar minha firmeza,  
Seja de Creso, ou Midas a riqueza  
Seja o esforço dos Heroes do Téjo.

Novos transportes já minha alma sente  
A' vista das virtudes, que pondera  
Do Prelado entre todos excellente.

Neste dia plausivel só quizera  
Por louvar Azeredo sabiamente  
A cithara de Homero: oh quem ma dera!

*Pelo Tenente Coronel Francisco de Brito Bezerra  
Cavaleante.*

*Ao mesmo Senhor.*

O D E.

**D**Esce, Verdade, da Celeste esfera,  
Vem influir-me, vem, oh tu Virtude;  
Enche de luzes a minha alma rude,  
Em quanto louvo Arão, que o Ceo nos dera!  
Só teus influxos quero,  
As Musas não invoco, nem esperó  
Me influão portentosas;  
Porque em fim são deidades fabulosas.

Só tu, Verdade Eterna, altas verdades  
Poderás inspirar-me em sonoro,  
Sublime canto, que do Heroe famoso  
Demonstre suas bellas qualidades.  
Musas não podeis tanto,  
Deixai que influão só neste meu canto  
Essas filhas do Ceo  
Donde o Bem, que gozamos descendeo.

Viuva a Igreja, que Jardim deixara  
Magoada em sua ausencia, e lacrimosa,  
Leva preces á Esfera luminosa,  
Em que prompto remedio ao pranto achara.  
O Deos Omnipotente,  
Que os Ceos, que o Mundo rege sabiamente,  
Hum Pastor nos destina,  
Cuja Eleição sómente foi divina.

Au-

Augusta Filha de JOSE' Primeiro ,  
O Principe Reinante , o Filho Augusto  
Daquella , que sustenta a todo o custo ,  
Immaculado o Throno do Cordeiro  
Divinas inspirações  
Sentirão nos seus Regios Corações  
Que logo produzirão  
A melhor eleição , que os seculos virão.

Não es tu depravada Simonia ,  
Que mil damnos na Igreja tens causado ,  
Quem na eleição do Optimo Prelado  
A mão dirige da Immortal MARIA.  
A virtude he sómente  
Que a Rainha moveo da Lusa gente ,  
Como se manifesta ,  
A Mitra dar-lhe , que lhe adorna a testa.

Mitra , e Baculo insignes respeitaveis  
Dos que podem abrir as portas Santas  
Da Celeste Sião , Sião que encantas  
Por prazeres sómente imaginaveis.  
Quantas vezes sois dados ,  
A quem já mais merece os sublimados  
Distinctivos famosos  
Devidos aos Heroes , aos Virtuosos !

Prelado excelso , tudo se te deve  
De justiça por teus merecimentos ,  
Es Sabio , es Patriota ; os teus intentos  
São , que tenhamos quanto Athenas teve.  
Hum Sabio verdadeiro ,  
Que mil provas tem dado ao Mundo inteiro  
De seu grande talento ,  
Só póde executar tão justo intento.

Ale-

Alegrai-vos, fiéis Parnambucânos,  
Vinde ao Heroe render adorações,  
Mais digno de alta rima, altas Canções,  
Que os Heroes Gregos, que os Heroes Romanos.  
Patricio fervoroso,  
Que offrece os seus talentos generoso,  
Que tem a seu cuidado  
Criar uteis vassallos ao Estado.

Tudo isto são effeitos singulares  
Das grandes luzes, que sua alma encerra:  
Os rumos da virtude já mais erra,  
Fiel a quem creou os Céos, os Mares  
São só projectos seos,  
A honra do seu Rei, e do seu Deos,  
Que adora fielmente,  
Qual outro grande Pai da Hebreia Gente.

Parnambucanos, hum governo cheio  
Vereis de gloria, applauso, e de excellencia:  
Vereis, em vão mordendo o duro freio  
Reprimida a ambição, muda a insolencia.  
Vereis em fim guardadas  
As Leis, que da razão forão dictadas:  
As regras da piedade  
Da sancta paz, da chara liberdade.

*Pelo mesmo Author.*

*Ao mesmo Senhor, segundo assumpto.*

O D E.

C Anoras Musas, que do monte santo  
Aos Cantores influis sublimes versos,  
Que Heroes pintão com seu divino canto,  
E a natureza em quadros mil diversos:  
Prestai-me essa harmonia,  
Divina Clio, e vós também, Talia,  
Com que cante o Prelado  
De Parnambuco tão famigerado.

Respeitavel Pastor, ramo preclaro  
Da nobre Stirpe dos Heroes valentes,  
Que por seu marcial esforço raro  
São a gloria immortal das Lusas gentes.  
Destas almas famosas  
Foi que herdaste, Senhor, as portentosas  
Virtudes, que illustrarão  
Esses, que assim da morte se izentarão.

Daquella Illustre, e clara descendencia  
De Cunhas, de Coutinhos tão famosos (1),  
Nascirão os Varões, que a preeminencia  
Sustentarão dos Reis mais gloriosos:  
As Quinas Lusitanas  
Eclypsarão as Luas Africanas,  
Portuguezas Falanges  
Passarão inda muito além do Ganges.

Nun-

---

(1) Vasco Fernandes Coutinho, Donatario da Capitania do Espirito Santo, hum dos Ascendentes do nosso Prelado.

Nunca lereis a universal Historia  
Dos que de Martê affrontão os horrores,  
Que nella não vejais a vossa gloria  
Nos vossos immortaes Progenitores.  
Seja na dura guerra,  
Oú na dourada paz da Lusa terra,  
Lá ganhárão o nome,  
Que o tempo gastador já mais consome.

Não julgueis que são fabulas sonhadas  
Quanto ouvistes de seus Progenitores,  
E das grandes acções de seus Maiores  
Em corruptas historias conservadas:  
Vêde os altos padrões,  
Que lhes erguem os Freires, os Camões;  
O Inclito Boheno (1),  
Que podia hombraer co' immortal Peno.

Longe, longe de mim as provas feitas,  
Da grandeza, e da sua heroicidade  
Pelos factos da escura antiguidade,  
Que sempre de erros mil serão suspeitas.  
Os Pais, Avós, Parentes  
Desta raça de Heroes preeminentes  
Inda os estamos vendo  
No Brazil, e na Europa florecendo.

Vê-

---

(1) Amador Boheno, natural da Cidade de S. Paulo, Ascendente do nosso Prelado, o qual sendo acclamado Rei pelo Povo, declarou, que a Coroa pertencia ao Senhor Rei D. João IV., e que por elle daria a vida; e com effeito conseguiu, que o Povo jurasse fidelidade ao seu legítimo Soberano. Vej. Memorias para a Capitania de S. Vicente, pag. 130., n. 176. até 184.



Vêde o grande Rangel ( 1 ), Pai adoravel  
Do meu Heroe , que obtem da Magestade ,  
O perdão para os seus , e a liberdade  
Desse jugo d'Aseca insopportavel ,  
Hum Conde de Arganil ( 2 )  
Pasma da Europa , gloria do Brazil :  
Outro grande Doutor  
Da Regia Auctoridade o Defensor.

Não , Claro Cunha , o teu merecimento ,  
Tua grandeza , o teu sublime nome ,  
O tempo gastador já mais consome  
Porque tem na Virtude o fundamento.  
Para veres ergui-la  
Estatua , que eternize a illustre vida  
Não precisas ornar-te ,  
Nem de alheias virtudes ajudar-te.

São teus unicos foros , teus braços ,  
As letras , a prudencia , a probidade ,  
Que o forão já da illustre heroicidade ,  
Dos Trajanos , dos Titos , dos Catões ;  
A quem eternizarão  
As sublimes acções que praticarão ,  
Pois a herdada nobreza  
Sem virtude não póde ser grandeza.

E

Idéas

---

(1) Vej. o Ensaio Economico sobre o Commercio de Portugal , e suas Colonias , Part. I. Cap. V. Nota 15. ao §. X. pag. 47.

(2) O Illustrissimo , e Excellentissimo Senhor Bispo de Coimbra , Conde d'Arganil D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho , actual Reitor , e Reformador da Universidade de Coimbra , Tio do nosso Prelado ; e o Illustrissimo Senhor João Pereira Ramos , Desembargador do Paço , Procurador da Real Coroa , e Senhor de Pereira , Tio do nosso Prelado , bem conhecido pelas suas Letras , honra , e desinteresse com que servio aos seus Soberanos , e a Patria.

Idéas tão rasteiras , de taes cores  
Não nutrem , como a tua , as grandes almas ,  
Que brazonem dos louros , e das palmas ,  
Que alcançárão seus Inclitos Maiores.  
Tuas palmas brilhantes  
Tecem tuas virtudes elegantes ;  
São teus os florecentes  
Timbres , escudos dos portaes pendentés.

Tens prudencia , justiça , temperança ,  
Vasta sabedoria , fortaleza ,  
Probidade , constancia , e inteireza ,  
Seja na tempestade , ou na bonança .  
Eis-aqui quanto basta  
Para a tua memoria não ser gasta ,  
Ser eterno o teu nome  
Bem a pezar do que tudo consome.

Olinda , bella Olinda , alta Cidade ,  
Já passárão seculos de ferro  
Destruir vem o Pai da Patria o erro ,  
E as maximas plantar da sã verdade :  
Vejo nos Orizontes  
Raia a paz , que alegra os valles , montes ,  
Dias de fausto agoiro  
Os dias de Saturno a idade de oiro.

*Pelo mesmo Author.*

*Ao mesmo Assumpto.*

S O N E T O.

**S**E de Grandes o nome pertenderão  
Esses, que o sangue humano derramarão;  
Se Povos, se Nações aos que pizarão  
Da humanidade as Leis, Padrões erguerão.

Se palmas, se tropheos se concederão  
A mil outros, que o Mundo devastarão,  
A muitos, que á vaidade consagrarão  
A virtude, que nunca conhecerão.

Que corôas, que titulos, que nomes  
Merece aquelle, que a virtude adora?  
A virtude, que ó Tempo, não consumes!

Grande Cunha, por quem o Téjo chora:  
O titulo de Heroe manda que tomes;  
Manda a Virtude, que em teu peito mora.

*Pelo mesmo Author.*

*Ao mesmo Assumpto.*

S O N E T O.

**D**O Grande Macedonio as portentosas,  
As rapidas victorias eu não canto,  
A' falsa herocidade não levanto  
Bustos, padrões, estatuas magestosas.

Respeito, adoro, e canto as gloriosas  
Heroicidades de Azeredo em quanto  
Derrama Portugal saudoso pranto  
Por quem sabe exercer acções piedosas.

As letras, e a justiça he o mais antigo  
Brazão, que estima pelas pôr á testa  
De quantos distintivos traz comsigo.

Azeredo he prudente; e que mais resta?  
Fiel ao Rei, dos homens o amigo,  
Este o seu Timbre, a sua estatua he esta.

*Pelo mesmo Author.*

*Ao mesmo Assumpção.*

O D E.

**P**Relado excelso , Cunha respeitavel ,  
São as grandes virtudes , que te adornão  
Prudencia , humanidade ; ellas te exornão  
De gloria a croa , que te faz amavel.  
Mil outras qualidades ,  
Que sómente he que são heroicidades ;  
Preferem-te aos divinos  
Padres da Igreja , Gregos , e Latinos.

Muitas vezes tomando a doce Lyra  
Eu tenho as aureas cordas afinado.  
Em teu louvor eu tenho hoje cantado  
Quanto a verdade , quanto amor me inspira.  
Concluo finalmente  
Que louvado não foste dignamente ,  
Nem inda engrandecido ,  
Por faltar-me hum estillo alto , e subido.

Afficto por não ter engenho , e arte ,  
Quaes divinos Cantores , que espalharão  
Dos famosos Heroes , que eternizarão  
Suas grandes acções por toda a parte.  
As nove Irmãs invoco ,  
Que tornem minha Lyra de som rouco  
Em Lyra altisonante ,  
Com que as grandes acções de Cunha cante.

Ou-

Outra vez eu a tomo confiado  
Nos divinos auxilios, que ainda espero;  
Falta-me a Musa do immortal Homero  
Mal póde ser meu vôo remontado.  
São curtos os meus braços  
Sondar não posso os mares, os espaços  
Da tua inaccessible  
Religião, e gloria incorruptivel.

Pintar nobres acções com vivas cores,  
Cantar a heroicidade sublimada:  
Essa gloria he sómente reservada  
A divinos, a Delficos Cantores,  
Os feitos do Troyano,  
Do Filho de Laertes Soberano  
Objecto forão dino  
Do Cantor Grego, do Cantor Latino.

Se estatuas minha Musa levantado  
Ao claro Heroe não tem pela pobreza,  
Pela falta de engenho, e natureza,  
Precisas para o ter eternizado.  
Mostrando-o com o dedo  
De o louvar descobri novo segredo,  
Ninguem ha, que não veja  
Nelle o retrato dos Heroes da Igreja.

Direi unicamente que o teu nome  
Gravado está no templo da memoria:  
Que as acções, que se lem na illustre historia  
Da tua vida o tempo não consome.  
Que o teu merecimento  
A virtude só tem por fundamento,  
E que inda farás tanto  
Que darás novo assumpto a novo canto.

*Pelo mesmo Author.*

*Ao Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, Bispo de Parnambuco do Governo Interino, Fundador do Seminario Episcopal da Cidade de Olin-da, Director dos Estudos, do Conselho de Sua Magestade.*

O D E.

O Peito arroja aos impolados máres,  
Qual velifera não, Musa rasteira,  
E procurando inhospitos lugares,  
Os pannos solta em rapida carreira;  
Sem procelloso acceno  
Vejas o Ceo sereno

Cuja cerulea côr, sem ter mudança,  
Promette aos Nautas prospera bonança.

Ao mais impenetravel do Thesouro,  
Onde se occulta a Delphica riqueza,  
Guiada pelo Deos intonso, e louro  
Entra, em quanto consulto a Natureza;  
Lá, pois careces dellas,  
Escolhe expressões bellas,  
Sobre quem o discurso o plano traça,  
Cheio de ornato, de pomposa graça.

Fira a minha alma intelligente raio,  
Vivas côres me preste a fantazia,  
Que a voz, a doce voz no peito ensaio  
Para cantar a gloria deste dia;  
Dos laços da rudeza  
Solte-se a Natureza;  
Pois que com mão ligeira o véo escuro  
Faço correr á scena do futuro.

Idoso Velho alli vejo sentado  
N'hum pedestal, o vulto encanecido  
Voltando para traz, mostra o passado,  
E quanto tem os dias envolvido,  
Por infallivel conta  
Longas eras aponta,  
Curvados aos seus pés gemem ás vezes  
Fugaces annos, seculos, e mezes.

Acolá dos mortaes vê-se o Destino  
Em circulo veloz o pé volvendo,  
Que desandando o giro, repentino  
Vai d'hum, e d'outro a sorte pervertendo,  
Aqui vê-se presente  
Em lamina luzente,  
Armado em campo contra os Olandezes,  
O esforçado valor dos Portuguezes.

Ditoso dia, dia, em que se virão  
Desatados do jugo os Lusitanos,  
Cuja aspereza barbara sentirão  
Para oppressão maior, para largos annos...  
Mas eis que corre a scena  
Surgindo a paz serena,  
E d'hum novo character se apresenta  
Do furor inimigo a patria izenta.

Mitigai, Varões fortes, vossas iras,  
Que a fraca pallidez de vós se esconde...  
Porém, rasteira Musa, tu deliras?  
Aonde levas teu projecto? aonde?  
De pensamento muda,  
Novas lições estuda,  
Que o Cisne, quanto mais os ares fende,  
As pennas tanto mais o Sol offende.



Venturosa estação, clima saudavel,  
Cuja respiração já mais consente  
O natural effeito variavel,  
A corrupção impura, e pestilente;  
Lá no assento celeste

Lustrosas roupas veste,  
E o teu Pastor á face dos altares,  
Qual hospede, recebe nos seus lares.

Os rutilantes olhos nelle fita,  
Que verás o seu placido semblante,  
Onde hum rizo celeste sempre habita,  
De hum terno coração raio brilhante;

Se acaso do ciume  
Em ti se atêa o lume,  
Dando-lhe os vivas por tamanha graça,  
A azul esfêra satisfeito abraça.

Olha, repara, como aquelle chega  
Apressado aos seus pés, elle prudente  
O carinhozo affago não lhe nega,  
Effeito só de hum animo clemente;

Beijar-lhe a mão pertende,  
Mas eis que se suspende  
Por ver que huma sustém firme o Cajado,  
Outra se occupa no Bastão honrado.

O monstro Centi-Lingue, que vagando  
Surge nos mais reconditos lugares,  
Hum Varão mais perito, e venerando  
Não conta que inda vissem nossos lares,

Nem que hum Pastor da Igreja,  
Que intrepida peleja,  
Ao Cajado fatal tivesse unido  
O potente Bastão dos reos temido.

A sua vinda, o dia, em que Dezembro  
Se distingue, mysterio em nós imprime...  
Mas ah! que me recorde, que me lembro  
Que me escutais vós mesmo, Heroe sublime;

Musa minha, tropeças?  
Tremes? não enfraqueças

A idéa, que fazes, o respeito  
Não te suffoque a voz dentro no peito.

As virtudes, Senhor, que vos adornão,  
Debaixo de hum sorrizo desfarçadas,  
Continuas benções sobre vós entornão  
Dos Theouros das celicas moradas;

Os vossos nobres feitos  
Tração em nossos peitos

O plano, onde versar póde constante  
Do vosso applauso o carro triunfante.

Se aquelles, que elogios mil tecêrão  
Aos mentidos heroes da antiga idade;  
Vissem inda no tempo em que vivêrão  
De vosso peito a summa heroicidade,

De sonhadas quimeras  
Zombarião as eras,

De seus feitos ficando o monumento  
Subterrados no pó do esquecimento.

Se aquelle Grego heroe ( cujo alto nome,  
De bronze em duras laminas gravado,  
O tempo estragador já mais consome )  
Sahindo a campo intrepido, e esforçado

Para mais alta gloria,  
A preza da victoria,

Que a custo do seu braço conseguia,  
Pela misera gente repartia;

Em

Em vós, sabio Pastor, vemos presente  
Espírito maior de heroicidade;  
Pois soccorreis ao misero indigente  
Abrazado no ardor da caridade;

Aquelle se alentava  
Das vanglorias, que obrava,  
Que por dar o alheio tem perdido,  
A gloria, que vós tendes conseguido.

Eia, pio Varão, virtude tanta  
Cada vez mais vegete em vosso peito,  
Pois que do vosso nome se levanta  
Da caridade hum symbolo perfeito;  
De vós, de vós sómente  
Diria o que alma sente,  
Se bem que ás vezes o silencio tece  
O mais alto louvor, que se appetece.

Já basta, ó Musa, pois dos altos máres  
Temos calcado a furia violenta;  
O rijo vento, os condensados ares  
Nos annuciação aspera tormenta;  
Abraçando a cautela,  
Fujamos á procella,  
Em quanto o tempo favoravel dura,  
Vamos surgir ao porto da ventura.

*Antonio Lourenço da Silva.*

*Ao Illustrissimo, Excellentissimo, e Reverendissimo  
Senhor D. José Joaquim da Cunha de Azeredo  
Coutinho, Bispo de Parnambuco, do Governo  
Interino.*

O D E P I N D A R I C A . . .

S T R O F E .

**N**ão lanço as garras, qual leão faminto  
Sobre assumptos alheios,  
Nem em roto baixel affeito intento  
Surcar os mares de procellas cheios;  
Nem as azas entrego ao subtil vento,  
Té encostar à Região flamante,  
Mas cauto, e vigilante  
Medindo a esfera com sublime raptó  
Do mais rasteiro assento as azas bato.

A N T I S T R O F E .

Agora peço aos Vates, que se calem,  
Que sacro enthusiasmo  
Em continuo calor me inflama a ideia,  
Impelle a todos a silencio, e pasmo  
Estro maravilhoso, ardente veia;  
Em grossos borbotões limpida enchente  
Correndo diligente  
Da unha, que assellou o fatal bruto,  
Em torno ensópa o campo mais enxuto.

E P O D O.

Ninfas ligeiras voão  
A's fraldas da Beocia, cuidadasas  
Tecem capellas mil, com que coroão  
Os meus Ethontes, de engraçadas rosas,  
Ah! que elles, como nunca, se remontão,  
Nuvens pizando, que nos ares girão,  
Anelhantes de si fogo respirão.

S T R O P E.

Eis que diviso hum monstro, que envolvido  
Em transparente veste,  
Soprando a tuba, arqueia a sobancelha,  
Estremecendo a abobeda celeste;  
Apóz d'elle corusca luz vermelha,  
Que em continuos relâmpagos fuzila;  
Meu animo vacila:  
Antes que o vôo mais subido tome,  
Submisso inclino a frente, ouvindo o nome.

A N T I S T R O P E.

Gloria do Grão David, José intacto,  
Guarda desse Thesouro,  
Que a terra vio, não como o afigurado,  
Que sobre ella cahio em chuva d'ouro,  
Em ti se vê o bem recuperado,  
Que atropellou aos pés o Pai primeiro,  
Em ti o verdadeiro  
Ramo florece de Jessé frondoso,  
Qual Varão casto, santo, e virtuoso.

E P O D O.

Inda que por distante,  
Não chega a divisar a humanidade  
A Essencia Divina, que o brilhante  
Astro formou com summa potestade...  
Que me queres, idéa imperceptivel?  
Não largo os pannos ao ligeiro vento,  
Que o meu baixel empurra violento.

S T R O F E.

Nativa propensão, realizada  
Por vestigios patentes,  
Em ti, Senhor, se vê no ministerio,  
Que os costumes enfreia, e doma as gentes;  
Hum discurso perito em vituperio  
Dos que hobreião a Fé, e a Igreja Santa;  
Tua prudencia he tanta,  
Que bem mostra, que em ti ver-se podia  
Outro José, se houvesse outra Maria.

A N T I S T R O F E.

Se aquella, que de amor predominada  
Pelas mimosas graças,  
Que no casto mancebo descobria,  
Armando-lhe subtil manhosas traças,  
Nelle tyranna resistencia via;  
Pois munido d'hum animo constante  
A capa roçagante  
Nas mãos lhe deixa, e apressado foge,  
Temendo que o Senhor de tal se enoje.

E P O D O.

Essa mesma constancia ,  
Em ti , Sabio José , continúa habita ,  
Pois só se emprega a tua vigilancia  
Sobre a Igreja , que intrepida milita ;  
E he de crer , que em lance tão custoso  
A mesma resistencia experimentasse ,  
Se houvesse quem teu animo tentasse.

S T R O F E.

A mão , a Regia mão , que nos governa ,  
Que o Sceptro refulgente  
Sustenta , com que rege piedosa  
O aureo Brazil , submissa gente ,  
Vendo a tua inteireza preciosa ,  
Em ti depositou dominio largo ;  
Pois este honroso cargo ,  
Que em nós imprime summa reverencia ,  
Realçou de tua alma a preeminencia.

A N T I S T R O F E.

Sedento avaro , cauto , e receoso  
Os cofres afferrolhe ,  
Negue o Oriente as pedras crystallinas ,  
Que nas cavernas lúbricas recolhe ,  
A terra esconda nas profundas minas ,  
O producto fulgente , o feto nobre ,  
Que o Colono descobre ,  
Regos abrindo o luzido arado ,  
Mais precioso dom , mais estimado.

E P O D O.

Tu que com temperança  
Em propicia estação os campos aras,  
Que de outra mão herdaste, na esperança  
De crestar as frutigeras searas,  
Tu es firme columna, em quem se estriba,  
Sem que o possa negar a mão suprema,  
O aureo Sceptro, o Regio Diadema.

S T R O F E.

Abre o volume, que girando corre  
O ambito espaçoso,  
Nelle verás discursos frazeados  
Sobre o Commercio, aos Reinos proveitoso,  
Acharás pensamentos delicados,  
(Parto do mais sublime, e douto engeno)  
Sobre o fatal despenho,  
Com que os imperios demolir procura  
O desprezo da liza Agricultura.

A N T I S T R O F E.

Negra ambição do báratro profundo  
Em sulfureos vapores  
Batendo as azás, a entornar começa  
Sobre os mortaes pestiferos licores,  
Meneando a torpissima cabeça,  
Os densos ares pavorosa fende,  
Dos cabellos desprende  
Aquelle horrivel monstro, que na terra  
Dissonante suscita dura guerra.



E P O D O.

Quer derrubar do imperio  
A creadora Ceres, sollicita  
Dós Alumnôs fiéis o vituperio,  
A quem a Deosa presta summa dita;  
Desastrada Estação? quanto differes  
Dessa idade feliz, em que o innocente  
Mettia a mão na boca da serpente?

S T R O F E.

Mas tu, Sabio José, em quem se apura  
Dest' arte o summo zêlo,  
Desenvolvendo a maxima instructiva,  
Que em ti fórma hum character mais que bello;  
Em sublime lingoagem expressiva  
Divulgas o que tem de proveitoso  
O Commercio nervoso,  
De cujos ramos, sempre verdejantes,  
Colhe o Monarcha frutos abundantes.

A N T I S T R O F E.

Em paz serena a decotante espada  
Torne a empunhar Astreia,  
Promulgue sábias Leis no solio augusto,  
Cujo poder a pravidade enfreia;  
A crua sem-razão, o feito injusto  
Pondere na rectissima balança,  
Torne feliz bonança,  
E traga o ferreo seculo passado  
Apóz de si o seculo dourado.

E P O D O.

Em ti nossa esperança,  
Claro Pastor, verdeja mais viçosa. . .  
Mas ah, que a minha Musa se abalança  
Aos astros, encarando a luz fogosa;  
Basta de vôo, ó Musa, e desde agora  
Do teu Heroe, que firme te proteja,  
O nome adora, a mão excelsa beija.

*Pelo mesmo Author.*

---

*Ao Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Dom  
José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho,  
Bispo de Parnambuco, do Conselho de Sua Ma-  
gestade Fidelissima, do Governo Interino, e Di-  
rector Geral dos Estudos, etc.*

O D E P I N D A R I C A.

S T R O F E.

**C**anto sonóro, tuba d'ouro fino  
Desejo, minha Musa,  
As vivas expressões, o som divino  
Do Fulvo Deos intento,  
E solto das prizões meu pensamento  
Em si conceba idéas magestosas,  
De branco lirio, de purpureas rosas  
Nosso Heroe coroemos  
Ao som dos versos, que ambos lhe tecemos.

AN-

A N T I S T R O F E .

Versi-potente raio já me fere ,  
A' maneira d'hum Vate  
Me inspira Delio , o mundo ouvir-me espere  
Cheio de assombro , e pasmo ;  
Pois me promete o sacro Enthusiasmo ,  
Que scintillante na minha alma impura ,  
Forçoso erguer-me da terraquea esfera ,  
Té que me obrigue a chamma  
As aureas portas arrombar da Fama.

E P O D O .

Lá vejo erguer a frente ,  
De viçosa Oliveira coroada ,  
A excelsa Olinda , que se a voz não mente ,  
Formosa , e linda foi denominada ;  
Sobre montes soberbos faz ciume  
Ao mais sublime , e levantado cume ,  
E qual platano erguido ,  
Ostenta o côlo seu reverdecido.

S T R O F E .

Sobre seus hombros niveos sustenta  
Effigie soberana ,  
Que Heroe Religioso representa ;  
Ornamentos honrosos  
Inculção seus projectos virtuosos ,  
Hum paternal affecto , hum doce riso  
Morar em seu semblante bem dívise ;  
E por tanta alegria  
He quem completa a fausta Profecia.

A N T I S T R O F E .

Ah! que ella com ardor lhe gratifica  
Esse paterno zêlo,  
Que de novo seus lares edifica;  
Pois seu braço potente  
Decrescer fará nella grossa enchente,  
Desejando que aos seculos futuros  
Encarem fortes seus erguidos muros:  
E pelo bem que alcança,  
Té sobre os hombros seus ella o descança.

E P O D O .

O Commercio nervoso  
Vé restaurar-lhe a sua alta prudencia,  
Fixando por systema judicioso  
Sobre ella os fundamentos da sciencia;  
E em seus recintos, se he acção custosa;  
Verá marchar a gente bellicosa,  
Pois o ardor que o doma,  
He fazer que inda a inveje Grecia, e Roma.

S T R O F E .

Porém que lisongeira fantazia  
Cerca meu pensamento?  
Não he Olinda, não, Senhor, que eu via,  
Curvada ao pezo honroso  
De vossa effigie, objecto magestoso:  
He sim o vosso veneravel Nome,  
A quem o voraz tempo não consome,  
Erguido em frase bella  
Sobre o louvor dos Habitantes delia.

A N T I S T R O F E .

Poder supremo , fulminante braço  
Prosta , lança por terra  
Populosa Lisboa em breve espaço :  
Do Throno em que se préza  
Succumbe demolida a vã riqueza ,  
A quem , abrindo gretas toda a terra ,  
Parece que fazia crua guerra ,  
Em seus eixos rodando ,  
E mil volcões de fogo vomitando.

E P O D O .

Aqui a sepultura  
Achava aquelle , que fugia á morte ,  
Alli a semiviva creatura ,  
Que intentava salvar-se no transporte ,  
Apressava o estrago , o feio exicio  
Em deshumano arrôjo hum edificio ,  
E os bravos elementos  
De mãos dadas forjavão mil tormentos.

S T R O F E .

Aquelle , cujo nome a Lisia adora ,  
Ainda hoje intacto  
Da corrupção do tempo estragadora ;  
Aquelle novo Atlante ,  
Que sobre os hombros sustentou constante  
Da Lusa Monarquia o pezo grave ,  
O immortal Marquez , Lustrosa Chave ,  
Que , por ser peregrina ,  
Abrir podia a Porta Diamantina.

A N T I S T R O P E .

Eis que começa a erguer nova Cidade  
Das mesmas cinzas frias,  
Perfeitos edificios na igualdade,  
Diversas officinas,  
Novas Artes, preclaras Disciplinas;  
Por todo o Portugal seu nome soa,  
Passa ao Hidaspe, além do Gange vóa;  
E com desassocego  
O recebe nas margens o Mondego.

E P O D O .

Que analogo retrato  
He a esse Ministro vossa Essencia?  
Já no zêlo da Patria, já no grato  
Desejo de plantar nella a sciencia:  
Qual matutino orvalho a quem os ares  
Envião a banhar secos lugares,  
Tal foi a vossa vinda  
Aos campos secos da fragosa Olinda.

S T R O P E .

Se por acções heroicas, nobres feitos;  
Voão de polo em polo  
As almas grandes, os sublimes peitos,  
Se colhem mil louvores  
Pelas Cidades claros fundadores,  
Se por egregias obras, que semeião,  
Os Authores applausos mil grangeião,  
Que applausos não merecem  
Vossos feitos, que a patria hoje ennobrecem!

A N T I S T R O F E .

Do sabio Grego , em quem a Lusitania  
Teve seu nascimento ,  
E feio estrago os muros de Dardania ;  
Posto que leve o nome  
De cem bocas o monstro aonde dome  
Ainda nova zona , estranho clima ,  
E sempre em gritos , com que o vôo anima ,  
Toque a plaga mais fria ,  
Onde talvez mais breve seja o dia .

E P O D O .

Não he a gloria tanta  
Quanta em vossas acções hoje contemplo ,  
Pois se elle huma Cidade ergue , e levanta ,  
Vós das sciencias levantais hum templo ;  
E se applauso os alumnos lhe conseguem ,  
Tambem o justo applauso não vos neguem  
Esses , de quem se observa ,  
Que fazeis sacrificios a Minerva .

S T R O F E .

O dente anavaldado envista embora  
Do vosso nome a honra ,  
Porque prostrado o Bem commum o adora ;  
Os zoilos imperitos  
Estudem contra vós mordazes ditos ;  
E sobre os eixos da tartarea Inveja  
Vosso claro Esplendor voluvel seja ,  
Porque em fim vos defende  
Da Igreja a espada , que da mão vos pende .

A N T I S T R O F E .

Monstro cruel , maledica serpente  
Entona o feio côlo ,  
Encrespa altiva a escama reluzente ;  
E quantô mais se altera  
A cauda erguendo , mais o ar verbera ,  
Em tortuosas roscas sibilando  
Quer investir , de novo o côlo. inchando ;  
Mas eis que espada erguida  
Lhe decepa a cabeça entumecida.

E P O D O .

Obeliscos lustrosos  
Ergua em honra de heroes a gente cega ,  
Nelle descreva os feitos gloriosos  
A ver se a Fama o tempo não lhe nega ;  
E de Saturno aos pés , que os evos piza ,  
Deixe mil invenções em pedra liza ,  
Que em vez d' historia vasta ,  
Repetir Azeredo só vos basta.

S T R O F E .

Venturosos Alumnos , vossa dita  
Quão se faz invejosa  
A'aquelles , em quem summo ardor milita !  
E quanto vos protege  
Esse Astro , que as venturas sabio rege !  
Astro , que influe no coração preclaro  
Do immortal Azeredo animo raro ,  
Invencivel constancia ,  
Com que tem sobre as letras vigilancia.



A N T I S T R O F E .

Por vós espera , abrindo os ternos braços ,  
Qual Mãi saudosa , e cara ,  
Para quem tenro filho move os passos ,  
Essa aurea Clausura ,  
Onde ver-se-ha das Artes a cultura ;  
Em vossas Lyras , no mais doce canto  
Entoai de Azeredo o nome santo ,  
Que inerteis tendes sido  
Em tecer o louvor , que lhe he devido.

E P O D O .

Entraí pois nesse templo ,  
Que se erigio em honra de Minerva ,  
Lá tereis a doutrina , o sabio exemplo  
Desses Varões , que o justo Ceo conserva ;  
Cujas subtis , e delicadas pennas  
Inveja Grecia , Roma , inveja Athenas ,  
Que só nelles admirão  
Ter copia os Sabios , que as idades virão.

S T R O F E .

Eia , estimavel Mocidade nobre ,  
Na applicação das letras  
Cada qual de per si progressos obre ;  
De vós tímidos fujão  
Prazeres vis , que a mente sobrepujão ;  
A' preguiça , ao descanso , á cobardia  
Não deis em vossos peitos moradia ,  
Antes com diligencia  
Colhei os doces frutos da sciencia.

H

AN.

A N T I S T R O F E .

Sobre os evos alígeros sentado  
Deixai que võe o tempo,  
E o volume vital revolva o fado ;  
Que em seus ligeiros cursos  
Perfeitos ficarão vossos discursos ;  
Por ordem , e por terminos precisos  
Formareis raciocínios e juizos ;  
E o seculo vindouro  
De vós receberá escriptos d'ouro.

E P O D O .

Mas ah ! que eu me despenho !  
Hum rasteiro animal tanto não suba ;  
Musa minha emudece , pois já tenho  
A voz cançada de assoprar na tuba ;  
Fitos os olhos sobre a humanidade  
Contempla de Azeredo a caridade ,  
A quem por ser o espelho  
Do Heroismo fatal , dobro o joelho.

*Pelo mesmo Author.*

*Aos Faustissimos Annos do Excellentissimo , e Reverendissimo Senhor D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho , Bispo de Parnambuco , e do Governo Interino , &c. &c. &c.*

IDYLLIO PASTORIL.

**Q**ue alegre vem rompendo o claro dia ,  
Em densa nuvem de ouro matizada ?

Como rebenta a Aurora destoucada ,  
Assignalando o termo á Noite fria ?

Em torno o manso gado  
Nas porras dos cazaes arrebanhado ?

Que nunca usado enfeite ?  
Os Serranos de rélas côr de leite ?  
Tangendo as frautas rusticos Cantores ?  
Juncada a terra d'orvalhadas flores ?

A quem se applicaráõ , a quem são dados  
Tantos vivas ? bem claro se presume  
Ser Tutelar d'Aldeia , aquelle Nume ,  
Que a regencia conserva entre os cajados ;

Será , se não me engano ,  
A chegada de Pan , ou de Silvano ?

Será , se bem medito ,  
De Flóra , ou de Pomona o sacro rito ?  
Agora mais se augmenta o meu desejo  
A saber a razão deste festejo.

Pastores , que habitaes nessas cabanas  
Tangendo vossas frautas afinadas ,  
Que acompanhais com vozes concertadas  
Os assentos canoros das Serranas ,  
    Contai-me , que alegria  
Vos convida a tão doce cantoria ?  
    Mas ah ! que já me lembro ,  
Hoje , que oito se contão de Setembro ,  
Faz annos Azeredo , alma celeste ,  
De quem passo a cantar na fruta agreste.

Hum Espirito nobre acompanhado  
De preclaras virtudes nelle mora ,  
A sã justiça , que no Olimpo fora  
Tomar novo apozeno sublimado ;  
    A innocencia , a constancia  
Reina em sua alma desde a tenra infancia ;  
    De candidez celeste  
Eis que em seu Nascimento se reveste ,  
Que já mais de seus braços o desvia ,  
Logo que apparece á luz do dia.

Santa prudencia nelle premanece  
Em fixo assento , donde sempre raia ,  
E sobre todos providencia espraia ,  
Bem como faz o Sol quando amanhece ;  
    Hum sempre honesto rizo ,  
Hum magestoso ar , a graça , o sizo ,  
    De cujos dotes nasce  
Ter o gésto formoso , linda a face ,  
Verdejão em seu animo sereno  
Como succede ao lirio em prado ameno.

Ah ! com elle , que assombro ! ainda infante  
A caridade provida crescia ,  
E tocando á razão lhe succedia  
O mesmo , que no campo á flor gigante ;  
    Tão cheio he de piedade  
Que pôde espelho ser á humanidade ,  
    Contra a sorte inimiga  
Ao que chega a seus pés constante abriga ;  
Pois o Ceo , Creador que he do Universo ,  
Nelle esgotou mil dotes desde o berço.

Presta attento os ouvidos ao queixume  
Contra os revezes da cruel desgraça ,  
O pranto o enternece , a dor enlaça  
Seu coração que he nobre por costume.  
    Oh ! como vigilante  
Ao rebanho conduz a ovelha errante ;  
    E se acaso imagina  
Que a falta de beber he quem a amofina ,  
Obrando o quanto a caridade pede  
Ao pé da fonte vai fartar-lhe a sede.

Huma tarde , em que ao Sol pouco restava  
A esconder suas luzes no Occidente ,  
Por espessas veredas diligente  
O Illustre Pastor se encaminhava ,  
    Quando ternos balidos  
De huma ovelha penetrão seus ouvidos :  
    Oh ! como elle assustado  
Busca a serra veloz , salta o vallado ,  
Té que a encontra do lobo assás ferida ,  
De quem apenas escapou com vida.

Que dor! que mágoa! em que pezares fica,  
Observando na ovelha estrago tanto,  
A ella chega, e com disvélo santo  
Remedio salutifero lhe applica;  
Attonito, e absorto  
Com as proprias mãos prestando-lhe conforto,  
A ver se poderia  
Conduzilla ao curral com melhoria,  
Mas eis que o não consegue, acelerado  
Carrega-a aos hombros, qual Pastor Sagrado.

Vós, Faunos, vós, ó Satyros silvestres,  
Que das Ninfas gentís sois amadores,  
A cujos sacrificios os Pastores  
Preparão sempre dadas campestres,  
Nesses bosques incultos  
Cessai de receber honrosos cultos,  
Demitti o cuidado,  
Que tendes de guardar o manso gado,  
Pois o lobo voraz á vista vossa  
Accommette aos rebanhos, e os destroça.

Não he assim José, a quem foi dado  
Poder tanto no Ceo, quanto na terra,  
Pois o rebanho que nas grutas erra  
Só com sua tutela anda guardado;  
Seu nome tanto impera,  
Que entre os Deoses Campestres se venera;  
O monte, a serra nua  
Se alcatifão de flores em honra sua;  
A cujo aceno por fatal preceito  
Curva-se o lobo cheio de respeito.

Sempre ditosa rompa no horizonte  
A Aurora neste dia assignalado,  
No rôxo carro em circulo dourado  
Mostre aos mortaes 'a diamantina fronte;  
    O throno da desgraça  
Derrubado por terra se desfça,  
    Suffoque o seu queixume  
A ave que não sahe do dia ao lume,  
Emmudeção os passaros rasteiros  
Os seus canticos tristes, e agoureiros.

Serranos que fazeis? soprai comigo  
Nas fistulas de cêra conjunctadas,  
Inventai cantilenas concertadas,  
Que se affastem daquelle metro antigo;  
    O Pastor, de quem canto,  
Ajudai-me a louvar, se posso tanto;  
    Exaltai o seu nome,  
A nossa Aldeia nova face tome,  
Pois ha muito que todos suspiramos  
Por este dia a quem assignalamos.

Ah! que hontem quando eu estava reclinado  
Junto á fonte ligeira, e crystallina,  
Vendo a corrente que veloz se inclina  
Do cume do penedo levantado,  
    Sobre os ramos d'hum freixo,  
Cuja raiz penetra hum bronco seixo,  
    Com graça, com belleza,  
Emprestada por mão da Natureza,  
O rouxinol cantando promettia  
Nascer ditosa Aurora neste dia.

Driades, que dos campos sois Tutelas,  
Festivas destoucando vossas tranças,  
Traçai novas Coréas, novas danças,  
Todas vestidas de custosas télas;  
Com destros companheiros  
Movei ao som da frauta os pés ligeiros,  
Em ecco doce e brando  
Modulai quando fordes as mãos dando,  
Que eu, transgredindo entoações antigas,  
Repito em seu louvor estas cantigas.

Descei do Empyreo  
Prazeres santos,  
Os nossos cantos  
Vinde ajudar.

De Azeredo  
Varão perfeito,  
Dentro no peito  
Vinde habitar.

Tem a sua alma  
Dons de virtude,  
Que a gente rude  
Sabe apreçar.

Não ha no mundo  
Prenda mais rara,  
Quem se esforçara  
Para o imitar!

Tem mesma a graça  
No seu semblante,  
Que o Sol brilhante  
Logo ao raiar.

Tem



Tem mais apreço  
Sua belleza,  
Do que a riqueza  
Da terra e mar.

Em honra sua  
Nós que o amamos,  
Depressa vamos  
Erguer-lhe altar.

Seus faustos annos  
Cantai connosco,  
Se bem que he tosco  
Nosso cantar.

Formando danças  
Venhão. Serranos  
Seus faustos annos  
A celebrar.

Vamos, Ninfas, o tempo está propicio,  
E o rito pastoril lá se prepara;  
Já se espera por nós, vamos á ara,  
Onde faremos nosso sacrificio,  
Que rustico apparatus!  
Nunca se vio n'Aldeia maior trato!  
Que pompa! que festejo!  
Das offertas que levo té me pejo;  
Mas para as Almas cheias de Nobreza,  
Val mais o coração do que a riqueza.

Huma Ovelha conservo tão domada  
Que pondo-se-lhe a mão logo se humilha,  
E dentro no curral huma Novilha,  
Que inda ha pouco do ferro está marcada,  
Hum tenro Cordeirinho  
Que inda procura o maternal carinho,  
Tudo isto lhe offereço;  
Bem sei que offertas são de pouco preço:  
Mas sua alma, de quem copia se tome,  
Se conhece a ambição he pelo nome.

Das mais mimosas produções da terra,  
Daquella flor, na qual, inda recente,  
Se converteo de Clio o descendente,  
A quem amor urdio tyranna guerra;  
De brancas, de amarellas  
Eu vou tecer grinaldas e capellas  
Com variaveis cores  
Eu já parto a enramar festões de flores,  
E convidando a todos os Serranos  
Novos festins faremos a seus annos.

*Pelo mesmo Author.*

*Ao Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor D. José  
Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, XII.  
Bispo de Parnambuco, do Conselho de Sua Ma-  
gestade Fidelissima, Director Geral dos Estudos.*

ROMANCE HEROICO.

SE os antigos heroes sobreviventes  
A's suas mesmas cinzas apagadas  
D'hum polo a outro pólo conduzidos  
Forão da fama nas volantes azas;  
Se a sacra apotheose conseguindo,  
Appellidados erão com voz clara  
Semi-Deoses, Indigetes, Celestes,  
Terriveis producções da mente vaga:  
A quem melhor, que ao Sabio José justo,  
Epithetos selectos se consagrão,  
Fazendo-se lembrar seu grato Nome  
Por onde girar póde a veloz fama?  
Dos grandes Azeredos a piedade,  
Que igualmente do tronco a Elle passa,  
Hum nome venturoso, e mais sublime  
Por sublimes virtudes lhe prepara.  
Deveria chamar-se hum Vice-Christo  
Heroe, que pelo Officio a Christo iguala,  
Ficando a fabulosa Musa infame  
Vencida de huma vez da Musa sacra.  
Deveria tambem ser permanente  
O Pastor, que as ovelhas tanto guarda,  
Que do trabalho seu, do seu cançasso  
Outro lucro não quer, que o vê-las fartas.  
Deveria por meios muito justos  
Ser-lhe da lei da morte a vida cauta,

Porque sempre existisse quem nos desse  
O pasto esp'ritual da eterna graça.  
Deveria . . . mas onde assim me elevo  
Neste ardente furor , que a alma me abraza ,  
Se o nome , que lhe intento , lhe he devido ,  
Se as virtudes , que canto , são-lhe iunatas ?  
A alegria geral , o incrível gosto ,  
Que os nossos corações tanto avassalla ,  
Lhe ministrão o nome venturoso ,  
Com que os grandes heroes a fama exalta.  
Não me recordo , não , do grande Tronco ,  
Que brotou tão feliz , egregia Rama ,  
Pois vemos na feliz , ditosa Prole  
As mais nobres acções hereditarias.  
Não canto que dos grandes Azeredos  
Procede dos Coutinhos a Prosapia ,  
Pois a Musa Christã cantar não sabe  
Da ascendencia d'hum Bispo a serie larga.  
Deve sim com desejo o mais vehemente  
Contemplar-lhe a virtude , e as prendas raras ,  
Por ser hum novo esmalte , que o adorna ,  
Mais devido á cultura , que ás heranças.  
Devem-se os timbres , devem-se as riquezas  
Da Deosa cega á pérfida inconstancia ;  
Mas a prática nobre das virtudes  
He devida sómente ás grandes almas.  
Tal se ostenta em José hum genio affavel ,  
Huma grande prudencia , humas entranhas  
Cheias só de piedade , humas mãos soltas ,  
Que abertas quanto mais , mais agazalhão :  
Hum proceder em fim maravilhoso ,  
Des que da Lysia ao vento as velas larga ,  
Fazendo-nos julgar não ser acaso  
A serie de tão prosperas façanhas.

Nós vemos que , surcando hum mar immenso ,  
Parece ter do vento a governança ,  
Pois em tão breve espaço poz-se em fronte  
Leste ao Oeste da alegre , e mansa barra (1).  
Té parece do Ceu mysterio santo  
O dia , em que ditoso em terra salta (2) ;  
Podendo com razão ser-lhe entoado  
O verso , que em tal dia a Igreja canta (3).  
Eu quizera cantar , Prelado Illustre ,  
Com individuação virtudes tantas ,  
Se huma Musa mais fertil me inspirasse ,  
Se a empreza não fosse temeraria.  
Rebelde sempre a voz me desafina  
Na grandeza do assumpto a Lyra ingrata ,  
Pois á vista da empreza , que medita ,  
Em vez de ser acorde , então desmaia.  
Quando a Musa se sente enfraquecida ,  
Mais acertada está , se humilde cala ,  
Pois não deve tentar emprezas grandes ,  
Se para as completar sciencia falta.  
Louco seria em fim , se me engolfasse  
Por mar tão dilatado em fragil barca ,  
Sem ver que dos affeitos navegantes  
São seu funesto fim as tristes praias.  
Recebe pois , Pastor Illustre , e Santo ,  
Os pequenos obsequios de minha alma ,  
Que , como são nascidos da vontade ,  
Me podem desculpar tamanhas faltas.  
Recebe , já que sabes que hum cordeiro ,  
Que a Deos com puro affecto se consagra ,

A's

---

(1) Gastou 35 dias na viagem.

(2) Saltou em dia de Natal.

(3) *Benedictus* , &c.

A's vezes lhe he mais grato , que as riquezas ,  
Que avaro Mineiro desentranha.  
E se tanto emprender meu rude engenho ,  
Que subir minha Musa ao Pindo saiba ,  
Tambem te cantarei , posto que rouco ,  
Fiado no perdão das tuas graças.

S O N E T O .

**H**A' hum mez , que a illustrar-te principia ,  
Sabio Prelado , a fama a mais segura  
No meio de amparar a desventura ,  
No excesso de extinguir a tyrannia.

Se o monstro da ambição cruel , e impia  
Arruinar-nos ha tanto nos procura ,  
Diversa mostrará esta figura  
Do teu sabio Governo a economia.

Teu proceder affavel justifica  
Os bens , que ha de narrar nossa memoria ,  
Que a tua protecção fiel indica.

Já Vencedor te canta a nossa Historia ,  
Pois este ensaio teu já prognostica  
De famosos triunfos a victoria.

S O N E T O.

**H**Avendo de estragar a fome avara  
De Pharaó o Reino antigo, e forte,  
Dos miseros mortaes a amiga sorte  
A sábia providencia lhe prepara.

Hum prudente José com mente clara  
Interpretando o mal, lhe atalha o corte,  
Livrando assim os barbaros da morte,  
Que a mão do fado adverso ameaçára.

Sem haver entre nós outra distancia,  
Ouve-se em Parnambuco o mesmo grito,  
E n'outro JOSE' vê-se igual constancia.

Pois se o Egypto foi no seu conflicto,  
Qual Parnambuco agora, na abundancia  
Parnambuco será, qual outro Egypto.

ODE.

O D E.

**J**A' sobre o sequioso  
De Parnambuco vasto continente  
Jupiter cuidadoso  
O fresco orvalho lança. Já clemente  
Do esgotado Brazil na terra feia  
O corno entorna a provida Amalthêia.

Já sobre as nuas margens  
Rebenta o bem me-quer, mimo do prado.  
As ressecadas vargens  
Juncadas de mimoso alcatifado  
Convidão para as ludicras Chorêas  
O venturoso coro das Napêas.

Canta, Parnambucano:  
Os reinos de Saturno sim já voltão.  
De Jove soberano  
Os decretos impreteriveis soltão  
Do infallivel Destino o fatal freio:  
Themis desceo do Ceo, sobre-nós veio.

Furiosa, e tremendo  
Foge Erinnyes cruel para os infernos;  
Cumprir-se á risca vendo  
Os decretos fataes, justos, e eternos;  
E retorcendo os olhos encovados,  
Rangendo os dentes vai ensanguentados.

Oh!



Oh ! ditoso mil vezes  
O que póde alcançar essa ventura ,  
Que ha mil dias , mil mezes  
De Parnambuco o povo assás procura !  
Ditosos os fiéis Parnambucanos ,  
Que conseguimos tanto em nossos annos.

Retumbe a voz sonora  
Hymnos de gosto , Idyllios de alegria.  
A multidão canora ,  
Rompendo a doce voz a melodia ,  
Mostre na doce Lyra retumbante ,  
O quanto o coração trasborda amante.

Nynfas encantadoras ,  
Que assim formais as danças , a choréia ;  
Sacras habitadoras ,  
Que da fonte bebeis Aganipéia ,  
A cujas sáb'as linguas presta Jove  
Hum dom particular p'ra todas nove ;

Tecci de vivos cravos  
Esmaltada de lirio huma corôa.  
Murcharão já os bravos  
Os aguçados cardos. Vem , entoa ,  
Venturosa Thalia , a voz levanta ,  
O sagrado Pastor sim canta , canta.

Mas porque emudeces ?  
Julgas que não serão bem satisfeitos  
Os obsequios , que teces  
A nobres corações , illustres peitos ?  
Anima-te , que em vez de hum estro pobre  
He fertil a materia , o assumpto he nobre.

No placido Janeiro  
Público ao mundo o fez seu nascimento (1),  
Glorioso terreiro,  
Theatro de valor sanguinolento (2);  
Terra, onde a justiça, e a piedade  
Nunca teve entre si desigualdade.

Nas veias lhe circula  
De piedosos Avós o sangue honrado,  
No peito inda lhe pula  
Dos Pessanhas (3) o espirito elevado,  
Cujas mãos liberaes erguem famosos  
De pública instrucção claustros piedosos.

Com desapego forte  
Cede daquelles bens, que a natureza  
Lhe fez tocar em sorte (4),  
Projectando outros fins de outra grandeza,  
Outros fins de maior progenitura,  
Qual he do sacro Estado a alta ventura.

Tambem José se chama  
O Pastor, a quem debes taes louvores,  
Dignos de eterna fama.  
E se do Egypto os tristes moradores  
Clamarão por José no ardor da fome,  
Por quem clamamos nós, tem outro nome?

Es-

---

(1) Nasceo no Rio de Janeiro.

(2) Quando expulsarão os Inimigos daquela Terra.

(3) O Capitão Mór, e Governador da Provincia dos Campos dos Oetacazes Domingos Alvares Pessanha, Avô materno do nosso Prelado, que á custa da sua fazenda, e da contínua beneficencia domou a Nação dos Indios Oetacazes. V. o Ensaio Economico sobre o Commercio do Portugal, e suas Colonias. Part. I. Cap. VI.

(4) Cedeo em seu Irmão o seu Morgado.

Essas moraes virtudes ,  
Que tanto o condecorão , não te obrigação  
Que de receio mudes ,  
Que as tuas esquivanças não prosigão ?  
Eia cantemos , Musa , e ao som da Lyra  
A harmonia do canto as cordas fia.

Se da Patria , e Prelado ,  
Se da tua feliz Genealogia ,  
Se do Nome a ti dado ,  
Se das virtudes sãs de huma alma pia ,  
Se de taes perfeições meu canto dispo ;  
Baste-te o Nome só de nosso Bispo.

Pelo mais humilde subdito

*José Fernandes Gama.*

---

*Ao Illustrissimo , e Excellentissimo Senhor D. José  
Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho , Bispo  
do Parnambuco , do Conselho de S. M.  
&c. &c. &c.*

O D E E P O D I C A .

Dignum laude Virum Musa vetat mori.

*Horac. Liv. IV. Od. 8. v. 28.*

**N**ão vos invoco , suspiradas Virgens ,  
Do Pindo habitadoras :  
Mais alta inspiração , mais doce influxo  
A mente me arreбата ;

A Filha augusta da Região Celeste ,  
A Gratidão Sagra-la  
He a Musa que me empresta a Lyra d'ouro ,  
Que sobre as aureas cordas  
Os dedos me dirige mal affeitos ,  
Que no peito inquieto  
Me accende a chamma , e em turbilhão levanta  
Fogosos candidos Versos.  
Venerando Pastor , JOSE' Preclaro ,  
D' Heroes assombro , e gloria  
Deixa hum pouco a fadiga , em que te engolfas  
E ás vozes que te envio  
Presta benigno socegado ouvido ;  
São do teu charo Alineno ,  
Escuta , e ouve-as com alegria , e gosto  
Se a polida Europa ,  
Africa , Asia rica , inculta America  
Te amão te respeitão ,  
Se á Patria tua abriste amplo thesouro  
De estimavel riqueza  
São , immortal JOSE' , são na verdade .  
De louvor digno objecto.  
Inda escuto os repetidos Brados  
Da Lusa Academia ,  
Que ufana te metteo sem que o soubesses  
Dos Sabios na Palestra.  
O excelso Alafões , Cerveira illustre  
Parece-me estar vendo  
Porfiar cada hum em ser primeiro  
Que o parabem te dêsse  
Das famosas Memorias que escreveste ,  
Escriptos tão profundos  
Tão recheados de interesses justos ,  
Que o Reino Lusitano

Com

Com tua penna mais que a heroica espada  
Dos Gamas, ou Pachecos  
De não sabidos bens enriqueceste :  
Té li desconhecida  
A's Artes, ao Commercio, á Agricultura  
Fonte perenne abriste :  
Mas eis que nova brilhadora scena  
A meus olhos se offrece ;  
Em premio de seryços tão illustres  
As Pontificias Vestes  
A benéfica Mão da Nossa Augusta  
Aos hombros te colloca :  
Então huma outra scena luminosa  
A mais alto te eleva ;  
Constante recusas o que com gosto  
Talvez outros acceitem :  
Banhado sempre em luctuoso pranto  
O dia, e noite passas ;  
Finalmente venceo-se o teu repudio  
O aureo Baculo empunhas.  
Baixa agora do Ceo, santa Verdade,  
Por mim pregôa ao Mundo  
Altas Virtudes do Pastor sublime.  
Com que affavel brandura  
O seu grande Rebanho escuta attento !  
Conta com que cuidado  
O torcido Baculo maneando  
Faz fugir do Rebanho  
O Leão ruído que já mais cessa  
De, com bramidos fortes,  
Esfaimado buscar a quem devore.  
E vós, ó Mocidade,  
Que fugis do mar tumultuoso  
Do corrompido Mundo,

Vós,

Vós, que querendo gozar de Jesu Christo  
Seguis seu Ministerio,  
Vêde que a Instrucção já vos prepara  
Vosso Bispo Piedoso,  
Já do Augusto Principe que nos rege  
Vos alcança hum Seminario;  
Para que (como diz o Rei Profeta)  
Se instruaõ os que regem.  
Que te direi mais, Sacro Prelado?...  
Em fim em ti existem  
As Virtudes, que Paulo ao seu Timotheo  
Ensinava gostoso:  
Porém entre ellas a que constitue  
Teu Character sublime  
A Beneficencia he, Mãi das Virtudes  
Porque Pio te lembra,  
Que não tem lugar lá no Paraiso,  
Aquelle que ao seu Proximo  
Os Officios não presta com alegria,  
Que prestados deseja  
Tambem lhe sejam pelos mais humanos.  
Esta só, largo assumpto  
Daria á Musa mais sublime, e rica;  
Esta só cançaria  
Os Pindaros, Homeros, Mantuanos:  
Mas eu, Senhor, que posso?  
O peito já se esgota, das mãos deveis  
A Lyra me fallece:  
Em profundo silencio submergido  
Ficarei longo tempo:  
Meu grato coração com tudo sempre  
Os teus louvores canta.

*Por Manoel da Cunha de Azeredo Coutinho  
Seiza Chichorro.*

ODE.

O D E.

I.

**C**Alem-se os Vates ; surdo hoje ao seu brado  
Não escuto o seu canto ;  
Nem da Deosa , que Heroes immortaliza  
A rouca tuba já me causa espanto :  
A veia se me estála , e a mente avisa  
De Poetico fervor estro sublime ;  
A Musa não reprime ;  
E promette trazer-me hoje de idéias  
Enchentes grossas, cabalinas chéias.

II.

Thesoiro me franquêia a Natureza  
De não fingidas cores  
Hum Quadro trassarei formoso , e bello  
De virtudes farei rubentes flores ,  
E da lingua o pincel para tecêlo :  
A verdade Objecto a limpo tire  
Que o Mundo admire :  
Pois que eu com mão subtil talhando a penna  
Faço correr o veo , que encobre a scena.

III.

III.

Lá de cerulea côr vistoso campo  
Ribeiro cristalino  
Serpeando ruidoso em torno banha,  
E vai levando ao mar oiro mais fino,  
Que do seu proprio seio desentranha:  
Nas margens alvejando a branca arêia,  
Vistosa realcêia,  
No campo, que juncado está de flores,  
Aves passeião de mui lindas cores.

IV.

E sobre a branca arêia está brincando  
Menino intonso, e loiro,  
Que com doirada concha o rio esgota,  
E querendo indicar feliz agoiro  
Salutifero licor no campo bota;  
E por fazer correr limpida enchente  
Ligeiro, e diligente  
N'hum instante a corrente clara torna  
Mil vezes enche a concha, e mil a entorna.

V.

Eis em rápido vôo fendendo as auras  
Vem pouzar junto delle  
Branca nuvem de Cisnes á porfia,  
Que a todos hum igual desejo impelle  
De beber na corrente, que fazia  
O Menino, que nisto só se esmera,  
Corôas feitas de hera  
Huns lhe trazem no bico, em suave canto  
Outros vem celebrar trabalho tanto.



VI.

Daquella parte avulta hum verde monte

Que florido, e frondoso

Se mostra por espaço dilatado

D'huma vista agradavel, mui formoso:

Hum Templo está no simo edificado

Que tanto mais vistoso se apresenta

Quanto mui bem assenta

Com branca, e azulada a côr vermelha,

Q'ao Iris com a verde se assemelha.

VII.

Em azuladas Vestes envolvido

Em torno deste monte

A Esfera demarcando veloz gira

Desde hum até se vêr noutro Horisonte

Hum Monstro, que de si fogo respira.

Tem na dextra hum clarim, que emboca ás vezes.

Mas basta não te avezes,

Incautá fantazia: o quadro he mudo.

Se ficções com louvor confundes tudo.

VIII.

De novo rompo o veo, mude-se a scena

Em scena mais brilhante:

Em circulo espaçoso se apresenta

A Brazilica terra verdejante,

E qu' a Esfera insultar soberba ostenta;

Lá vejo os Oetacazes afamados (1)

De flores matizados

Elyzios Campos, os que produzirão

Hum dos Grandes Heroes, que os seculos virão.

L

IX.

---

(1) A rica, e famosa Villa dos Campos dos Oetacazes, situada na margem do Rio Paraíba do Sul, onde nasceo Sua Excellencia. Veja Vasconcelos L. 1. das notic. das cois. do Brazil n. 49.

IX.

Mais veloz , que os ventos o Paraiba  
Vai precipitado  
Levar a feliz nova ao Oceano ,  
Q' o Ceo , cujo segredo impenetrado  
Imperceptivel fica ao Ente humano ,  
Para gloria do Brazil , pasmo do mundo ,  
D'Engenho mais profundo  
De sangue Illustre , de virtude assento  
Azeredo deitára , qual Portento.

X.

O' dia mais feliz para o Brazil todo ,  
Salve , ó luzente Aurora ,  
Q' Indicios tu nos trazes singulares.  
Lá dessa azul morada habitadora  
Vem risonha ventura aos nossos lares ,  
Q' o Destino movendo a roda forte  
Tira propicia sorte ,  
Q' hum Ramo d'Azeredos nasceria ,  
Que da Patria Explendor a ser viria.

XI.

Q' ousado cruzaria os crespos máres  
( Qual Dardanio famoso )  
Q' era lei , que Heroe de tanta fama  
Arrostasse a Neptuno procelloso ,  
( Qual outro Luso Heroe famoso Gama )  
E se a Historia recorde , idéa faço  
Que a terra he curto espaço  
Para os Heroes , que Eternos se fizerão ,  
Que ainda em todo o mundo não couberão.

XII.

Não me engana, Senhor, a fantazia,  
Fiel imitadora,  
Alli vos via já da tenra idade  
Polindo a mente clara, e indagadora,  
Q' abraçava d'então com facilidade  
De difíceis idéas grande enchente,  
Em que hoje hes eminente,  
Pois com penna subtil, com lingua d'ouro  
Dás ao mundo hum riquissimo Thesouro.

XIII.

Typos grossos volumes copiarão  
Q'o Globo em torno girão,  
Nos quaes maximas novas prescrevestes  
Que os mais rectos Discursos produzirão,  
E com elles a Patria enriquecestes;  
Por isso os Patrios Vates affanosos  
Te louvão cuidadosos,  
Em quanto dos teus labios apurado  
Corre em grossa corrente o mel corado.

XIV.

Debalde a cauta Vesta occultar tenta  
No seu seio entranhado (1)  
Do luzente metal, pedras de preço  
Hum sobre outro thesoiro amontoado  
Quantos d'antes já mais nunca vio Cresso;  
Minerva entorne o corno de riqueza,  
Pois com subtileza  
Systema d'um Engenho mais profundo,  
Hum Commercio faz vir, que abrange o mundo (2).

L ii

XV.

---

(1) Ensaio Economico sobre o Commercio de Portugal, e suas Colonias escrito por Sua Excellencia.

(2) Discurso sobre as Minas do ouro por Sua Excellencia.

XV.

Lá dessa Afrosa Terra , e Congo adusto ,  
Que no ocio labuta  
No barbaró furor das Leis impías ,  
A\*que freio só põe a horrivel luta ,  
Vem cortando em bateis as vagas frias  
Para o aureo Brazil moveis nervosos ( 1 ) ,  
Q' aqui laboriosos  
Hum do Clima experiente os campos ara ,  
Outros colhem dalli loura seara.

XVI.

Olinda , eras tu mesma , a quem eu via  
A fronte magestosa  
Mais , que nunca elevando florecente ,  
Com que ostentas soberba , e respeitosa ,  
Que esse Nume Supremo Providente ,  
Que os sellos dos Arcanos desenvolve  
Propicio se resolve ,  
Em teu bem manda vir o Brasileiro ,  
A quem a Europa admira , o mundo inteiro.

XVII.

Desde a Zona mais fria , á mais ardente ,  
No concavo espaçoso  
Fazia resoar a Deosa alada  
O Nome d'Azeredo Heroe famoso ,  
Do Throno , onde Potente está sentada ,  
D'onde o pezo sustem da Monarchia  
Ouve a Augusta Maria ,  
E d'hum merito tal premio machina ,  
Depois a bem d'Olinda ella o destina.

XVIII.

---

(1) Analyse sobre o Commercio do Resgate dos Escravos da Costa d'África.

XVIII.

C' a Mitra a gentil frente quer cingir-lhe ;  
Musa , não tropeces ,  
Expressa hum rasgo mais da Heroicidade  
Do Cunha , a quem de louro a C'roa teces ,  
Junto ao Solio , que obumbra a Magestade  
A Purpura engeita (1) ; ó Peito de grandeza ,  
Que assim com singeleza  
Indicas ter o adorno mais brilhante ,  
Q' huma Alma bem dotada era bastante.

XIX.

Mas quanto , sacro amor da Patria cara ,  
Nos mais Heroicos Peitos  
De mais preço , que as honras não te fazes ,  
Azeredo , comovem teus effeitos ,  
E de pressa aos Paternos Campos trazes  
Qual Filho de Laertes , quem a Fama  
Da Patria gloria chama  
Deixando tão famoso outros lugares ,  
Assim vem Azeredo aos Patrios Lares.

XX.

Sente o Téjo da curva Quilha o pezo ,  
Sobre as limphaes campinas  
Lá velifera Não vòas ligeira ,  
Que venturas a Olinda não consinas ,  
Quando humilde Neptuno a vez primeira  
Respeita hum Grande Heroe , que nunca vio ,  
Q' os dois cargos unio  
Pois da Mitra cingido sabiamente  
He do Regio poder Vicegerente (2) .

XXI.

---

(1) Sua Excellencia sendo nomeado Bispo de Parnambuco , recuzou a nomeação.

(2) Como Bispo , e Governador de Parnambuco.

XXI.

Com que prospera bonança aporta ás praias  
Da venturosa Olinda !

O' dia memoravel , mais pomposo ,  
Parnambuco , outro igual não viste ainda  
Depois , que sacudiste tão glorioso  
Esse Batavo jugo tão pezado :

Mas , Musa , do passado  
Não recordes agora , antes esquece ,  
Vê como a bella Olinda hoje florece.

XXII.

Vê como o teu Heroe tão Providente  
No bem só disvela

Do feliz , do ditoso Parnambuco.  
Olinda das mais longas partes della  
Hum Commercio vê vir de grande suco (1) ,  
Sobre montes , e rochas aplanadas

Espaçosas estradas (2)  
Estão , por onde vem em abundancia  
Riqueza immensa da maior distancia.

XXIII.

Repara como cheio de carinho  
Recebe o indigente

Q' a seus pés chega triste , elle o levanta ,  
Vê como hum satisfeito vai contente ,  
Outro lá curva o joelho á sua planta ;  
Seu Aspeito , que a testa a Mitra adorna

De muitas graças se orna ,  
Na face brilha o riso , o casto effeito  
Da ternura , que habita no seu peito.

XXIV.

---

(1) Sua Excellencia trabalhou muito para o augmento da Agricultura.

(2) Sua Excellencia mandou abrir estradas por todo o Certão para a facil condução dos gados , e viveres para o Recife.

XXIV.

Verás nelle, empunhando o Bac'lo santo  
D'aurea Zona cingido,  
E o Potente bastão com desempenho  
Meneando mui recto, e entendido  
(Se a Historia combinares com empenho)  
Ou hum desses Heroes grandes da Igreja,  
Ou a quem Roma inveja,  
Q' a Olinda d'huma vez Varão tão sabio  
Fez mais, que fez em cinco a Roma Fabio.

XXV.

Vê como a Boavista exulta ufana  
Pelo Claustro famoso,  
A quem impende o Heroe todo o disvelo;  
Dando-lhe sabias regras cuidadoso  
Hum Templo planta muito rico, e bello;  
Vê como a disputar a gloria passa (1)  
A preferencia á Graça (2);  
Como o Capibaribe ouro carrega  
Q' o socio Beberibe (3) ao mar entrega.

XXVI.

---

(1) O Seminario de Meninas, ou Recolhimento de N. Senhora da Gloria. V. Estatutos do mesmo Seminario por Sua Excellencia.

(2) O Seminario de N. Senhora da Graça. V. Estatutos do mesmo Seminario, escriptos por Sua Excellencia.

(3) Estes dois Rios Peberibe, e Capibaribe, nascendo em distancia hum do outro, se vem ajuntar ao pé da Villa do Recife, e vão ambos desaguar, e fazer foz na barra do Recife; depois de ter passado pelo meio da Villa, e irem fazendo o grande poço, onde a' abrigo de hum grande Recife ancorão as Embarcações.

XXVI.

Gentes correm das mais remotas partes  
Do Brazil inteiro  
Para ver hum Heroe , que nunca ouvirão :  
Nós mesmos do Certão lá derradeiro ,  
Mal que ouvimos seu nome proferirão ,  
Despedimos em vôo arrebatado  
Apoz do enunciado ,  
A's plantas do Heroe junto pousamos ,  
Donde do bem , que faz participamos.

XXVII.

E tu , que assim soberba te levantas ,  
Cidade florecente ,  
Quem do vasto Brazil doura primeiro  
Febo quando desponha n'Oriente ,  
E que hum serás novo luzeiro ,  
Que vestirás de luzes mais brilhantes  
As partes mais distantes  
Da Ecliptical America espaçosa ,  
Esta parte do Globo tão famosa.

XXVIII.

Apresenta lá desse excelso cume  
A Regia , o Monumento ,  
Onde eterna será sempre a memoria  
Do Heroe que lhe pôz o fundamento  
Como firme Padrão de sua gloria ;  
E lá dentro n'hum Throno levantado  
De louro coroado  
Esteja em fim no marmore esculpido  
Azeredo Immortal , Esclarecido.



XXIX.

Do Tamise, do Téjo, Ganges, Nilo,  
Do Tibre, e lá do Indo  
Habitantes do Globo todo inteiro  
Para admirar-te, Olinda, venhão vindo,  
O nome em tí respeitem Brazileiro:  
E de todo este vasto Continente  
Concorra a ver-te a Gente,  
Azeredo Esplendor da Patria chama,  
Q' eu cantando isto mesmo ensino a Fama.

XXX.

Basta de entusiasmo, ardente Musa,  
Os Vates nos esperão,  
He bem, que escutar vamos seus clamores,  
Pois que elles suas Cith'ras não tangerão,  
Em quanto nós cantavamos louvores,  
A Fama, que ligeira a Esfera mede,  
Cantando nos succede:  
E o Quadro, que será de Lustre á Historia  
Vamos pô-lo no Templo da Memoria.

*Pelo P. Manoel Jacome Bexerra de Menezes.*

*Ao Excellentissimo , e Reverendissimo Senhor Dom  
José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho ,  
Bispo da Diocese Parnambucana , e Fundador do  
Seminario de Olinda.*

S O N E T O .

**S**E de vossos Troféos cantar podera  
A grandeza eminente , o sublimado ,  
A vós , Sabio José , Pastor amado ,  
Inaudito elogio eu vos tecera.

Vossa innata bondade quem pondera ,  
Por Divina eleição Bispo Sagrado ,  
Qual o justo David sendo acclamado  
Rei do povo Israel , vos considera.

Esta vossa eminencia finalmente  
Terá prémio immortal , e vossa gloria  
Duração sem limite permanente.

Será para maior gráo de Victoria  
Vosso Nome gravado eternamente  
Nos dourados Altares da memoria.

O.

Seu mais humilde Subdito

*Joaquim Lopes de Lima Raimundo.*

S O N E T O.

**E**Ntre os grandes Heroes da Roma antiga,  
Que occupados de orgulho, e de vaidade,  
De pompa encherão a Quirinal Cidade  
Depois da dura Marcial fadiga;

Hum só, Senhor, não vejo, que consiga  
Hombrear com a tua Heroicidade:  
Elles forão os pais da crueldade  
Da dolosa traição, da vil intriga:

Tu porém, Bom José, que o Mundo espantas  
Pelos mil beneficios, que repartes,  
Padrões mais firmes para ti levantas:

Sabem do Mundo as mais remotas partes,  
Que és o Pai das Virtudes, com que encantas,  
Pai de todas as Sciencias, Pai das Artes.

*Epigrammas, e Poesias Latinas feitas ao Retrato  
de Sua Excellencia quando foi collocado no Se-  
minario.*

EXCELLENTISSIMO AC REVERENDISSIMO

D. D.

JOSEPHO JOACHIMO A CUNHA  
AZEREDO COUTINHO

*Serenissimi Principis Regentis a Consiliis, Paranambucensi  
Episcopo, nec non ejusdem Provinciae Moderatori, No-  
biliumque Artium Eximio Protectori &c. &c. &c.*

**T**U mihi, Tu solus, Joseph, Divinus haberi,  
Qui celso talique loco moderamine tanto  
Astraeam sacrae Pietati jungis amanter,  
Quin sonti, insontique bono sua praemia desint:  
Ergo (magna precor) Tu, Excellentissime Praesul,  
Accipe nunc clemens animo haec munuscula laeto,  
Inceptis votisque meis nunc esto benignus,  
Ut de Te merito dicam, quae Tytirus olim:  
O Melibee, Deus nobis haec otia fecit.

*Franciscus Salesius dos Reis Curado.*

Josephus , id est Oh ! es pius.

A N A G R A M M A

Quis neget esse Tibi pietatem , Praesul , ab ortu ,  
Nomine quum ipse sonet OH ! bonus ESque PIUS ?

Josephus , id est Ei Sophus.

A N A G R A M M A

Tu Restaurator Studiorum , Praesul Olinda ,  
Illi Tu Rector , Solus Elque SOPHUS.

AB EXCELLENTISSIMO, AC REVERENDISSIMO  
D. D.

JOSEPHO JOACHIMO A CUNHA  
AZEREDO COUTINHO,  
ORDINES PETIT SEQUENTI

EPIGRAMMATE.

**D**A mihi Te facilem, placidumque, Piissime Praesul,  
Qui flexo auxilium poplite quaero tuum;  
Non aurum venio, non quaesiturus honores,  
Munera, parce mihi, nobiliora peto;  
Ut mihi Tute manus imponas, inque sacratis  
Ipse viris numerer, sunt mea vota modo;  
Inque Gradum, acquisita mihi quae more jubentur,  
Ordinis ut Sacrae scandere rite queam;  
Et jubeas posco doctos, Doctissime Praesul,  
Qui me perpendant, et mea verba notent:  
Sique petita sequar, sublimi sidera tangam  
Vertice; Spes et erit tunc mihi fida satis,  
Fallax quae reliquis, spondens dicebat ubique  
Nocte dieque mihi: commoda vestra cano,  
Te quandoque Patrem sacrabit Maximus Heros,  
Qui tibi quum Praesul, tum tibi Rector erit.

*Franciscus Salesius dos Reis Carado.*

*Excellentissimo, ac Reverendissimo Domino Domino  
Josepho Joachimo à Cunha Aseredio Coutinho Epis-  
copo Paranambucensi, Regio Consiliario, Studio-  
rum Directori, et Seminarii Olindensis Fundatori.*

CARMEN EPIDICTICUM.

**N**unc mihi laudandum, magno nunc ore canendum,  
Antistes, Nomen, Maxime, Sancte, Tuum.  
Quid verò dignum (quamvis mea vota supersint)  
Indoctus, musa deficiente, feram?  
Carmina si condo, perfecte condere cogor,  
Perfecte pateant, verba canora sonent.  
Cuivis interdum doctis auferre poetis  
Officium liceat, quomodo casus agit.  
Tu Venerande, Sacer Praesul, morumque Magister  
Sacrorum, factis Nomen ad astra feres:  
Morum, quos renovas non posteritate peribunt  
Praecones, semper fama perennis erit:  
Nec poterit ferrum, nec edax abolere Vetustas:  
Cantabit laudes aedificata Domus:  
Florebunt artes, studium, doctrina vigebit;  
Pigritiae vero terga reversa dabunt.  
Lux erit, et sal (ut verè decet esse) sacerdos;  
Instructique viri dogmata sancta colent.  
Denique quid multis? Facta ne dicere coner  
Joseph? Cuncta queam dinumerare bene?  
Te jubeat Dominus longos servare per annos,  
Atque tua tanta nos Bonitate frui:  
Ur, vitae civilia Te documenta monente,  
Laeti vivamus tempus in omne: vale.

Subditorum humillimus

Franciscus de Brito Guerra.

Alumno do Seminarii.

Ess.

*Excellentissimo ac Reverendissimo Domino D. Josepho Joachimo à Cunia Azeredio Coutinho Episcopo Paranambucensi, ejusdem Provinciae Governatori, Seminarii Olindensis Fundatori, Studiorum Directori, Regioque Consiliario.*

EPIGRAMMA.

**Q**uis meritas unquam poterit tibi promere laudes  
Quas ad dicendas gloria pandit iter?  
Sparsa per externos operum jam fama tuorum  
Convocat, ut videant, utque fruantur ea.  
Cum tua te, Praesul, virtus heroibus aequet  
Ipsa tibi virtus praemia digna dabit.  
Cum jam tot titulis sis nobilitatus avitis,  
Nunc factis effers nomen ad astra tuum.  
Cum duplici Joseph Joachim sis nomine dignus  
Jure tibi debet laus duplicata dari.  
Quam bene nomen inest duplex! quia non satis unū est,  
Quem novit magnum mundus uterque virum.

*Marcus ab Araujo Costa.*



*Collendissimo Excellentissimo , ac Reverendissimo  
Virtutibus ornatissimo , et Literis Celeberrimo ,  
nec non Solertissimo D. D. Josepho Joachimo à  
Cunia Azeredio Coutinio Pontifici nostro Parnam-  
bucensi , ipsius Provinciae Governatori , Semina-  
rii Olindensis Fundatori , Studiorum Directori ,  
Regioque Consiliario , etc.*

## E L E G I A.

**P**Raesul hic egregius , qui nobis venit ab Alto  
Candidus , et laetus limina nostra pete ,  
Hic Virtutis amore , ac nobilitate Parentum  
Eminet in primis , nec miser esse potest ;  
Clarus , verùm humilis , parcus sibi , largus egenis ,  
Erga alios facilis , nec gravis ipse sibi.  
Post hunc Pastorem nobis quàm Conditor orbis  
Ac , tantum instituit , purpura sumpta fuit ,  
Condere gymnasium Virtutes culta juvenus  
Mox , ubi , sancivit , disceret et studia ,  
Quò Parnambucensi Mundo tradere laudem ,  
Et Patriae curis utilis esse queat :  
Arripere id certe sibi , quod Pastores habentur  
Dignius et zelo , vindicat ipse decus.  
Pastor enim legis Doctor ; fugat ille scelestos  
Errores , artes allicit ille bonas.  
En faecunda proborum in pectora semina morum  
Leniter exemplis inseruisse studet :  
Pontificatum non tam circumscribitur ille  
Ad bene tractandum , sed generale quoque  
Obsequium erga Deum ad pandendum nititur ultrò ;  
Haec excelsa animi sunt monumenta sui  
Consilio illustris , quo haud est illustrior alter  
Excolit ac rectos rector ipse viros

Ecce Paterna fides, et Summi Praesulis alma  
Integritas, cujus lux celebranda micet,  
In pietate Petri sectat vestigia Pauli  
Qualis in errorem foras ensis adest.  
Tu memor esto tui nati, Pater optime, posco,  
Ut fessum recrees suscipiens famulum.  
Proh miserum! hoc fortasse queo me reddere dignum?  
Sane ad me veniet sicut amore tuo;  
Ast tot per loca, per terras, per climata vasta  
Celsa tua et praeceps gloria vadit iter.

*Manuel do Rosario Tavares.*

~~~~~

*Excellentissimo, ac Reverendissimo Domino Domino  
Josepho Joachimo à Cunha Azeredio Coutinho,  
Episcopo Paranambucensi, ejusdem Provinciae  
Gubernatori, Seminarii Olindensis Fundatori,  
Studiorum Directori, Regioque Consiliario.*

EPIGRAMMA.

**J**Ure tibi merita, veneranda Scientia, laudes,  
Te nihil immenso majus in orbe manet.  
Haud timeo parvam mundum tibi dicere sedem,  
Hunc imples, vincis tempus, in astra subis.  
Quid tamen hic video? Dictu mirabile! Mundus  
Quod vix ipse capit, nunc capit una domus.

*Marcos d'Araujo Costa.*

*Excellentissimi , ac Reverendissimi Domini Domni  
Josepho Joachimo à Cunia Aseredio Coutinio ,  
Brasiliensis , Episcopo Paranambucensis  
in Lãudem.*

E P I G R A M M A.

**Q**uis sit , qui Patriam donis tam ditibus implet  
Divite cum calamo , divite mente , Suam ?  
Nonne Solon ? .. Non ; jam Major quòd panditur ipso ;  
Num Marius ? .. Titus ? .. Non quoque ; Major adest.  
Pracellit Titos , Marios , ipsosque Solones ;  
Hos Calamo , Titos et , Mariosque bonis.  
Est Patriae Splendor ; JOSEPH ; Sua Facta patescunt ;  
Celsior illorum jam Sua Fama volat.

*Cantabat*

*Francinus Penedensis  
Ex Arcadia Paranambucensi.*

---

*Excellentissimo , ac Rexerendissimo D. D. Josepho  
Joachimo à Cunia Aseredio Coutinio , Episcopo  
Paranambucensi , ejusdem Provinciae Governatori ,  
Seminarii Olindensis Fundatori , Studiorum Di-  
rectori , Regioque Consiliario.*

E P I G R A M M A.

**E**xpectatus adest Coelesti munere Praesul  
En datus , ut nobis Pater , en Spes maxima nostra ,  
En dulcius Joseph , cujus tutamine laeti  
Tempora curremus vitae , curisque soluti ;  
Ejus nunc , Olinda , colendum Nomen adora ,  
Tu jam jam gratare tibi , tua gaudia profer

At-

Atque Deo primum condignas pandito gratis.  
Clerus, cum Senibus juvenes quoque cantibus astra  
Festivis feriant, repleanturque omnia plausu.  
Vive, vige, dicant, Exoptatissime Pastor,  
O Olindense Decus, spes o fidissima Cleri:  
Primus inexperto studiorum Semine nobis  
Vive, vige, vivent, et gaudia nostra vigebunt.  
Te Clerus flexo veneretur poplite Cunctus,  
Incolumemque Deus Te servet tempus in omne.  
Annuat ut nostris Coeli, terraeque Creator  
Optatis, cuncti noctesque diesque precamur.

*Franciscus Gregorius Pereira Façanha.*

---

*Excellentissimo, ac Reverendissimo Domino Domino  
Josepho Joachimo à Cunia Aseredio Coutinho  
Episcopo, Ducique Paranambucensi Integerrimo  
Scientiarum, et Artium Instauratori, Directori  
Sapientissimo, Dignissimo*

C. O.

*Joannes Nepomucenus Cabral.*

Da mihi Te placidum, dederis in Carmina Vires:  
Ingenium vultu statque, caditque Tuo.  
*Ovid. Fast.*

EPIGRAMMA.

**Q**uid mutas, Olinda, vices, quid tempora mutas?  
Laetitiae magnum tollis ad astra sonum?  
Pastoris Nomen Mirabile consonat orbe,  
Et nobis festos efficit iste dies.  
Vive ergo Joseph: nobis per Saecula vive:  
Personet, et semper Nomen, Honorque Tuum.  
CAR.

C A R M E N.

**T**U Clarus, Rectus, Sapiens, Fidusque Minister  
Principis es, nostris Tu medicina malis:  
Tu petis, atque tenes gratum de Principe donum,  
Artibus ut, cunctis fiat Olinda potens.  
Praesentem ante oculos Te semper habebimus omnes,  
Hac erit aeternum Nomen in Urbe Tuum.

Ex Scholasticis Olindens: Seminarii infimus.  
*Franciscus de Brito Guerra.*

E N C O M I U M

*Imagini RR. DD. Jos: Joach: Da Cunha Olindi-  
nensis Episcopi subscribendum.*

**P**Raesulis effigiem dum cernis, conspice gnarum  
Qui juvenem atque senem, qui populosque docet;  
Qui sub utroque polo virtutibus imbuat orbem,  
Et genus humanum pectore amante capit:  
Huic herus ac servus fratres sunt, diligit omnes;  
Dignior ecquis erit, qui redametur homo?

T R A D U C T I O N.

**E**N contemplant les traits de cet Illustre Prélat,  
considérez le savant qui forme le jeune homme et  
instruit le vieillard, le sage qui éclaire les peuples,  
et inspire les vertus aux habitants de l'un et l'autre  
hémisphere. Son coeur aimant et généreux embrasse  
tout le genre humain; pour lui le maître et l'esclave  
sont des freres, il les chérit tous: qui jamais, plus  
que lui, méritera d'être aimé de retour?

*Joseph Yvo Picquet Sacerdos Rhedonaeus trivit,  
versit et scripsit hos versus ex animo.*

*Ao Retrato do nosso Prelado, no dia, em que foi  
collocado no Seminario Episcopal da Cidade  
de Olinda.*

EPIGRAMMA

**E**Cce duodecimus, baculo qui innixus amico,  
Ad sacra Olindenses pascua duxit oves.  
Debuit hunc numerum merito complere sacratum,  
Qui satis implevit manus Apostolicum.

*Pelo Reverendissimo Reitor do mesmo Se-  
minario, e Thesoureiro Mór da Santa Sé  
de Olinda José de Almeida Nobre.*

*Ao mesmo Assumpto.*

ALIUD EPIGRAMMA.

**V**ultus, quem cernis, tu ne mirere decorem;  
Quaerito cor ejus noscere, ut obstupeas.  
Ars hinc si mores cum vultu appingere posset,  
Pulchrior in terris nulla tabella foret.

*Pelo mesmo Author.*

*Ao mesmo Assumpto.*

ALIUD EPIGRAMMA.

**H**unc Goitacasis genuit, Conimbra polivit,  
Lisbona ornavit, prospere Olinda tenet.  
Contribuunt simul Europa, atque America; tanto  
Namque viro mundus non satis unus erat.

*Pelo mesmo Author.*

*Ao*

*Ao mesmo Assumpto.*

ALIUD EPIGRAMMA.

**N**E propere huc spectes : viva est Salomonis imago ,  
Quem mundo omnipotens denuo dextra dedit.  
Nonne vides , sapientiam ut eligit , et sibi poscit  
Cor docile , ut noscat jus dare cuique suum ?  
Omnia pace regit , facit aurea saecula redire ,  
Et terras summâ prosperitate replet.  
Antea non vidit , nec postea , crede , videbit  
Huic alium similem Pontificalis apex.

*Pelo mesmo Author.*

*Ao mesmo Assumpto.*

ALIUD EPIGRAMMA.

**D**esine sublimes Joseph inquirere dotes ,  
Desine virtutes enumerare sacras ;  
Nam dum ejus memoras candorem , curam , et amorem ,  
Josephus mentis jus habet omne tuae.  
Dumque oculis Vir iste tuis , animoque recursat ,  
Hoc tibi jactura est magna carere Viro.  
Fortunis frutor , Praesul quas iste reliquit ,  
Scire tibi satis est talem habuisse Patrem.

*Pelo mesmo Author.*

*Ao mesmo Assumpto.*

ALIUD EPIGRAMMA.

**H**Aec est effigies veri Pastoris : ad illum  
Se referat Pastor , qui bonus esse velit.

Can.

Candidus in verbis, in factis integer, ingens  
Justitiae, veri, pacis amator erat.  
Instituit Collegium, ubi erudienda juventus,  
Auxiliumque bonis artibus omne tulit.  
Congrua Canonicis augeri alimenta, perennes  
Et procul ad populum currere fecit aquas.  
Omnes aequo animo fuit amplexatus: an isto  
Alter amabilior Praesule Pastor erit?

*Pelo mesmo Author.*

*Ao mesmo Assumpto.*

ALIUD EPIGRAMMA.

**H**Uc reverens specta: Azeredi illustris imago est,  
Qui cavet ingenium nobilitate premi.  
Hujus non titulis innixa recumbit avitis  
Gloria, nec priscis gestit imaginibus.  
Certavit magnos virtute anteire parentes,  
Et verum proprio ferre labore decus.  
Disce tuae non stemma domûs praeponere menti;  
Ingenium est claro sanguine nobilius.

*Pelo mesmo Author.*



*Ao Retrato do nosso Prelado tendo a Biblia aberta  
na mão nas palavras de Salamão no Liv. 3. Reg.  
cap. 3. v. 9. = Dabis ergo servo tuo cor docile,  
ut populum tuum judicare possit, et discernere in-  
ter bonum et malum.*

E P I G R A M M A.

**P**Lurima dant hujus Nomen monumenta legendum,  
Noscendum ast illum sat tibi nulla dabunt.  
Hunc licet ex fastis, et famâ noscere quaeras,  
Majorem invenies, quàm sua fama, Virum.  
Quis sit hic, audito: Fuit omnibus omnia. Nomen  
Hoc erit aeternum posteritate suum.

*Pelo mesmo Author,*

*Orações recitadas em presença do Illustrissimo, e  
Excellentissimo D. José Joaquim da Cunha de  
Azeredo Coutinho, Bispo, e Governador Interino  
da Capitania de Pernambuco no principio, e fim  
dos annos Lectivos, no Seminario Episcopal de N.  
Senhora da Graça da Cidade de Olinda.*

ORATIO ACADEMICA  
CORAM EXCELLENTISSIMO  
REVERENDISSIMO DOMINO  
DOMNO JOSEPHO JOACHIMO A CUNIA  
AZEREDIO COUTINIO,

*Episcopo Paranambucensi, Seminarii Olindensis Fundatore,  
Studiorum Directore, ac Reformatore,*

ANNO M.DCCC.I.

LITERARIO SECUNDO,

FRANCISCO DE BRITO GUERRA,

*Ejusdem Seminarii Alumno,*

QUINTA DIE DECEMBERIS HABITA.

SI proprium est viro, Excellentissime, ac Reve-  
rendissime Domine, si proprium est viro, quantum-  
vis sapientissimo, et eloquentissimo, cui pro concio-  
ne dicendum est, timore quodam, ac pudore percel-

O ii

li,

li, quanto mihi rectius trepidandum censeo, qui minime cum hujusmodi viro sum comparandus? Quid timoris, quid verecundiae, quae denique demissio animum meum occupare debet, cum me in Eloquentiae praeceptis intimo quodam sensu cognoscam, non dico mediocriter versatum, sed ita initiatum, ut ea vix primoribus labris degustaverim? Quantopere mihi pertimescendum, atque verendum credo, siquidem in hunc suggestum ascendere jubeor, unde quocumque volvantur oculi, non vulgarem, neque agrestem multitudinem, sed Sapientissimorum virorum, quos urbs alit, consessum circumspiciunt? Ex vultus pallore, vocisque meae tremore inusitato, quanto me periclitantem, ac diffidentem, tali onere suscepto, considerem, verissime apparet: quod utinam in contraria versum videatur. Nihil quidem grandius, nihil dignius, nihil homini gloriosius, quam illo in loco dicere, ubi maxime delectorum corona cinctus sit, quorum intenti vultus, secundaque admurmuratio dicentis animum erigere, atque incendere possit. Mihi autem forsitan hoc miserum sit: vereor enim, ne, si semel initio alicujus displiceam voluntati, eum deinceps in tota oratione aversum habeam. Quae animo meo agitans, mecum ipse colluctor, mihimet ipsi vim affero, mirorque, quod me vincere valeam: uti apud consessum omnium, tantisque viris nobilitatum, artium Professoribus illustratum, quibus ingenii, animique mei infirmitas non ignota; consessum denique (ita mihi liceat) Venerabilis, atque Colendi Pontificis, qui totam istam Domum admiratione, auctoritate complet, Praesentia consecratum, ingenio destitutus, praeceptisque inermis verba facere audeam. Neque miretur aliquis, quod ad hoc munus obeundum, solo Scholasticorum optimo dignum, in me,

nul-

nullis suffragantibus meritis, optio incidisset. Sic Magistro lubuit, quo fato nescio. Quoniam vero Magistro obtemperandum est, laureamque non laudis, sed obedientiae, expectari oportet, ad vos convertor, Collegae mei dilectissimi, vosque etiam, atque etiam rogo, ut orationi meae, licet rudi, et ineleganti non minus obsequentes aures, quam si optimus apud vos orator diceret, praebeatis.

Dicendum est enim de omnibus, quas docemur, disciplinis, de utilitate earum, de attentione ipsis adhibenda; idque eo ordine, eaque via, qualis tiro-nem decet: dummodo sciatis non mei conatus esse hoc omnino exhaurire propositum, quippe quod non modo eloquentissimi vires, sed etiam multum temporis exigit. Vos equidem, qualis sit illius sublimitas, quantumque viribus meis pondus suscipiatur, non dubitatis. Quamobrem, si omnia mihi dicere pertentatum foret latissime spatiando, aut a proposito aberrarem, inaniterque scateret oratio, aut vos taedio afficerem, aut prius deficeret dies, quam dicendi finem facerem. Itaque non tenebo vos pluribus: haec degustanda existimavi: benigne, atque diligenter attendite.

Cum de omnibus, quas in Seminario nostro docemur, disciplinis hodie dicendum sit, non alienum videtur, ab ea exordium ducere, quam ipsa studiorum ratio praescribit, Grammatica scilicet, cujus non tam origo, nec vetustatis temporibus progressus, et acceptio, quam nunc necessitas, dignitasque afferenda est. Hoc quamvis per se exiguum sit, et tenue, me tamen adeo perplexum, adeo difficultatibus circumventum habet, ut nihil possit supra. Opponunt enim multi Latinum sermonem neque necessarium, neque utilem esse, ideoque tempus ab iis inutiliter

consumi, qui illi perdiscendo dant operam. Mihi au-  
 tem de hoc, non quantum mea fert opinio, sed quan-  
 tum per se ipsam veritas patet, dicere debenti, bono  
 sensu carere eos fatendum est, qui Latino sermoni  
 utilitatem abnegant. Namque cum omnes artes, ac  
 disciplinas in dies amplificari tam sit rei litterariae  
 gloriosum, quam reipublicae augere opes, et impe-  
 rium, id absque linguarum primigeniarum Scientia,  
 Latinae praecipue, fieri nullo modo potest. Quis enim  
 incicias ire audeat, quin Latinis Scriptoribus facta fe-  
 re omnia, quae olim protulit Antiquitas, conservata  
 debeamus? Quis in Poetarum numerum referetur,  
 quin Virgilii, Horatiique fidelissimus sit sectator?  
 Quis Rhetoricam docuit, aut praeclarissimi Oratoris  
 nomen est consecutus, qui Ciceroni, Quintiliano,  
 aliisque Latinis Eloquentiae Magistris totum non de-  
 beat? Quis sine Latini sermonis subsidio in Philoso-  
 phiae ingressus est arcana, aut sublimia Theologiae  
 mysteria intellexit? Quis denique litterarum curriculo  
 addictus Latinitatis cura neglecta, sapientis nomen ob-  
 tinuit? Haec nimirum clavis ducitur, quae nobis  
 Scientiarum thesauros aperit: hoc omnes utuntur limi-  
 ne: haec est facultas, quae aliis lumen praefert: hanc  
 viam a primis usque ad haec tempora omnes trive-  
 runt Doctores, sic tenellos annos exercuerunt, seque  
 ad sublimiores doctrinas instructos reddiderunt. Itaque  
 non video, cur Latino sermoni utilitas abnegetur;  
 excepto autem, si quis desidiam amet, laborem de-  
 fugiat, aliorumque versiones tantummodo quaerat, at-  
 que capiat; quod et est sapiente indignum, et pluri-  
 bus erroribus obnoxium. Praeterea quot elegantiae,  
 quot veneres, ac lepores, quibus animus noster oble-  
 ctatur? Ac si instare oportet, nonnullos quidem re-  
 periri assero, qui solo Latinitatis studio in magnis do-  
 ctri-

ctrinis, vastisque cognitionibus pollentes ceteris hominibus plurimum praestant. Non alia tandem ratione Grammaticam in Seminario Olindensi pueri docentur, Statutaque sapientissime ordinata manent, quae de hoc fine assequendo prudentissima praecepta constituunt. Quamobrem vestra interest, adolescentes, qui per labentem annum in Latinitatis studio versati estis, quique in sequenti adhuc manebitis, animum ab illo non abstrahere, sed potius crebris lectionibus insudare; praecepta omnia iterum atque iterum volvere; memoriae mandare; summa ope niti, ut linguae peritiam comparantes, ceteris facultatibus aptos vos exhibeatis. Ecce feriarum tempus, ecce vacationis dies: feriamini, vacate a gymnasio, non ab studio vacate. Toto pectore incumbite, ne, quas a Praeceptore doctrinas hausistis, inutiles reddatis, aliquove modo parvi pendatis.

Hoc etiam loco libet interponere, quoniam a re proposita sejunctum non est, quanti sit ponderis, quantaque utilitatis Gallicae Linguae studio dare. Quid autem afferre possum, quod non manifestius pateat, quam ut dicendum sit? Namque si Latinam, quia mortua sit lingua, aliqui rejiciunt, quid de Gallica, quae nostris temporibus maxime viget, totumque per orbem spatiata est? Caecus sit oportet, aut plane sae- xus, qui de ejus utilitate dubitaverit. Huc enim deposita reperiuntur noviter Philosophiae, ac Medicinae inventa, Eloquentiae vires, rerum omnium humanarum cognitiones, et, ut uno verbo dicam, immensi scientiarum thesauri. Hinc fit, ut non modo utilis, verum etiam necessaria ducatur, iis praecipue, qui pro sapientiae gloria, pro patriae splendore, ac ornamento laborant. Quanta ergo cura, quanto studio, quanta denique animi alacritate cum ea habenda est

ratio! En vobis Praeceptor designatur, qui tanti negotii curam suscipiat: dulces percipietis fructus, si ad ejus doctrinam serio incumbatis.

Sed non longius progredi licet, si quidem me ad Rhetoricen revocat propositi ratio; cujus ad limen dicendi tanto timore perfundor, quanto res, de qua dico, sublimior est: Miserum enim judico, ne dicam turpe, de Rhetorice disserentem nihil afferre posse Rhetorice dignum; artique ceterarum principi illam orationis exilitatem accomodare, quae in aliis rebus vix toleranda videtur. Nec tamen tacere debeo, ubi facultas haec nostra in quorundam obtrectationes adducitur: quas in primis refutari convenit, ut ejus utilitas in apertius redigatur. Objicere nempe solent Eloquentiam esse, quae poenis eripiat scelestos, cujus fraude damnentur interim boni, consilia ducantur in peius: et his adjiciunt, ac enumerant multorum exempla, qui perniciose Eloquentia usi civitatum status turbaverint, vel everterint. Quo quidem modo (ut ait Quintilianus) nec duces erunt utiles, nec magistratus, nec medicina, nec ipsa denique sapientia, in quibus gravissima non nunquam flagitia, ac venena deprehensa sunt. Cibos aspernemur; attulerunt saepe amittendae valetudinis causas: nunquam tecta subeamus; super habitantes aliquando procumbunt: non fabricetur militi gladius; potest uti eodem ferro latro. Quapropter qui contra Eloquentiam invehi solent, non me, qui nullus sum, sed illum, ceterosque in hac arte totius antiquitatis viros peritissimos adversos habent. Dicendi vero facultas usque eo provecta est, ac in tantam dignitatem perducta, ut quidquid memorare conabor, eam potius jejuna, et exsucta oratione maculem, quam laudibus amplificem. Referre ne juvabit, quanta fuisse apud antiquos Eloquentiae di-

dignitas, apud Graecos, nec non Latinos ipsius splendor? Referre ne juvabit, quales in pacem animos adduxerit? quot bella resciderit? quot miseris in vita periclitantibus subvenerit? quot innocuos homines calumniis eripuerit? quot civitates interitu liberaverit? quot tandem heroum facta posteritati commendaverit? Minime; ne forte ab iis reprehendar, qui omnia haec plus, quam ego, sapiunt. Illius ne laudes texere audeam? Hoc virium mearum imbecillitatis non est; nisi enim verborum, ac sententiarum splendore; nisi rerum ubertate, ac magnitudine; nisi vocis, et gestus dignitate illud exequor, officio abutor, ac nomine tanto; abutor celebritate hac; tempore, loco, patientia praeclarissimi consessus plane abutor. Quid vero? Non opus est luce, quae luce clariora sunt. Haec nimirum omnium artium princeps, viroque bono dignissima. Hac hominis dotes consummavit Providus ille omnium rerum Creator. Vos itaque laudo, nobilissimi Candidati, qui tanta cura, tamque vivido animo ad hanc facultatem incumbitis. Adsit in dies attentio, augeatur vestra in ipsam voluntas, studium ostendatur, efflorescat amor.

Neque minus ceteris, quae huic adduntur, facultatibus studium adhibere decet; Poeticae, Chronologiae, Geographiae, nec non Historiae, quae inter se, et cum illa quoddam vinculum, et cognationem habent. Quantum homini praestent, nemo quidem ignorare potest; ideoque de illis velut dictum puto, et ad Philosophiam transeo.

Etsi de Philosophia dicere solis Magistris conveniat, alumnoque non aliter putetur, quam si Oceanium ipsum parva, atque fragili navicula tentare audeat, mihi tamen non sit nefas hoc subire munus. Ac ne ambagibus immorer, aliquid de ejus ratione,



et sublimitate attingere liceat. Cujus enim est tanta ingenii vis, ac fecunditas ad Philosophiae studium ornandum, atque augendum, uti ne leviter quidem ulla in parte deficiat? Enim vero Philosophiae studium undecumque circumspiciatur, non nisi valde praestantia reperientur. Namque, si Logicam consideramus, haec rationem auget atque format, qua sane nihil melius a Deo accepimus. Si Metaphysicam contemplamur, notiones traduntur, causae, et rationes minime genericae rerum aeternarum, factarum, et possibilium. Si Physicam intuemur, rerum corporeas causas expedire conatur. Tandem si Ethicam perpendimus, voluntas humana dirigitur in eligendo bono, maloque fugiendo; quae Deo praestanda officia, quae nobismet ipsis, quae amicis, quis societatis usus, edocemur. Non alia quidem via, nisi philosophica, ad perfectionis apicem perveniri potest. Solum Philosophiae studium ignorantiae tenebras, quae cum homine innascuntur, plane exterminat; veritatem patefacere nititur, et, quod operae pretium est, ad beatitudinem perducere navat. Quid autem erat, cur in numero viventium positum se gauderet homo, nisi rationem suam perficere studeret? Paulo minus a reliquis animantibus distaret. Unde non immerito ait Cicero: Philosophiae studium qui vituperat, haud sane intelligo, quidnam sit, quod laudandum putet. Sive enim Medici, sive Jurisperiti, sive (quod maxime interest) Theologi esse velimus, sive denique ad Poesim, aut Eloquentiam redire, facem veluti quandam ceteris facultatibus praefert Philosophia; illis se omnibus inserit, magnamque sui partem pro cujusque necessitate liberalissime suppeditat. Sed cum philosophandi rationes multae, maximeque diversae sint, nulla est earum, meo quidem iudicio, tam diligenter colenda, si fructum

ctum quaerimus institutionis , quam quae ad naturam spectat. Quae enim vis ! quanta sapientia ! quam inextricabilis perfectio homini naturam intuenti committitur ! Hic videlicet densas , umbrosasque naturae silvas aggreditur , ejus arcana perscrutatur , Creatoris opera videt , et quam magnifica sint , miratur : alius quilibet homo velut insipiens non cognoscit ea , velut stultus non animadvertit ea. Providentiam vero in cunctis , etiam in animalculorum minimi structura mirari , quae sint vegetabilium systemata , quae rerum omnium creaturum ratio sufficiens , aliaque non omnibus obvia ; Deum denique Sempiternum , Immensum , Omniscium , Providentissimum , Omnipotentem , Entium , Causam causarum , mundani hujus operis Dominum , et Artificem in ejus operibus contemplari solo naturae Philosopho conceditur. Et quid de parte illa , quae Chymiam tractare sibi vindicat , afferre conabor ? Magistris , et Doctoribus relinquendum est totum , ne forte vituperare videar , quod laudare nescio. Quae cum ita sint omnia , Collegae mei dilectissimi , quid magis dignum cultu , ac labore ducamus ? Quid pulchrius ? quid praestantius ? quid utilius ? Ad hoc igitur praestantissimum studium incumbere decet : et quoniam nihil praeclari sine improbo labore in Republica Litteraria fieri potest , incumbamus toto pectore , totis viribus , toto animo ad veritatis studium incumbamus.

Nunc quoque non est praetereunda Mathematicae dignitas , cujus me utpote plane rudem , ac inexpertem non verbis exspatiari decet. Scilicet non desunt , qui saepe interrogent : non juventutem Ecclesiae destinatam in angulis , ac triangulis dimetiendis inaniter occupari convenit ? Quibus ego animis tam parcis , et angustis si recte respondere velim , nihil

aliud opus esset, quam ad Euclidem, et Archimede-  
dem eos adducere: Non est enim mirabile, si bo-  
num non desiderent, qui bonum non cognoscunt;  
ideoque cum his nulla mihi pugna est. Uno tantum  
dolore afficior, quod ita ingenio, verbisque destitutus  
sim, ut Mathematicae excellentiam quamvis ex animi  
sententia declarem, quantum tamen decet amplificare  
nequeam. Quid est enim, quod numero, aut figura  
aliqua constet, quid sono judicatur, quid luce distin-  
guitur, quid aliquo mensurae genere in toto terrarum  
orbe comprehendi potest, quod Mathematici juris non  
sit? Quid astra, quid planetae, quid coelorum orbes?  
An haec Philosophus sine Mathematico studio scire  
potest? Sed ego lactenus laudem nimis exiguam Ma-  
thematicae tribuo. Mathematica sane una ab incertis  
certa sejungit, ubicumque sit veritas, eo accedit;  
non de secta laborat; libera, soluta, expedita, uti  
est quidque, sine dubio demonstrat. Aliae fortasse  
Scientiae in ipsa veritate haesitent; in hac vero quod  
invenit Magister, eodem modo, eademque via inve-  
nit auditor. Quid ergo est, cur illa Clericis auferatur,  
qui in summo fastigio collocati prae ceteris mortali-  
bus virtute, ac sapientia pollere coguntur? Haec sum-  
ma summarum est; hic rationis humanae terminus;  
haec meta, quam qui attigit, non ultra procedere  
potest; huic tandem studio vacare decet, quos Semi-  
narium nostrum educandos, erudiendosque suscepit.

Jamque propositi mei obsequio in Ecclesiasticae  
Historiae rationem ingressus, silentio potius totum  
committendum duco, quam inanibus, ac supervacuis  
argumentis divagari. Quis enim nesciet eos, qui Chri-  
stiano nomine censentur, religionis suae mysteria ex  
unico sacrarum Litterarum fonte, quae Veteri, No-  
voque Testamento continentur, haurire? Quae cum  
omnes

omnes tenere cogentur, Sacerdotes praesertim, quibus maior eorum cura inesse debet, facillime patet, quanta huic studio cura adhibenda sit. Nihil quidem in apertiore est, nihilque magis controversiis caret. Ne igitur probata probando immerer, ad Sacram Theologiam, quae orbem claudit ceterarum, transeundum est.

Hic quod in magnis operibus fere accidit, ut ultima quaeque difficillima sint, aut fessis jam viribus difficillima videantur, graviore quadam ratione periclitari debeo. Nam de aliis quidem cum dicerem facultatibus, id unum requiri videbam, ut cujusque modi earum dignitas mihi existimaretur, ex animi sententia declararem. De hac vero secundum officium, et gravitatem personae, quam hoc loco sustineo, perinde sermonem habere cogor, ac si aram tenerem. His me difficultatibus praepeditum, prorsusque auctoritatis indigentem, uti tantam, tamque augustam rem expediam, nihil aliud juvare potest, quam praeclarissimi consessus favor: cui sane, ut semper, innixus congregiar. Qualis, quantaque sit Theologiae, sive Religionis scientiae dignitas, non est quidem meum verbis quibuslibet exponere. Sive enim speculativa, aut dogmatica sit, quae in objecti sui contemplatione conquiescit, sive practica, aut moralis, quae in moribus informandis occupatur, variasque de virtutibus, et vitiis praeceptiones tradit, per se ipsa manifestissime tenetur. Disciplina augustissima est; ipsum hoc Theologiae nomen divinum aliquid sonat; parietes ipsi Domus hujus sanctissimis verbis percussi aliquid animo, ac prope oculis objiciunt. Est enim Theologia in vehementi quadam altissimarum rerum contemplatione posita, quae hominem totum occupat, absorbet, et a terra quodammodo abripit; nec ullam ejus partem  
avel-

avelli patitur, ut in vitiorum sordibus tam dispari studio volutetur. Hoc illa proprium sibi vindicat supra reliquas disciplinas ob infinitam meditandi vim, ut nequeat inesse, nisi illis, qui a rebus ceteris alienissimi sint. Unde si Ecclesiae fastos consuluerimus, plures, qui templis, arisque coluntur, ex Theologis reperientur, quam ex omni litteraria republica. Quinimo vix unus, aut alter ex tota antiquitate recitari potest tam gravi dignus nomine, ut Theologus appelletur, quin insigni virtute excelluerit, suamque sapientiam non satis per se firmam probitatis accessione confirmaverit. Verumptamen aliud est Theologum videri, aliud esse: ac si quis signum sibi aliquod praebericupit, cujus ope tanquam Lydio lapide singulos experiatur, uti de eorum moribus inquirat, necesse est: qui, si vitiosi sint, nemini quidem ignoratur, quantopere naturam, atque animam vitia corrumpant; idcirco tam esse difficile vitiosis hominibus in Theologica facultate, quam lippis, et caecutientibus in pictura praestare. Cavendum est igitur, Collegae mei dilectissimi, ne moribus corruptis huc accedamus, ubi qui non sit optimus, pessimum esse necesse habet. Videte, dilectissimi Theologiae Candidati, Paranambucensis Ecclesiae spes dulcissimae, videte diligenter, quale, quantumque sit, quod suscipitis; praestandae bonitatis onus, quoties in hanc classem nomina datis. Videte, ac mementote vineae Domini, cujus dispensatores eritis, siquidem in sacerdotium destinamini. Videte diligentissime, atque considerate, quod vobis assumitis, ut de virtute, ac religione consulentibus respondeatis. Videte, quantum elaborandum sit, ut statum vestrum perfectiorem reddatis: hanc doctrinam combibite, in succum, et sanguinem convertite, uti communi Ecclesiae bono, et vestrae, aliorumque

saluti efficacius allaboretis. Videte denique ne in vacuum recipiatis beneficas Pontificis nostri Excellentissimi largitiones. Ille gregi suo prospexit; patriae nostrae consuluit; Seminarium condidit; Magistros creavit virtute, sapientiaque conspicuos; tot difficultates subegit; caepit aedificare, et potuit consummare. Ille, Ille nos quotidie urget, et exstimulat non jussu modo, quod est Principis, sed, quod est mitissimi Praesulis, impulsu quodam, et cohortatione; addo etiam pene precibus, quod est amantissimi Patris; Ille, inquam, non solum nobis litteras, sed etiam virtutem, et honestatem assidue, atque diligentissime commendat.

Reverendissime Praesul, Praesul Excellentissime, qui tam infatigabili cura litterarum cultum promoves: Pastor Bone, qui gregem Tuum non deseris, quinimo eum undique felicem reddere conaris: Princeps Excellentissime, quae magno ingenio praeditus optima quaeque vides, magna prudentia jubes, magna constantia tueris: Princeps, quem ego... Sed quibus Te laudibus efferam, aut quid in testimonium gratitudinis praebere valeam? Accipe sincera omnium nostrum vota, quibus bona bonis, annos annis Vitae Tuae augeri desideramus. Nunquam a pectore nostro Beneficia Tua labentur, alta mente manebunt reposita. Nomen Tuum, quamvis in laminis aureis caelare nequimus, posteritati tamen voce commendabimus. Vive omnibus, Excellentissime Praesul, vive nobis, Pater, qui ex Favore Tuo vivimus. Fave, quos sub Protectionis Tuae alas confugientes, favendos suscepisti, Fave illis, qui de longissimis Mediterraneis terminis ad Nominis Tui sonum propius accedunt. Fave denique mihi, qui si male, aut longius, quam decuit, dicendo molestus fui, vehementer doleo, meque dixisse

se poenitet : sin autem bene , quod certe non credo ,  
magni quidem duco , ac vehementer gaudeo.

Dixi.



## ORATIO

### FINEM IMPONENS STUDIORUM CURRICULO HUIUS ANNI

M. DCCC.

A

MICHAELE JOSEPHO REINAUT,

*Episcopalis Seminarii Olindensis Ecclesiasticae Historiae  
Publico Professore.*

**Q**UAMVIS multa , valdeque ardua mihi undique  
circumirent pericula , quae Oratorum maximo-  
rum , aliorumque in omni scientiarum genere peritis-  
simorum ingenia concutiunt , vires enervant ; debili-  
tant , attamen in hujusmodi tam praestantissimi , sa-  
pientissimique Auditorii conspectu nihil horum vereor ,  
nihil timeo. Quid enim mali sub Te Auspice , Prae-  
sul Excellentissime , Doctissime , horumceque studio-  
rum perquammaxime Amantissime , mihi poterit eveni-  
re ? Quid erroris ? Quid noxae ? Quid obtreccionis ?

Oratio nimis prolixa , plurimumve brevis ; nulla  
inventionē plena , multis flosculis , et sententiolis res-  
persa , venustate non adornata , omni fastu , et osten-  
tatione repleta ; puritate , et eruditione carens , ver-  
bosa obscuritate dives , ornatus nimia luxurie abun-  
dans ;

dans ; haec pericula , haec sane communia vitia , quae Oratores etiam maximos ambiunt , quibusque vincendis , totum laborem impenderunt , totam operam praestant , vires defatigarunt , sudaruntque supra modum eximii Eloquentiae , Rhetoricesque cultores. Sed quid de tanta eorum solitudine , de tanta defatigatione ? Cornelio Tacito non satisfacit Tullius ; non placet Asinio Pollioni Titus Livius , nec ipsemet Cicero ; Homerum insequitur Zoilus ; Virgilio Libros Tiberius Caesar , alioquin non indoctus , ex bibliothecis amovet , nec multum abfuit , quin incendiis daret ; Oratoribus Graecis Sapientissimis Atheniensibus graves sunt Spartani , ab istisque tamquam concisionis osores criminantur illi ; et ne in singulis persecuendis videar inutiliter diffusus , nemo inventus est , cuius opera , et studia ab omnibus probentur ; quinimo si aliquibus placent , et hi admodum pauci , ab aliis , quorum palato non sapiunt , nec ad illorum salivam sunt temperata , velut insulsa ; peregrinaque aetutum aestimantur , proscinduntur.

Verum enim vero , Sapientissimi Auditores , quum ignorantiae non sit comes invidia , sed magnis conatibus inimica semper obviam fiat , nihil est , ut candidè fatear , quod me deterreat ab ista oratione , provincia sane magna ; meis viribus impar , mihi licet non invito , reluctanti parce , ut non inobsequens viderer , demandata. Ignorantia mea , vestraque humanitas mihi pro vindice habentur : hospiti in Grammaticis , in Rhetoricis peregrino , nihil odii , invidiaeque vestrum conflabo : errores bene multos invenietis , sed iis tamquam illiterati , imperitique partibus indulgete ; etsi aliqua species boni , artisque videatur , eam non ingenio , sed fortuito inventam existimate : qua propter omnia mihi erunt lucra , ipsasque emenda-



dationes vestras cum gaudio , hilarique animo recipiam , acceptabo. Et cum mihi non liceat linguis omnino favere , operae pretium me facturum esse putavi , si plusquam semel , si semel atque iterum vestris auribus resonare facerem illa verba Theodosii ad Patres Conscriptos perorantis = Otio non frui quodam tempore patimur , ne labore videamur fatigari continuo. = Res attentione vestra haud indigna , nihil inpraesentiarum salutarius , nihil jucundius , nihil dulcius.

Vos alloquor , Socii colendissimi , amantissimique Collegae , qui anni pensum explevistis , studiorumque metam attigistis quam feliciter. Me verba facturum rostra conscendere Vosmet ipsi censuistis : mei muneris est , hoc aestivo tempore valedicere , ferialesque dies Vobis designare. Requiescite , vacate , ferianimi : Deus nobis haec otia fecit. Non arcus tantum , non lyra solum , homines etiam quiete vigent , et praepollent : ad animos reficiendos , ad vires denuo colligendas , otio nos frui quodam tempore patimur , ne labore videamur fatigari continuo. Magnus sane labor , foecundus , et utilis. Heu nimium ! Utinam mihi adesset illa elloquis Ciceronis ubertas , is artis splendor , quo laudes vestras pro dignitate celebrare possem ! O' felices , terque , quaterque felices ingeniorum perspicuitates ! O' beatos , terque , quaterque beatos insolitae litteraturae homines ! Capita Coelo digna ! Pallade tumentia ! Attigistis gloriae verticem , et ad portum optatum , variis licet jactati procellis , bonis avibus appulistis. Requiescite , vacate , feriamini : Deus nobis haec otia fecit. Quae in antiquis solebamus mirari , Auditores praeclarissimi , ac pene fictitia opinabamur , in doctissimis nostris Magistris reviviscere , ac vera esse conspiciamus , intuemur. Ce-  
le-

lebravere priora illa tempora Julii Caesaris, Crispi Salustii, Marci Varronis, Ciceronis, et Demosthenis indefessa studia. Quid ergo? Viderunt lucubratas noctes, ac insomnes, sudatas aestates, hiemes superatas, labores innumeros, quibus nomen aeternum quasi suo sanguine emunt Triumphales isti, Victores scientiarum isti? Si utraque aequa lance appenderentur studia, criticaque trutina essent libranda, magno revera pondere haec distarent, ipsique in celebrandis eorum encomiis impares, et sine viribus se ultro profiterentur. Neminem Vestrum later, quantum in maximis ponantur ipsorum studia, quantumque lucubrationibus suis profecerit studiosa juvenus. Ast suspectus graviter, et infensus, nec non et injurius vobis viderer, amantissimi Collegae, si ipsa studia vestra praetermissem silentio. Sed quae oratio tam foecunda, quae Phocionis sanctimoniam, Scipionis moderationem, integritatem Catonis prosequi possit? Quae, inquam, tam ampla, quae sapientissimorum Vestrum scientias, et studia exprimere queat? Quae tam fervens, quae non frigida videatur? Quae tam vivida, quae non languida appareat? Votis meis lingua debilis non poterit abunde facere satis; quidquid vero cessaverit ex ore, famam longe, lateque diffusa supplebitur.

Non regnat ille immoderatus novitatis amor, qui multorum hujus temporis animos haud difficulter invadit: non illa ardentissima sitis, quae ad multa errorum monstra mortalia pectora cogit: non viget illa quorundam Theologorum imprudentissima lenitas, pietas illa inconsulta, perniciose benignitas, qua in extirpandis poenitentiae spinis, in tollendis funditus conscientiae scrupulis, ingeniosi, solertes in excogitandis lenociniis, quo peccatores, sarcina licet criminum gravati,

vati, commodiorem vitam agere possent, sagaces, et astuti, viam promittent facilem, securam semitam et tranquillam, ut reddant dulce, quod amarum, formosum et suave, quod horrendum et putridum est. Non extat nimius ille rigor, torva severitas, qua Theologi multi, ut Rigidissimorum sibi nomen assumant, adeo severiores morum praescribunt regulas, peccatoribusque terrorem adeo incutiunt, et premunt, ut in desperationem adducti, omnem suae salutis curam abjiciant, et aspernentur. Procul a Doctore nostro sapientissimo, a Vice-Directore nostro prudentissimo hujusmodi studia, doctrina nequissima, laquei sinuosi, in quos captare se sinunt tot infelices hominum. Accerrimus defensor, propugnatorque, traditionum nostrarum tenacissimus, quid novitatis in religione, morumque doctrina in illibatam sui mentem irrepere potuit? Propriae non innixus prudentiae, suis nihilo indulget affectibus, nec ad lapidem amussim, sed ad amussim lapidem aptare contendit: legem aeternam ad voluntatem suam trahere formidans, in omnibus, velut caecus, ipsius ductui se subjicit, se permittit. Quoties enim non vidistis eum graviter increpare insensatos libertatis insectatores? quoties rigida fronte ipsorum audaciam contundere, frangere, comprimere, resecare? Ad bene informandos Christianorum mores quis unquam doctrinam moralem adeo rectam, puram, sanam, et illibatam tradidit, proposuit? Sacrarum Scripturarum eruditionem satis superque adeptus, verborum ac sententiarum copia admirandus, non in Casuistarum auctoritate, sed in verbis Dei scriptis, et traditis, in Summorum Pontificum Diplomatum, Legi divinae consentaneam, cupiditati adversam, pietati, et caritati faventem, a laxitate morum, et a rigorismo abhorrentem Theologiam suam  
fir-

firmat, statuit, corroborat. Inusitata in docendo perspicuitate, infatigabilis, indefessus, a labore invictus, quis illum, in suis alumnis, viribus nunquam fractis et debilitatis, ad maiora studia promovendis poterit aequare? Soci colendissime, requiescito: ad animos reficiendos, ad vires denuo colligendas, otio nos frui quodam tempore patimur, ne labore videamur fatigari continuo. Requiescito, vacato, feriator; Deus nobis haec otia fecit.

Age fiat, Auditores praeclarissimi, ut à longinquis velut hydrae Lernae virulento suo anhelitu agros nostros uberrimos infestantes, veniant Novatores multi, multique Haeretici appareant, protervis doctrinis suis inconsutilem Jesu Christi tunicam laniare tentantes. Quid? Num adamantina illa fides sub tantis, tamque sapientissimis Magistris jacturae aliquid patietur? Minime gentium. Num Paranambucensis Ecclesia sub tantis, tamque sapientissimis Magistris structa, ullis ventorum turbinibus, ullis undarum fluctibus, ullis nimborum, tonantibusque procellis jactabitur, illidetur? Haudquaquam: minime omnium. Veniant, accedant, appareant vere nunc Arius Filii Dei consubstantialitatem negans, Sabellius Sacrae Triadis confutator, Macedonius Spiritus Sancti Divinitatis osor, Nestorius geminae in Christo personae assertor: veniant, accedant, appareant Manichaei, Donatistae, Pelagiani, alterique multi hujus furfuris atque farinae Ecclesiae insectatores. Ecclesia nostra, velut durissimum saxum in medio maris ullis undarum impulsibus inconcussum, firmissime stabit, permanebit.

Si Justinum Martyrem, Dionysium Alexandrinum, Alexandrinumque alterum Cyrillum, Athanasium, Hilarium, et Augustinum prima illa saecula  
non

non desideravere , qui pullulantes sua aetate errores grassantesque haereses contererent , et exterminarent ; nos quoque non desideramus ingenium aliquod subtilissimum , omnigena scientiarum copia instructum , a subdolis haereticorum nugis orthodoxam fidem vindicans fortissime ; non desideramus , non optamus , non egemus , habemus haud dubie. Ecce Laborerius noster amicissimus , heros quam eximius , extra omnem ingenii aleam positus , qui immensam eruditionem Theologicam , in variis Sanctorum Patrum operibus dispersam , in intellectu suo amplissimo concludens , quasnam victorias , quasnam palmas , quosnam triumphos de haereticis non reportabit ? Scripturam Sacram sedulo , indefesso labore , nocturna , diurnaue manu adeo evolvit , et discutit , ut vix , ac ne vix quidem dici possit , quam sit accuratus , quam sit dives , quam sit locuples utriusque Testamenti auctoritatum. Adversus Judaeos , Infideles , et Haereticos non ratiunculis , non vanis , excogitatisque disputationibus , non subtilitatibus novellis , constans in Traditione ex divinarum litterarum fontibus , ex Summorum Pontificum Decretis , ex Conciliorum Oecumenicorum Canonibus orthodoxa Dogmata asserit , propugnat , tuetur. Et quanto studio , quanto labore , quibus vigiliis illi opus non esset ad perfectissime comparandam spatium vitae tam brevi hujusmodi scientiam , ad quam solum attingendam multi etiam senilis aetatis magnis laboribus pervenire non potuere ! Soci colendissime , requiescito ; ad animos reficiendos , ad vires denuo colligendas otio nos frui quodam tempore patimur , ne labore videamur fatigari continuo , requiescito , vacato , feriator : Deus nobis haec otia fecit.

Sed quid de profunditate , eruditionis vestrae , amantissimi Collegae , Socii collendissimi , Fratres in  
Do-

Domino , Michael , et Joseph , Geometriae , Philosophiaeque Professores sapientissimi ? Quid de immensitate studiorum , de scientiarum soliditate , de alacritate ingenii , de solitudine , de perenni ardore , de inexhausta discipulorum vestrorum progressus cupidine , et aviditate ? Quamquam profundissima vestra humilitas , innataque modestia me linguam continere jubent , verba pro veritate pugnant , et vincunt. Nihil rarius , nihil admirabilius , nihil excelsius. Quis enim Geometriae lineares ductus , Figurarum mensuras , et proportiones , Arithmeticae calculos , et computationes , omnes Mathematicae demonstrationes melius intellexit , et ingeniosius dissolvit ? Quis rerum naturas , corporum proprietates , et virtutes facilius investigavit , et cognovit ? Quis unquam metallicae concretionis glebas promptius invenit , elementorum dissolutiones accuratius fecit , machinalem scientiam , legesque mechanicas solidius proposuit , philosophicas doctrinas incorruptius , subtilius ventilavit ? Quis Dialecticae nodos exposuit , Criticesque regulas profusius docuit ? Quis copulata dividere , associare , disjuncta definire , ratiocinari , viam et ordinem discendi , docendique methodum praescribere , tela , armaque digladiandi , seu argumenta tractandi , sophismata dissolvendi , quis unquam doctrinas ad omnes scientias comparandas omnino necessarias , non dicam , copiosius , et efficacius , sed magis scienter proposuit , suppeditavit. Heu me infelicem ! Non animus meus mihi , sed verba defuerunt. Quae natura , prodiga plenaque manu , vobis , Professores sapientissimi , sua dona concessit , captui meo impervia , non posse explicare sermone , vehementer doleo : admirabor , obstupescam. Labores vestros tantummodo , sudoresque multos , quibus adhuc gloriae verticem vosmet ipsos extulistis , pro  
meis

meis viribus commendabo, laudibus afficiam: sed quid mihi opus ut ea commemorare, quae nemo non videt, nemo non laudat, nemo non miratur? Requiescite, amantissimi Collegae, ad animos reficiendos, ad vires denuo colligendas otio nos frui quodam tempore patimur, ne labore videamur fatigari continuo. Requiescite, vacate, feriamini: Deus nobis haec otia fecit.

Requiescite et vos, Socii colendissimi, Michael, Eloquentiae Magister eruditissime, Antoni, et Francisce Graecae, Latinaeque Linguae Professores probatissimi, requiescite; vos duros subiisse labores, nec dies, nec horulas, et ne minimum quidem temporis punctum vobis evasisse studiis vacuum, apud omnes est in confesso, requiescite, qui exactissimi amussitati studiis vestris ultimam, extremamque manum posuistis, et ad summum apicem sublimastis. Et quam multa, quamplurima de vobis dicere in deliciis haberem, exoptarem? Sed libenti, prolixoque animo ignoscite mihi, quia solae angustiae temporis silentium indicere me cogere possint. Naturam ad sola vos genuisse studia, non inficias ibit; ultro fatebitur quisquis praestantes Candidatorum vestrorum progressionem attento, incorruptoque creverit animo. Requiescite; ad animos reficiendos, ad vires denuo colligendas otio nos frui quodam tempore patimur, ne labore videamur fatigari continuo: requiescite, vacate, feriamini: Deus nobis haec otia fecit.

Eia, praestantissimi Candidati, macti estote virtute, ingenio macti: solitudines, defatigationes, vigilantias, aliaque id genus afflictionum, quae pro vestra instructione sapientissimi Professores haud gravatim, perlibenter susceperunt, inutilia et infructuose reddatis; feriales dies vobis conceduntur non ad  
igna-

ignaviam , non ad veterum , non ad ludos , non ad aleas , non ad voluptates ; quae mala , quae damna ex hujusmodi socordia , et oblectamentis proveniunt , vobis non ignorantur ; nihil esse , quo ingenii acies magis hebetetur , ipsi scitis : a gymnasiis vacate , otio nos frui quodam tempore patimur , ne labore videamur fatigari continuo ; sed non studiis feriamini , ut cum Plinio non immerito dicere possimus = O dulce otium , honestum , ac pene omni negotio pulchrius = et cum Martiale canatis =

*Te pia Cecropiae comitatur turba Minervae ,  
Te secreta quies , Te sophos omnis amat.*

Praesul Praestantissime , hujusmodi studiorum Fundator vigilantissime , litterarum Protector amplissime , et Parens amabilissime , Te deprecor , Te etiam atque etiam rogo , humillime quaeso , et reverenter implo-ro , ut largissimas Paterni Tui Amoris Benedictiones super nos benigne infundas , ut nos salvos , nos vegetos , nos promptos , nos Tui studiorumque tuorum dignos ad haec subsellia reducant amplius laudandos , et ut Deum Opt. Max. assidue , et sine intermissione precemur , Te incolumem , Te sospitem , Te firmum , Te validum servet , custodiat , protegat , atque defendat , ad nostrum praesidium , ad Scientiarum decus , ad hujus Paranambucensis Ecclesiae firmamentum : fiat , fiat.

Dixi.

R.

EX-



EXCELLENTISSIMO  
NEC NON  
REVERENDISSIMO DOMINO  
DOMNO JOSEPHO JOAQUIMO A CUNIA  
AZEREDIO COUTINIO,

*Paranambucensi Episcopo, Seminarii Olindensis Fundatori,  
studiorum Reformatori, atque Directori,*

CYRIACUS ANTONIUS ARAUJIUS,  
*Ejusdem Seminarii Alumnus,*

ORATIONEM ACADEMICAM

PERACTO ANNO PRIMO LITTERARIO,  
IN IP SO SEMINARIO RECITATAM

D. O. C.

O Pinor vos ego, Excellentissime, ac Reverendissime Domine, praestantissimique Doctores, necnon Sapientissimi scientiarum, et artium Magistri, et reliqua doctissimorum congregatio scolasticorum; opinor vos ego mirari quid, quod inter tot, tantosque in omni scientiarum genere eruditissimos, ego potissimum surrexerim, qui neque ingenio, nec facundia, nec eloquentia, nec denique auctoritate sim cum iis minime comparandus: ego tandem, Excellentissime, ac Reverendissime Domine, qui per arduum, longissimumque studiorum curriculum vix ingressus sim, in asperrimam reprehensionem fortasse incurrerem, fuisse mihi audaciam de utilissimo scientiarum negotio, ut omnes ad earum studium ex animo incumbant, inter tot summa, ac divina ingenia, quae vastissima eruditione, insigni facultate, naturae dotibus, ac de-  
ni-

nique virtutibus sibi famam comparaverint, verba faciendi. Quid ergo? Audacissimus ego ex omnibus? Minime. At tanto officiosior, quam caeteri? Ne tantae quidem laudis sum cupidus, ut eam aliis praeripam velim. Quae me igitur res impulit, ut de hac re concionem haberem, sane fuit Sapientissimi, ac Reverendissimi Domini Patris Magistri praeceptio, cuius voluntati obedire semper paratus adero. Quia, si quis istorum dixisset, quos in praesentiarum adstare videmus, in quibus plus est ingenii, facundiae, et amplitudinis; si de hoc negotio verba facerent (id quod certe fieri operae pretium erat) multo plura dixisse, quam dixisset, putaretur. Ego vero etiam si aliquid eorum, quae dicenda sunt, accurate dixerem, nequaquam tamen propter infacundiam, et inscitiam similiter oratio mea exire, atque aliquid in animum alicujus inducere poterit. Deinde, quod caeterorum neque dictum obscurum potest esse, propter eloquentiam, et amplitudinem; neque temere dicto concedi, propter scientiam, et prudentiam: ego autem siquid diligenter dixerem, vel occultum esse, propterea quod minime satis instructus, et facundia expertus, vel ignosci adolecentiae meae poterit.

His de causis, si in hac dicendi ratione gravioribus utar verbis, quam natura fert, aut levioribus, quam res postulat, obsecro te, Excellentissime, necnon Reverendissime Domine, vosque praestantissimi, ac sapientissimi doctores, eruditissimorumque turba scolasticorum, qui ad me audiendum in concione adestis, obsecro vos omnes, ut mihi detis veniam, ignorantiae meae accommodatam, vobis, quemadmodum spero, non molestam.

Homo, enes finitum, ad inquirendam veritatem, verumque bonum consequendum à Supremo Artifice

destinatus, in omnibus scientiis animi attentione, ac solitudine objectum dignius invenit. Singulae novas voluptariasque rationes ad ejus oculos referunt, quibuscum non solum tot, tantorumque virorum, qui aeternam sibi famam comparaverint, vestigia implere valeat, sed etiam aliquid novi, quod humanam cognitionem adaugeat, in lucem prodere. Singulae positis quibusdam principiis, continuataque demonstrationum serie immensas obscuritates, quas secum fert educatio, praejudiciaque populi, atque sensuum, ne fiant progressus, ex animo dispellunt. Singulae tandem, nova lucerna, quae inter tenebrarum caligines nobis lumen praebet, Ariadnae filum, quod inter tot, tantorumque errorum, ac penitus insitorum labyrinthum nobis se ducem securius exhibet. Scientiae igitur hominis attentionibus, in quolibet statu constituti, sive publici, sive privati; Ecclesiastici, aut secularis; illustris, aut plebei; divitis, aut inopis objectum plusquam omnia dignum: objectum denique, quod in Gentes gloriam, in imperia stabilitatem, in populos felicitatem, in sapientes splendorem acquirit.

Pleni omnes sunt libri, plenae sapientium voces, plena exemplorum vetustas, quae in tenebris jacerent omnia, nisi litterarum lumen accederet. Quam multas nobis imagines, non solum ad intuendum, verum etiam ad imitandum; eruditissimorum virorum expressas Scriptores et Graeci, et Latini reliquerunt! Omnes summos viros, quorum virtutes litteris proditae sunt, doctrina nitescere videmus. *Studia* (inquit Cicero) adolescentiam alunt, senectutem oblectant, secundas res ornant, adversis perfugium, ac solatium praebent, delectant domi, non impediunt foris, pernoctant nobiscum, peregrinantur, rusticantur: quod si ipsi haec neque attingere, neque sensu nostro gustare possemus,

tamen ea mirari deberemus, etiam cum in aliis videremus. Quid corporis dotes? Quid animi facultates? Sine doctrina, minime: alloquitur Tacitus. Quid divitiae? Quid fortunae? Quid opes? Quid dignitates? Quid honores? Sine sapientia, nihil: enunciat Caius: quia sapientia à virtute abesse nequit: quod si profecto ad percipiendam, colendamque virtutem nihil homines adjuvarentur, nunquam ad earum studia se contulissent. Praeterea etsi hic tantus non fructus ostenderetur, et si ex his studiis delectatio sola peteretur, tamen hanc animi remissionem humanissimam, ac liberalissimam semper judicarem. Historia novimus populos in illis regionibus, a quibus Artes, Scientiaeque absunt, nec micantem fulgorem diffuderunt, omnes stupidos, barbarosque effci.

Hoc est in causa, cur Sapientissimi Legislatores in novis Congregationibus litterariis constituendis, e quibus studiosa Juventus veri a falso discernendi doctrinam caperet, curam, diligentiamque adhibuere. Haec causa est, quod Phaenices, Graeci, atque Romani, dum studia, Artesque colebant, prospero fortunae statu usi fuere. Hoc certe est, quod in Occidente illi summi viri, qui e barbarorum manibus immaniumque legionum, quae in summum Orientale Imperium irruere, evaserant, auxilio levati, atque in honore sunt habiti. Ea est denique causa, quod amabilissimus Pontifex noster Excellentissimus, necnon Reverendissimus Dominus Dominus Josephus Joachimus à Cunia Azeredius Coutinius in hoc constituendo Seminario, aut potius novis Athenis, ubi Clerus, studiosaque hujus felicis Dioecesis Juventus, ut in limpidissimo fonte, perutilia documenta, quae mentibus lumen praebent, haurire possit, ut aliquando ad Ecclesiam, et Patriam usui sit, omnem curam, solitudinemque suam collocavit.

Lau-

Laudibus offerimus dotes Augustissimi Principis nostri, qui ex singularibus suis virtutibus ad sui populi splendorem pari voluntate conferre solum animo intendit, excitando, protegendoque Studia, quae in Religione, et statu robur constituunt. Artes, et Scientiae non saepe in interioribus cubiculis homines attingunt: perrara sunt ingenia privilegiis praedita, quae rerum agnitionem acquirunt, rationem cum Musis non habentia. Aemulationem, ingentem spiritus humani molem ad efficiendos Scientiarum progressus, summumque nomen consequendum mutuam operam efficaciter conferentem non solum necesse est Minervae gymnasiis adesse, sed etiam perutile. In taedio essem, si ad vestros oculos habere voluissem, quam maximos fructus prae se ferunt Studia, ad hoc taceam.

Nunc habemus, Contubernales, Collegaeque amantissimi, praestantissimos Theologiae Professores, quibus tum in exactissimis Moralibus disciplinis operam dare possimus, tum etiam in fidei puritate, his maxime calamitosis diebus a miserrimis impietatis discipulis, ad monstrorum doctrinam horribilium, quibus Magistrorum nomen, abientibus, tribuunt, exagitatae; qui etiam scriptores ingeniosi vocantur, phantasia minime vulgari, exquisitoque judicio praediti, immortalitatis gloriam nominis sui memoria prosequentes: quod ita fortasse fieret, si ipsimet aequo, bonoque animo, mentisque acumine in solidum, ac verum praeclara, à Patre luminum accepta, firmiter ingenia dicassent; at vero Creatoris beneficiis immemores, inque Patriam suam ingrati. Philosophi elati, verae Religionis desertores, abiectione plusquam dignissimi, ad aevi sui calamitatem, innumerabilesque animas perdendas exorti, quid affectant? Quid aestimationis in vere sapientium mente, cordatorumque vi-

ro-

rorum sibi comparant, insignibus naturae dotibus abutentes? Sibimet ipsis feliciter blandientur memoriam sui nominis in posterum consecrando. Historia autem si rerum gestarum monumenta servat, quid in posteris? Inflatos absque principiis, constantia, ac systemate fuisse litteratos, fluctuantes semper, semperque ad sanam rationem sensuum, ac verborum splendori sacrificandam paratos, historicos incredulos, pravas ideas ex factis inculcantes, fictaque ad quidquid religiosissimi deridendum insequentes; narrabit illa. Oh tempora! Oh mores!

Nunc etiam nobis est hic Geometria; ea est, quae ad ratiocinia intelligenda, vanasque argumentationes dijudicandas aequabilitatem, ad rerum congruentias prompte agnoscendas, ac diversas implicatae demonstrationis partes simul amplectendas facilitatem mentibus praebet. Ea est denique, quae primordiis scientificis, ad ea, cum opus sit, subministranda, principiis retinendis animos assuefacit.

Schola hic fruimur, qua traduntur notiones, causae, ac rerum rationes, aut creatorum, aut aeternarum, aut possibilium, ratiocinandi, et iudicandi methodus docetur: qua verum a falso discernere, in naturam hominis moralem inquirere; regulas, quibus honeste, et sapienter vitam degere possit, tradere, mundum intelligibilem contemplari, id est, primigeniarum vires substantiarum, seriem, et ordinem, fines, pulchritudinem, causas et activas, et primas item edocetur: qua de animabus, de spiritibus, de Deo, de Religione etiam disseritur: qua denique generatio, propagatio, productio, germinatio, destructio, phoenominaque trium Naturae regnorum: Animalis, Vegetalis, Mineralis, omnia a supremi Artificis providentia in finem disposita, in admirationem conspiciunt.

ciuntur. De Philosophia verba facio. Ea est scientia ; quae tot , tantorumque virorum memoriam consecravit : Ea , quae principia atque media , et ideo homini maxime necessaria , caeteris subministrat : ea est denique scientia non solum utilissima , verum etiam jucundissima : id quod nomen ipsum nobis ostendit : Philosophia , amor sapientiae , veritatisque studium.

In promptu item Rethoricen habemus , ea est Ars , qua ornate dicere , affectus ad persuadendum movere , verbis convincere , amicos defendere , regere consiliis senatum , populum , exercitum , in quae velit ducere apposite traditur ; ut ait idem Quintilianus ; et ideo perutilis conveniensque bono viro. Et alio loco Cicero. Quid aut tam admirabile , quam ex infinita multitudiae hominum existere unum , qui id , quod omnibus natura sit factum , vel solus , vel cum paucis facere possit ? Aut tam jucundum cognitu , atque auditu , quam sapientibus sententiis , gravibusque verbis ornata oratio , et polita ? Aut tam potens tamque magnificum , quam populi motus , iudicum religiones , senatus gravitatem , unius oratione converti ?

Certe quidem eloquentia : cujus ingeniosi alumni emphaticas narrationes , futiles verborum altercationes , comparationes adactas , verba translata , antitheses , hyperbolesque Orientales ex animis abjicientes , exactam artis agnitionem , verissimam pulchritudinem quam maxime contemplantur.

Sunt denique nobis hic linguarum Cathedrae et Orientalium , et Occidentalium , ut studiosa Juventus plus aliquid gaudii in expositione archetyporum , quam maxime perfectorum , incomparabiliumque venerandae Antiquitatis magistrorum animis versare possit.

Hae sunt , Auditores praeclarissimi , aliquae earum disciplinae , in quarum mentionem eruditissima , quae huic

huic Seminario praescriptionis in loco sunt, Statuta incidunt, et à Sapientissimo, Amantissimoque Pontifice nostro, ex suis dotibus laude Dignissimo, ex virtutibus quam maxime Venerabili, sapientia Mirificentissimo, ac denique ardentissimo scientiarum amore supra modum Inflammato, qui eis propense auxilio est, et ex gaudio colit, accuratissime praeordinata. Eas verissimum nec mutabilem nationum splendorem efficere, eumque esse praestantiam ad rem pertinentem, quamquam vulgus, quam sit perutilis, non agnoscat, magnopere non nescit ille. Vosque Contubernales, Collegaeque amantissimi, qui inclita ingenia hoc primo studiorum anno in vulgus exire benefecistis, obsecro, obtestorque in eadem maneatis sententia; de Litterarum cursu deflectere nolitis, a proposito ne distrahatis; in incaepo praestetis; ne tandem hac studiorum vacatione, si vobis Amabilissimi, Incomparabilisque Pontificis nostri benevolentiam conciliare volueritis, dessuetudine languescere sinatis. Hic pacis Custos, tenebrarum Extinctor, Litterarum Defensor, ingeniorum Stimulator, promeritorum Aestimator, praemiorum Largitor, virtutumque omnium Remunerator, Dominus Domnus Josephus Joachimus à Cunia Azeredius Coutinius.

Dixit.



*Dissertações recitadas pelos Collegiaes, e Estudantes do Seminario Episcopal de Nossa Senhora da Graça da Cidade de Olinda, nas occasiões dos Exames annuaes, feitos em presença do Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor D. José Joaquim da Cunha d'Azeredo Coutinho, Bispo, e Governador da Capitania de Parnambuco.*

*Quae constant supra captum humanum esse ne investigato: Si non constant, animum quidem ne despondeto. Sed si sunt inutilia, aut parum utilia, ne diu quaerito, animumque a necessariis ne abstrahito.*

**S**ENDO a razão huma faculdade, que com o homem nasce não mais do que como huma disposição para perceber, entender, e raciocinar, ella se vai formando pouco a pouco, e fazendo util ao homem o seu uso, combinando as primeiras idéas, que os sentidos lhe administração, e multiplicando por meio dos racionios os seus conhecimentos, que assim se vão estendendo, segundo o maior ou menor número de idéas, de que a mesma razão se vê enriquecida, sem que com tudo chegue a fazer-se capaz de conhecer todas as coisas existentes, e principalmente aquellas, que são sobre-naturaes, sobre as quaes se contém em hum certo limite, de que se não faz sem precipicio o menor

nor transgresso : porque sendo os sentidos os órgãos primarios , por onde nos vem , ou seja immediata , ou mediatamente , todas as idéas , sobre que se fórma , e exercita a nossa razão , podemos sim chegar a conhecer muitas coisas , que immediatamente não estão sujeitas aos nossos sentidos , mas ainda esse mesmo conhecimento será imperfeito sobre a essencia real das mesmas coisas , visto que aquelles não só são imperfeitos mas tambem em pequeno número. Dependendo por tanto a razão destes órgãos tão falliveis , imperfeitos , e limitados já mais poderá ser capaz de comprehender , não digo todas as coisas creadas , mas ainda perfeitamente alguma dellas. Daqui se vê que sendo a nossa razão contida em hum pequeno circulo de idéas , que nem se estendem a todas as coisas accessiveis aos nossos sentidos , he inteiramente desigual a respeito daquellas que por nenhum principio natural podem ser percebidas. Daqui se póde conhecer o quanto he loucura pertender comprehender ao mesmo Creador , quando as coisas creadas excedem a nossa capacidade. Daqui , digo , se póde colligir a que abysmo de erros nos conduzimos quando peia razão julgamos das coisas , que lhe são superiores ; pois que naquellas mesmas , que nos são palpaveis , vemos implicados os nossos conhecimentos.

Pelo que para evitarmos este attentado temos o Canon que nos recommenda não indaguemos as coisas que excedem a capacidade humana : regra esta tão preciosa , quanto he fatal o erro de que nos preserva. Admoestando-nos porém que não pretendamos sujeitar todas as coisas á nossa razão , não nos manda com tudo , que deixemos de indagar aquellas , que , por occultas que sejam , podem muito bem ser descubertas por meios de racionios , e experiencias ; ain-

da mesmo aquellas de que já temos alguma noção ; porque sendo como são imperfeitos a maior parte dos nossos conhecimentos , podem chegar a hum ponto mais perfeito á força de muitas indagações : por isso não devemos desmaiar receando hum trabalho , de que nos póde rezultar gloria , e á Patria grande proveito.

Como porem hajão muitas coisas , que pela sua insignificancia não merecem a nossa attenção , e nos vem a ser inutil o seu conhecimento , sendo mais antes de algum modo prejudicial , porque nos toma o tempo , que poderíamos empregar na indagação de coisas sérias , e proveitosas , não devemos occupar-nos na sua indagação , para que não succeda , que abstrahindo o nosso animo , e applicação das coisas importantes , só fiquemos com o conhecimento das frívolas , como muitos , que infelizmente empregarão nelas os seus dias.

Marcos de Araujo Costa ,

*Seminarista de Olinda , natural do Piauí  
do Bispado do Maranhão.*

---

**A** Muitos parecerei , Excellentissimo , e Reverendissimo Senhor , e mais respeitavel Assembleia , a muitos parecerei temerario por tratar da utilidade da Geografia na vossa presença , na presença de quem tem formado a mais clara , e distincta idéa , de que he susceptivel esta materia ; porém se esses mesmos reflectirem comigo , comigo convirão , que só poderá fallar na presença de quem , como Vós , abrange de hum só golpe de vista a terra com todos os seus climas , e máres , comprehendidos

dos pelos pontos Geograficos; e que está altamente persuadido da utilidade desta Sciencia, poderá, digo, della fallar quem ainda agora com mão trémula a penas entra a manejar o globo, quem inda não tem d'elle plantado na imaginação outra idéa, que não seja mais que confusa: e pensais vós, Senhores, que desconfio de vossa attenção, quando trato da utilidade de huma tal Sciencia, qual a Geografia, que não só se-faz (como mostrarei com a brevidade que em mim fôr) util, e agradável, senão tambem necessaria aos homens de todas as classes? Quando penso eu no quanto tem de agradável esta Sciencia, parece-me que tenho á vista o Geografo no seu apertado gabinete percorrendo com a maior facilidade os mais arredados paizes: eu o vejo viajar por máes desconhecidos, apresentar-se ás soberbas, e populosas Capitaes, e até calcular o número de seus habitantes, mostrando com individuação o berço dos Heróes, que merecêrão da posteridade tantas admirações, os lugares onde se tem decidido da sorte de tantos mortaes; elle sobe ás mais elevadas cordilheiras, elle desce a seus profundos valles; á sua vista apparece o generoso Portuguez, o orgulhoso Hespanhol, o jovial Francez, o melancolico Inglez; elle he excitado ao trabalho pelo applicado Alemão; o Italiano he quem o vai resguardar da excessiva devoção: de hum lado descobre a grösseira, e selvagem Africa, a magnífica Asia, de outro a rica, a preciosa America; não se-lhe-occultão as minas dos mais estimados metaes, os jaspes, os diamantes, as especiarias, e as mais producções, que tem repartido a Natureza com os homens de diversos climas, parando surpendido da côr, estatura, e costumes de seus semelhantes. Por ventura não he este hum dos quadros, que merecem

occupar a nossa fantazia ? Haverá acaso quem duvide da necessidade da Geografia ? Digão se he ella , ou não necessaria : os Estatutos deste Seminario tão sabiamente ordenados pelo nosso Prudentissimo Prelado : que outra coisa , senão a sua necessidade , mostra o arranjo desta Sciencia entre as applicações primarias ? Não foi esta sempre a ordem , que prescreverão todos os sabios ? Esta a disposição , pela qual entenderão todos remediar a falta de conhecimentos , que requerião as mais Sciencias ? Digão se he , ou não necessaria esses factos , que parecem unicamente estar derramados no corpo das Historias para munir a posteridade de tantas , e tão irrisivas idiotices. Logo que Clemente VI. faz doação das Ilhas Canarias a Luiz , Conde de Clermont , o Inglez , Embaixador no Estado Ecclesiastico , ouve a doação , e persuadido de ter o Soberano de Roma disposto das Ilhas Britanicas cheio de resentimento deixa o lugar de seu Ministerio , elle parte , vóa , e chega á sua Corte a noticiar hum procedimento de tão funestas consequencias ; o Parlamento , e seu Soberano olhárão para o facto de hum modo indifferente , e o contemplão como effeito de hum zelo patriotico igualmente que da falta de conhecimentos Geograficos : e dir-se-ha ainda não ser a Geografia necessaria ao Politico ? Ao Politico , que indaga os interesses , e pertenções dos Soberanos nos Estados proprios , e alieios ? Se Parmenião não fora acompanhado de alguns conhecimentos Geograficos , em vão se esforçaria a coragem de alguns poucos soldados a pôr no Throno de Dario a esse , que se arrogava o titulo de Conquistador do Universo : Alexandre não seria tão feliz em suas expedições , se a seu lado não tivesse a hum tal amigo , que lhe traçasse o plano para as conquistas :

tas: é tu, Dario, não gemerias sob o jugo de teu competidor, se attendesses aos que acertadamente te mostravão para hum tal theatro as vastas campinas de Mezopotamia: eis-aqui como he esta sciencia necessaria ao Conquistador, e mesmo ao Soberano, em quanto deve segurar na testa a Coroa, que lhe cingirão seus vassallos. Sem esta sciencia em vão trabalhariao a pôr-nos á vista tantos, e tão interessantes factos essas pennas infatigaveis; as historias outra coisa não seriam, senão huma inutil exposição de factos, que sem relação alguma aos lugares, produzirão em lugar de certeza, ignorancia, e confusão: os Historiadores com as historias virião a sepultar-se no abysmo do esquecimento, fazendo-se inuteis, e enfadonhos aos demais homens. E qual será a mão temeraria, que sem auxilios desta sciencia se arroje a folhear essas volumosas pessas, que com tanto lustre compoem as bibliothecas de nossos dias? Qual será a penna tão ousada, que sem inteiro conhecimento desta sciencia emprenda desenhar este grande quadro, em que se veção felizmente copiados os seculos com seus acontecimentos? Se alguma houvesse, que tal tentasse, as suas producções só seriam lembradas, em quanto dessem maior esplendor ás censuras dos imperiaes criticos. Quando já mais virão o mar Jonio os antigos Alemães? A grande distancia, que mediava, não o prohibiria? Aparece porém Ariano, e logo pela sua penna se vê violentado este mar a banhar as praias dos mesmos povos: elle o suppõe em outro lugar bem arredado daquelle, em que pela natureza fôra constituido. Quem, segundo o testemunho de Sabelico, teria bebido as aguas, e respirado o ar, de que gozão os Dinamarquezes? Seria o Alemão, o Sueco, o Noruego? Não, Sabelico lançou os olhos para o

Orien-

Oriente , e lá dos confins da Europa traz o Dacio , e obriga-o a contar por patria aquellas mesmas Ilhas , que contavão os Dinamarquezes ; Dacio , e Dinamarca he para elle huma , e a mesma coisa. Philippos não veria tão de perto a Pharsalia , nem o Hemo a Emathia , se Virgilio , e Floro fossem hum pouco mais instruidos na Geografia. Mas para que he cançar-me em numerar defeitos occasionados pela ignorancia da Geografia ? Eu tenho mostrado a dependencia , que da Geografia tem a Historia , cuja necessidade ha bem poucos dias foi com incontestaveis provas posta aos vossos olhos ; sobre ellas he que descança a obrigação , a que estou cingido , de mostrar a necessidade desta Sciencia. Quando pois se vio nesta Provincia ler huma Sciencia tão util , e agradavel ? Huma Sciencia tão necessaria ao Commerciante pela comprehensão dos differentes generos nacionaes proficuos ás suas commutações ? Huma Sciencia em fim , onde vem os Agricultores , e Nauticos combinar , e notar as situações dos lugares para a climatização dos frutos , os mares , enseadas , portos , cabos , baixos , e bahias ? Ella só nos apparece nos dias de hum tão sabio Prelado , que longe de restabelecella com o costumado zelo , com que fomenta as demais sciencias , no-la vem fazer de desconhecida conhecida , de estranha familiar , alcançando assim ser não Restaurador , porém seu Instituidor.

*Francisco de Sales Curado.*

**Em**

**E**M que complacencia e gosto , Excellentissimo e Reverendissimo Senhor , em que complacencia , e gosto não deve abundar o vastissimo Espirito de V. Excellencia colhendo os sazonados frutos das searas , que com admiravel vigilancia sementou , vendo tão frutuoso o seu Pastoral trabalho. Grande a nossa ventura ! se igualmente se realizarem em nós as pias intenções , e doces esperanças de V. Excellencia , como até este ponto se ha visto. Sim , doutissimos Professores , eruditissima Assembléa , passadas as literarias fadigas dos prolixos dias de hum anno temos ainda de completar a nossa obrigação , de satisfazer em toda a extensão os sabios Estatutos que prudentemente nos regulão ; á vista dos quaes o Eruditissimo , e amabilissimo Professor , quanto foi possível , quanto o tempo deo lugar sabiamente nos intruio nos uteis estudos da Geometria , e vem a final trazer-nos á vossa respeitavel presença para á face do Público darmos as provas ultimas das nossas escolasticas tarefas , e da applicação , que havemos feito a esta Faculdade , que sendo quasi como a chave das Letras , Mestra da Literatura , Mãe de todos os inventos , elevação dos genios mais abalizados , objecto sómente digno dos raros talentos , e dos engenhos mais vivos , e mais agudos , he tambem aquella , a que privativamente parece ajustar o sublime , e respeitavel nome de *Sciencia* , como declara mesmo a etymologia do seu nome : *Mathesis* , *Scientia* , *Disciplina*. Esta he que nos offerece hoje toda a materia do presente acto limitando-se tão sómente nos pontos , e divisões , que as sortes nos destinão. Sendo eu pois encarregado de

T

os



os declarar, e expôr, dada primeiramente huma leve noção das diversas partes em que os Mathematicos tem dividido esta grande Sciencia, direi finalmente os pontos, em que em cada huma dellas se termina o presente exame.

Sendo, Senhores, as Mathematicas aquella Sciencia, que tem por objecto toda a quantidade, tudo quanto he susceptivel de accesso, ou diminuição, bem se vê o Mundo todo debaixo do seu vastissimo imperio, dependente dos seus agudissimos raciocinios, e seus scientificos preceitos. Os grandes Mathematicos, seus constantes Professores indubitavelmente tem mostrado a elevação, e o merecimento á sua preferencia nas utilissimas descobertas, nos espantosos inventos, em que todo o Universo os respeita, e admira. Elles a tem dividido em muitas, e differentes partes, das quaes a primeira he a Arithmetica, a qual servindo como de porta a todas as outras, trata só da quantidade discreta, que exprimimos por números: he a sciencia de contar; considera a natureza, e propriedade dos números subministrando sempre os meios mais faceis de os calcular, compor, dividir, e simplificar. A segunda a Geometria, que versa sobre toda a especie de extensão, comprimento, largura, altura, ou grossura. Esta, segundo a Historia, parece teve principio no Egypto, quando o Nilo nas suas maiores enchentes o inundava: ella se subdivide em cinco partes, trata das linhas, considerando sómente o comprimento; da superficie, contemplando o comprimento, e largura; dos solidos medindo todas as dimensões, que póde ter toda, e qualquer extensão, ao que indifferentemente damos o nome de volume, ou corpo. A Geometria comprehende a Trigonometria Rectilinea, e a Espherica; aquella determina as

po-

posições , e dimensões de diferentes partes da extensão , conhecidas primeiramente algumas dellas , devendo ficar todas no mesmo plano , e então dizemos plana , ou rectilinea : esta porém , pelo conhecimento anterior d'algumas partes da extensão , ensina a determinar as outras , ficando com tudo em diferentes , e diversos planos , e então tem o nome de Espherica. A terceira a Algebra , que tem por objecto dar os meios de reduzir ás regras geraes a resolução de todas as questões , que se possam mover a respeito das quantidades , sem que dependa do particular valor de cada huma dellas : esta não se limita aos mesmos caracteres da Arithmetica , mas usa das letras alphabeticas para assim nos deixar sempre manifesto o modo , e vestigios das operações , representando sempre todas as relações , que se dão entre as quantidades. A primeira parte expõe os principios do calculo das quantidades literaes , ou alphabeticas , e se diz analyse finita , ou Algebra , ensinando igualmente a sua applicação á Geometria. Na segunda comprehende o calculo differencial , ensinando o modo de descer das quantidades para os elementos ; e integral , ensinando tornar dos elementos ás suas quantidades. Aqui tomando-se em outro ponto de vista as quantidades , considerando as diversas variações , em que se podem alterar , se fórma hum novo objecto , e consequentemente outro ramo de Analyse de muita utilidade , principalmente nas sciencias Physico-Mathematicas , e Mecanica. Eis-aqui as principaes partes desta Sciencia , donde tirão o seu principio , e fundamento todas as que della dependem , como a Astronomia , introduzida na Grecia por Thales , Meton , e Eudoxo , cuja perfeição foi buscar ao Egypto a Geografia no tempo de Homero , e Herodoto ,

to, illustrada pela navegação, e commercio, especialmente nas grandes conquistas de Alexandre.

Nós porém, que infelizmente faltando o tempo não chegámos aos seus ultimos periodos, terminamos na primeira parte d'Algebra o presente Exame: eu vou expôr, e dizer-vos os diversos pontos, em que elle se limita. Conformando-se aos Estatutos o nosso sapientissimo Professor, fez lançar sortes sobre as divisões, que praticou nas materias a que nos applicámos este presente anno: ellas nos destinárão na Geometria a comparação das superficies, e o tratado dos planos, desde o número 157 até 203, na Algebra as equações lineares a huma incognita, desde o número 53 até 73; ficando vaga a Arithmetica, sem que nos limitemos a parte alguma della, segundo se conclue dos mesmos Estatutos, e he de costume. Estes os motivos das vossas perguntas, e das nossas respostas, estes os termos em que se comprehende toda a materia, em que temos a honra de ser por vós interrogados, e benignamente examinados. Ah! e que receio não deve ser o do reo na presença do Juiz, que vem decidir da sua sorte! Justo he pois o nosso temor, e pejo: não esperéis por tanto de nós respostas iguaes á sublimidade, e elevação dos vossos conceitos, e das vossas interrogações; mas esperai-as tão simples como naturaes, e proprias de humildes discipulos, que nem apenas tem feito hum sensivel trilhão no extensissimo Campo das Letras.

Este, Senhores, parece devia ser o termo do meu discurso, os limites de minhas rasteiras idéas, com tudo se o tempo não fôra tão breve, e a occasião permittisse demora, eu daria hum passo adiante, tocaria inda que muito de leve, fallaria supposto que sem energia, mostraria de algum modo a neces-

sidade, e uteis consequencias das Mathematicas, não  
 ousando mais, do que despindo-me primeiro do amor  
 de Alumno, de tudo que he capaz de causar affetto,  
 confessar-vos com verdade os meus sentimentos, e sem  
 receio declarar as principaes razões, que altamente  
 convencem o meu espirito, e me persuadem da ne-  
 cessidade, e utilidade desta summa, proficua, e am-  
 plissima Sciencia, que fundando-se em infalliveis evi-  
 dencias, e puras verdades, só he capaz de arrebatat  
 a nossa attenção, de garantir-nos de illusões, e escu-  
 ridades, de tirar-nos de toda a dúvida: eu faria lem-  
 brar-vos a inacção, e abatimento das disciplinas, das  
 sciencias, das artes, e de todo o conhecimento hu-  
 mano, muitas dellas inteiramente desconhecidas, o  
 seu esplendor de todo offuscado naquelles tempos,  
 em que ainda não florecião as Mathematicas; verieis  
 os fundamentos que ellas sempre derão a humas scien-  
 cias, e os soccorros com que adiantarão a outras.  
 As Physico-Mathematicas, geralmente a Mecanica,  
 sendo o principio, e base do seu augmento, e da  
 sua vantagem. Quem já mais faria progressos na Li-  
 teratura? Quem conseguiria com perfeição os fins, e  
 a maior utilidade das sciencias, e dos estudos? El-  
 las não terião chegado ao seu auge, se o Egypto  
 ainda hoje desconhecesse a Geometria, se Thales Mi-  
 lesio, Pythagoras, Anaxagoras, Platão, e Euclides  
 não a tivessem lá excogitado, ou pelo menos cultiva-  
 do, e illustrado. As Nações, os Imperios, os Rei-  
 nos, as Cidades, o Estado, a Sociedade, o Mundo  
 inteiro jazeria ainda abatido na indigencia, em que  
 principiou, e já mais conheceria o esplendor, e ri-  
 quezas, de que goza, não teria adiantado com pas-  
 so tão largo a sua promoção, e utilidade, e se aca-  
 so algum infinitamente e limitado desse, com que  
 tra-

trabalho , e difficuldade sem o util invento das ma-  
 quinas , grande soccorro das Mathematicas ? A Hy-  
 drostatica , a Fysica , a Quimica , a Filosofia , a  
 Geografia , a Astronomia , toda a Architectura , e boa  
 ordem dos edificios , e da Navegação , a Escultura ,  
 a Grafis , quero dizer o Desenho , a Pintura , e a  
 Mecanica : tudo em fim , tudo se deve em grande  
 parte á Geometria ; a esta Aristoteles deve o nome ,  
 Platão a fama , Archimedes a reputação , Newton o  
 triumpho , e a sua immortal memoria ; a Grecia , e  
 Athenas serão ainda desconhecidas , se Thales , Eu-  
 doxo , e Phateas não as illustrassem , e instruissem ;  
 quem já mais fez admiravel a Alexandria ? Quem  
 lhe deo o nome de asilo das sciencias , senão Eratos-  
 thenes , Hipparco , e outros grandes Mathematicos ?  
 Quem já mais ignora a decadencia , e frieza , em  
 que estiverão as sciencias no longo tempo quasi de  
 2000 annos desde Pythagoras até Cartesio , que nos  
 veio ensinar a admiravel applicação da Algebra á Geo-  
 metria , e desta á Fysica. Feliz descuberta de huma  
 utilidade indisivel , que ditosamente vem animar os  
 sabios , e levar as sciencias por breves , e faceis ca-  
 minhos ao seu auge , ao gráo , em que hoje as vemos ,  
 e respeitamos ! Já não quero lembrar a ordem , sys-  
 tema , methodo , clareza , e evidencia das Mathemati-  
 cas ; nem he preciso mostrar-vos , que só a Geome-  
 tria he capaz de dispôr com perfeição a nossa mente ,  
 dar methodo , e ordem aos discursos , arranjar idéas ,  
 ligar com destreza racionios , estabelecer principios ,  
 deduzir legitimas conclusões , e remontar-nos ao mais  
 alto conhecimento , de que naturalmente seriamos ca-  
 pazes ; nella pois se encontrão os melhores fundamen-  
 tos para bem filosofar , e descobrir as verdades , nel-  
 la se adquire a Logica mais pura , e mais sã , que  
 mui-

muito longe de amontoar, e confundir regras, se occupa toda em facilitar-nos, quanto he possivel, a pratica dellas; em huma palavra, encontrão-se outras muitas razões, e infinitos motivos da sua utilidade. Eu seria demaziadamente extenso se intentasse expô-las, e indiscretamente ir-me-hia precipitar no terrivel abuso da vossa attenção, e benignidade. Permitti-me ultimamente, em consequencia do que acabo de dizer e verdadeiramente se deve entender, permiti-me huma expressão simples, e sem figura; a Geometria he a mesma Sciencia em que deveramos dar os primeiros passos na Republica Literaria = *Studia ordinato. Ea praecequant, quae aliis lumen praeferunt*; tal era o sentimento dos grandes genios da Antiguidade, de Platão, de todos os Academicos, que no magnifico portal dos seus gymnasios offerecião ao Público esta inscripção = *Nullus Geometriae expert intrato.*

Não acrediteis já mais, Senhores, sinceramente vos fallo, que eu tivesse em vista, e nem tentasse em razão de Alumno fazer elogios á minha Faculdade, fundando atrevidamente a sua apologia na ruina e abatimento de todas as outras, mas apenas muito de longe dar huma pequena idéa do merecimento, distincção, e preferencia, que de justiça se deve á Geometria, o que presentemente todos os Doutos confessão, e nem algum o nega. Eu acabo já, mas que! haverá quem me embarasse, quem me obrigue a calar, e deixar em silencio a grande felicidade da nossa Patria, e obrigação em que devem estar os nossos Concidadãos? Do mesmo modo pois, que a Grecia deve tanta gloria, e fama aos Sabios que a illustrarão, Athenas aos Legisladores que a augmentarão, Roma aos grandes Imperadores que a defenderão, aos Ma-

ximos Pontífices que a distinguirão , aos famigerados Oradores que animarão a sua Republica , e Jerusalem a Esdras , que a reedificou ; similhantemente , e nada menos Parnambuco deve a sua gloria , e plausivel estabelecimento das Letras , a sua fama , o seu credito , todo este apparatus , huma nova Universidade fundada na sua Capital mesmo quando existia em total indigencia , e desprezo , tudo deve ao Excellentissimo , e Reverendissimo Senhor D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho nosso Humanissimo Pontífice , que felizmente governa a Igreja Olindense , a quem de rigoroso direito , e justiça devemos todos uniformemente tributar infinitas gratificações , e agradecimento eterno.

Eu que sem merecimento , Summo Melchisedech , tive a honra de fallar na vossa presença respeitavel , já mais me esquecerei de implorar o vosso grande patrocínio , e cheio de reverencia pedir a bençoes

Tão indigno e humilde subdito

*José Antonio.*

ELO-

E L O G I O.

**O**S prazeres , benigno Professor , as glorias , os transportes de alegria , que presentemente dominão o meu espirito , e o ardente desejo , que tenho de dizer cousas dignas de me fazerem admittir no número dos vossos Alumnos ; sobre o grande objecto , que como hum pezo immenso faz curvar meus hombros ; são os justos motivos , que tenho de lançar mão da ardua empreza , a que me abalanço , e a grandeza do assumpto , que vou propor.

Este grande assumpto , vós bem sabeis , que são os virtuosos feitos de hum Prelado Sapiientissimo , de quem tenho a honra , e gloria de me mandardes fallar ; julgando nelle hum proveitoso ensaio da Arte que exercito , que sendo-vos tão estimavel , não deixará de merecer a vossa docilidade.

Sim , eu vou fallar deste Heroe , deste grande Heroe , ornado de todas as virtudes , Christãs , Moraes , e Politicas , como o attesta a persuasão universal , e eu quereirei mostrar , se a candida verdade me inspirar idéas brilhantes , sublimes pensamentos dignos deste grande objecto ; dando-vos bem a entender , que não he a gloria vã dos meus estudos , não he o esplendor esteril de fallar na vossa presença , não he a desvanecida lisonja da politica ; quem me incita a solemnizar as acções virtuosas de hum Prelado Respeitavel. He , sim , a virtude , que sabe caracterizar os progressos dos Principes , a virtude que sabe fazer em seculos os seus nomes recommendaveis , a virtude que sabe immortalizar os seus passos em beneficio dos homens ; esta he , Senhores , esta he sem dúvida quem  
vai



vai no dia de hoje formar o Elogio do Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Bispo D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho.

Vós, Eloquentissimo Professor, Instruidos e Respeitaveis Collegas, prestai-me benevolos as vossas atenções, que não pertendo dizer cousa que não seja digna de tão intelligente Assembléa, dos nossos Estudos, ainda dos nossos ouvidos.

Sim, Senhores, sempre tem feito Epoca na Historia dos seculos as acções heroicas dos Principes, dos Soberanos. Estes Grandes se immortalizão pelas acções dirigidas ao bem da Humanidade; pelos soccorros que repartem com aquelles, que se achão cercados da impossibilidade; pelos grandes uteis que edificação a favor do Público; pela virtuosa benevolencia com que nos elevados Thronos attendem ao grande, ao pequeno; pela poderosa mão com que favorecem as Letras, as Artes, as Sciencias.

E que, Senhores! Que acções destas ainda não sobrão ao nosso Excellentissimo Bispo Governador? Elle não tem sido aquelle, que tem trazido aos nossos dias o ultimo limite até onde póde chegar a virtude? Não tem sido aquelle, que pelos seus sabios, e virtuosos feitos, tem estabelecido huma Epoca que será eterna? Não tem sido aquelle, que desde a sua feliz promoção, se entrega ao bem da Humanidade? Não tem sido aquelle, que com prudencia, e piedade favorece aos necessitados? Não tem sido aquelle mesmo, que tem feito monumentos a favor do bem Público? Não tem sido aquelle unico, que suspendeo nesta Olinda o profundo esquecimento em que vivião as Letras, as Artes, as Sciencias, restaurando-as para os nossos dias, para os nossos vindouros? Não tem sido aquelle primeiro, que entre os Possuidor-

dores da Mitra de Parnambuco, tem feito a immensidade de acções virtuosas, que, por não ser extenso, deixo sobre a discrição das vossas memorias, sobre a recordação das vossas noticias?

Só me occuparei com aquellas que presentemente mais nos arrebatão, com aquellas que a cada instante se praticão entre nós, como vereis lançando as vistas para qualquer dos lados; augmentos que em tão pouco tempo a todos tem admirado; copadas ramos das Artes, das Sciencias, que seccas estavam (como bem sabeis) em hum total abandono; e todo seu fruto era o medonho estado em que jazião sepultadas em huma escura ignorancia.

Qual não foi o incansavel zelo, com que este grande Bemfeitor trabalhou para mudardes de systema, e reparar tantas, e tão grandes ruinas que trazem apos si a total decadencia das Letras? O primeiro entre o número sem conta de esforços que fez para estabelecer esta felicidade aos Parnambucanos, achasse exuberantemente provado nos sabios, prudentes, e escolhidos Professores, que benevolos, e docilmente nos communicão as luzes das Sciencias, desejando por meio dellas o augmento da nossa instrucção.

A mais evidente prova da sua sabedoria, e grande amor com que zela o bem deste Bispado, se acha profundamente gravada nas nossas lembranças, deduzida desde aquelle dia 16 de Fevereiro de 1800, em que magnanimamente fez crear nesta Cidade a pia, e presente obra deste Seminario, de cuja sombra nós fomos os primeiros alumnos, onde confessamos ter encontrado a mais solida felicidade.

Não haverá quem não admire o decoro desta observancia, não haverá quem ignore o ser sabio quanto tem de util ao bem do homem; não haverá

finalmente quem reprove os nossos projectos em busca deste bem: conhecendo que o ser sabio he o melhor dote que póde possuir o homem; he o alicerce das suas virtudes; sim, o ser sabio he decidir das dúvidas, que de continuo embaração ao homem, desgostando-o de si mesmo, em quanto não acha quem o dirija, e encaminhe nas trévas que o envolvem; o ser sabio, he illustrar-se por si mesmo, sem necessidade destes accidentes que ennobrecem só em quanto dura a convenção, que os homens fazem entre si; em fim o ser sabio, he o que se acha de melhor neste mundo, e o que mais ajuda, e faz ser feliz no outro.

Exultai de prazer, Parnambucanos! Combinai o preterito com o presente! Chamai, chamai os vossos distantes, ainda Paizes diversos; que venhão a Olin-da, venhão admirar a sabia conducta de huma boa educação! Que penetrem o intimo do seu Instituidor, e o verão cheio de si, animado das grandes luzes da sabedoria de que he dotado, manejando os mais arduos negocios do interesse público, prescrevendo a mais bella, e importante maxima a favor deste mesmo Bispado.

Já deixo em silencio a Magnificencia para os Templos, a Clemencia, e Piedade no zelo da Justiça: o amor, e ternura com que trata o Ecclesiastico, o Secular, e o Regular: a prudencia, e eleição de promover as Freguezias: a caridade para os per-tendentes: em huma palavra a virtude, e generosidade para as recompensas. Lembro-me só de que sendo as delicias do Sacerdocio, veio tambem a se-lo desta corporação, em que não só aprendemos a servir a Deos, e a Igreja, como a obsequiallo, respeitallo, estimallo, que assim devemos, utilizando a todo este feliz Bispado, e a nós principalmente, que em hum  
dia

dia esperamos delle todo o nosso beneficio ; e por annos as nossas felicidades.

Que heroica ! Que singular ! Bella , e santa educação se nos não prepara , amantes Collegas ! á sombra de hum Seminario , cujo Estatuto he hum sublime modelo de maximas virtuosas ; deduzido das sagradas mãos de hum Prelado que fará eterna gloria de Parnambuco. E que vantagens ? Respondei , respondei , felices Parnambucanos ; que vantagens tão grandes não se seguem desta virtude a beneficio dos vossos Patricios ? Participa-se das Letras , animão-se as Artes , exaltão-se , realção-se as Sciencias , que são os primeiros movimentos da Razão.

Mas ah , Senhores ! Que campo tão dilatado , que heroica ordem de novos factos , e idéas brilhantes se me recordão desde o fundo da minha alma ! Não he possivel escrever em particular , e no breve circulo deste discurso tantas virtudes. Eu abusaria das vossas paciencias , e seria desfigurallas se pertendesse debuxallas com o meu grosseiro pincel ; mas em poucas palavras vos darei a entender a mais diminuta parte da grandeza que me occorre.

Attendei , qual não seria a alegria , e contentamento do nosso Augusto Soberano , o Clementissimo Principe Regente nosso Senhor , aquelle Monarca , que tendo o especial dom de conhecer , escolheo para nos governar , para nos ordenar a hum Azeredo , que tem augmentado com a grandeza das suas virtudes as nossas felicidades.

Pensai , reflecti ! Qual não seria o prazer do nosso Principe , quando chegou aos seus ouvidos a noticia , de que já se achavão restauradas as Letras em Parnambuco , e fundada a memoravel obra de hum Seminario no meio do seu Estado , conhecendo que  
tu-

tudo he dirigido para utilidade do Reino , para maior gloria , e exaltação da Coroa , para augmento , e felicidade dos seus vassallos Portuguezes ; tudo ordenado , e distribuido pelo virtuoso , e intelligente José , seu particular escolhido ?

Oh ! quanto , quanto não devemos ao nosso Soberano ! protestando-lhe com os mais solemnes votos á face do Universo , e dos altares hum ardente amor , huma eterna fidelidade , pedindo ao Deos Immortal , Optimo , e Maximo , que lhe prospere , e dilate a vida por tantos annos , quantos lhe desejão os grandes votos dos vassallos Parnambucanos , para continuação e perpetuidade de todos os fiéis Portuguezes.

E vós , ó virtude bonissima de hum Prelado ! Virtude que tem sido a admiração da nosa Patria ! Vivei , governai annos dilatados , o Tempo vos respeite em quanto a Fama vos desenha bronzeadas estatuas de huma eterna memoria !

Virtude que não se compara ! Tu só , tu só soubeste inspirar no nosso Bispado hum caminho de virtude , hum systema pacifico de Sciencia , no meio do horror , e consternação geral de tantos contrarios.

Virtude que não se comprehende ! Tu só , tu só tens o precioso dom de te apresentares á testa de tantos subditos Benigno , Affavel , Generoso , Forte , Justo , Pio , Magnifico , Constante.

Vós , ó Collegas affortunados , bem tereis percebido , que de nenhuma sorte nas minhas forças cabe encher o Elogio a que me propuz. Nos meus talentos deveis , na minha balbuciente pronuncia não cabe exagerar , e amplificar a Virtude.

Estudai-a , observai-a , contemplai-a no respeitavel semblante do nosso Prelado ; estudai-a no Governador de Parnambuco ; estudai-a no Bemfeitor deste  
Se-

Seminario ; estudai-a no Restaurador das Letras ; estudai-a por ultimo no Excellantissimo e Reverendissimo Senhor Bispo D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho.

Disse.

*Manoel José Rodrigues da Silva.*

**D**Epois de recitadas as mais brilhantes peças de eloquencia , Reverendissimo , e Sapiantissimo Padre Mestre , depois de recitadas as mais brilhantes peças de eloquencia , depois de admirada a sublimidade dos mais ferteis engenhos , venho eu ultimamente mais que nunca perturbado , fallar daquelle mesmo Heroe , cujas virtudes tão sabiamente se tem elogiado.

Ah ! e como poderei desempenhar tão ardua empreza , se intento temerariamente louvar hum Principe , cuja grandeza , por qualquer lado que a vejo , me assombra , se como fraco Pigmeo me atrevo a submeter os hombros a hum pezo , com que vergaráõ os mais robustos Gigantes ? Eu conheço que o seu elogio pede outros annos , outros estudos , e outros talentos , que a fortuna , e a natureza mesquinhas me negarão.

Mas que ? Sugeitar-me-hia antes a tão cobarde receio , do que á obediencia que vos consagro , e ao respeito que devo a este Heroe ? Quando todos os Condiscipulos entoão os seus applausos , só eu guardaria silencio , porque a minha voz não igualá o Canto dos Cisnes ? Antes persuadindo-me que por isso mesmo serei mais digno da vossa indulgencia , e que

a pobreza de engenho , e simplicidade de estilo concorrem mais para a grandeza do meu Heroe , por isso mesmo que são menos suspeitas , levanto já sem medo a debil voz , e avango a preposição tão elevada , qual he = as Virtudes deste Principe no Governo Civil , e Ecclesiastico ; objecto por si mesmo tão importante como digno das vossas attenções.

Não podemos ter hum argumento mais palpavel , nem prova mais evidente da Sabedoria divina , não podemos conhecer o amor e piedade do Omnipotente , nem de outra sorte mais justamente admirar a bondade do Creador , do que pela inalteravel ordem em que conserva o seu povo , dando-lhe os mais justos e santos Directores.

Os antigos Patriarcas Abram , Isaac , Jacob , segundo a natureza , que consolações , que doce paz não derramavão no seio de suas familias ? Salomão quem mais sabiamente fez a felicidade do seu povo ? Josias , Josaphat , Ezequias , que mais justos Reis ? Mas para que he recorrer á antiguidade ? Que testemunho mais autentico do que aquelle Heroe , debaixo de cuja mão Parnambuco presentemente respira ? Debaixo de cuja direcção elle florece , e se augmenta ?

Ah ! que felizes não somos na protecção do Senhor , que nos deo hum Chefe perito , hum Pastor prudente , e vigilante , hum Pastor digo , que he o asilo da verdade , apoio da innocencia , que he a defeza da Religião , modelo da probidade , columna da Justiça , Heroe da santidade , que he . . . mas faltão-me as expressões ; escurecem-se-me as idéas , não sei dizer o que penso ; porém eu concluo , eu acabo em fim de dizer tudo , dizendo o Excellentissimo e Reverendissimo Senhor D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho.

Es.

Este grande nome só fórma hum elogio completo, elle só pronunciado nos dá as idéas mais sublimes de justiça, e santidade, e sem carecer de mais louvores elle só ennobrece a tão grande Heroe, elle só finalmente dentro do estreito tempo do seu governo nos offerece provas incontestaveis das suas grandes virtudes; porque se o consideramos como hum Chefe político, os beneficios com que de dia em dia nos vai enriquecendo, em altos brados estão mostrando a politica, e civilidade companheiras da sua sabedoria, e prudencia.

Sim, quem ha neste Continente que se atreva a negar a rectidão, e inteireza do seu governo? A que culpado faltou já o castigo? A que innocente a justiça? A que afflicto o patrocínio? A que necessidade a providencia? A que lei a observancia? Em que funções do bem público se não tem mostrado diligente, benefico, e liberal?

Se o olhamos como hum Pastor Ecclesiastico, com que vigilancia não vigia sobre as suas ovelhas? Com que affabilidade não trata igualmente o rico, o pobre, o grande, o pequeno? Quem já vio alterar-se o seu espirito senão contra o vicio? Quem em todo o genero de virtudes não descobre nelle exemplar para seguir, modelo para imitar? Quando deixou elle de desempenhar o Evangelho exemplificando o seu povo? Além disto que argumento mais concludente, ou que prova mais certa do seu grande zelo, do que a creação, a util creação desta Casa? por meio da qual confirma novos doutores em Israel, cortando a cabeça ao terrível monstro da ignorancia, que soberbo havia arrastado ao carro do seu triumpho até os Ministros do Santuario.

A' vista disto haverá quem se atreva negar esta



verdade? Quem não dirá que na sua pessoa renasce o Moysés escolhido para o governo dos Hebreos, ou para melhor dizer o justo Aram, a quem o Omnipotente entregou a prodigiosa vara do seu poder?

Por ventura o Mundo inteiro não adorará, não respeitará seu nome, lendo seus sabios e immortaes escriptos? Por ventura... mas até onde querem as minhas fracas expressões?

Eu, Senhores, cançaria, se entrasse no difficil projecto de individuar todas as acções, e virtudes deste Heroe, e reduzillas a certos periodos de huma breve discripção; seria o mesmo que se louco intentasse esgotar em pequena concha o Oceanó immenso.

Ellas não só pedem outra extensão, que a historia supprirá, mas tambem panegyristas, que excedendo na eloquencia aos Ciceros, aos Eschines, aos Pericles, aos Demosthenes, possam desempenhar tão sublime argumento. Eu por tanto deslumbrado com o clarão do seu resplendor já immudeço, contentando-me sómente com que o Ceo dilate por annos infinitos a vida de hum Pastor tão Sabio, Vigilante, e Compassivo.

*Francisco Gonçalves Ferreira Magalhães.*

DISSERTAÇÃO  
SOBRE A HISTORIA

EM EXAME PUBLICO

POR

MANOEL DOS REIS CURADO,

*Porcionista no Seminario de Olinda.*

Considerando eu muitas vezes, Illustrissimo e Dignissimo Prelado, e Respeitabilissima Assembleia, considerando em muitas vezes, o quanto arduo, e perigoso seja dissertar sobre qualquer materia diante de homens eruditos, onde pela variedade de engenhos qualquer discurso lhes não merece attenção, faltão-me as forças, desmaio: porém cahindo em mim a sorte de dissertar sobre a Historia, julguei ser indecoroso tirar os hombros á determinação magistral, apezar de conhecer os meus pequenos talentos; e ainda que o meu discurso não tenha aquella belleza, e energia, que o poderia fazer agradavel, com tudo supprirá ao sublime a superioridade do meu objecto, a Historia, essa Sciencia, que he tão util, e tão necessaria ao homem, que já mais poderá alcançar o nome de verdadeiro sabio, e desempenhar o dever, o character de homem de bem, sem que esteja nella profundamente instruido.

He mais util, e mais agradavel ao homem aquella sciencia, que prescreve regras, fornece modelos, e instrucções ao mesmo tempo, que ornando seu espirito de todos os conhecimentos, de que he capaz, mostra-lhe principios de honra e probidade para o fazer bom Cidadão; certamente a nenhuma pertence

mais este character, do que á Historia, essa Sciencia da Religião, dos factos, dos usos, dos costumes; este mappa, que põe debaixo dos olhos carcomidos e mirrados factos desde o mais remoto seculo da Antiguidade, para que reflectindo sobre elles desabuse seu espirito, e adquira o respeitavel nome de homem de bem, fazendo estancar e suffocar o abuso, e a ignorancia, a superstição, o espirito de partido; sim, Senhores, ella, ella mesma he que dá o gosto da verdadeira gloria, que inspira o amor á patria, e motivos de a bem servir, que ensina a preferir o bem público ao particular, que nada mostra senão o dever, nada estimavel senão a exactidão, e equidade, nada consolante senão a approvação das gentes, nada miseravel senão o vicio, nada que mais o intimide, do que o juizo duravel e incorruptivel da posteridade. Acaso não he ella, que faz distinguir a verdadeira da falsa Religião, ver o augmento ou decendencia das Republicas, dos Imperios, com que politica subio ao Throno este Monarcha, com que proceder decahio aquelle outro, que commercio tem enriquecido, ou empobrecido as Nações; a origem, os progressos, a ruina das Sciencias, das Artes; que Sabios, que Capitães, que Reis tem havido; circumstancias as mais instructivas, e interessantes, que fórmão tão vastos, e profundos conhecimentos? O grande espaço dos seculos, o conhecimento do genero humano he o termo das nossas indagações, a maravilhosa variedade, os successos, que tantas vezes mudarão a face do Universo, em huma palavra os objectos, que a Historia lhe põe á vista tem correlações mais intimas com elle mesmo; o homem ignorando-as estaria, como estrangeiro, na sua patria; não conheceria a humanidade, e por consequencia as  
lu-

luzes lhe faltariam para conhecer o destino , que o une aos seus semelhantes. Na verdade não ha algum erro , alguma preocupação nociva , de que a Historia não possa preservar-nos com a descripção das loucuras , que desviarão , e perderão aos homens. Por ventura ha algum vicio , de que não pinte multidão de exemplos , a deformidade , e as consequencias ? Alguma virtude , cujo amor não inspire , consagrando a memoria das pessoas virtuosas ? Alguma circumstancia unica da vida , para a qual se não applicuem utilmente as suas lições ? Que combinações de idéas , que conhecimentos proveitosos não alcança pelas suas reflexões ? Que emenda surda não recebe para seus desordenados costumes pelo motejo , e reprehensão do vicio ? Que fadigas , que erros , que desasoscegos , que contradicções não teria o solido o critico Jurisconsulto , se a Historia não houvesse enchi-do o seu entendimento de conhecimentos , noticias , origens das Leis , e disposto seu espirito para distinguir , equilibrar a justiça com a equidade que nellas se achão misturadas. Em vão o incansavel Filosofo faria indagações sobre a natureza , se a Historia lhe não mostrasse o caminho ; em vão trabalharia curvado sobre os Codigos o pio Theologo em buscar a genuina intelligencia , se a Historia lhe não cortasse os espinhos , de que abundão. Que homem haverá desde o Throno dos Reis até o gabinete do Filosofo , que diga ser inutil ao seu estado a Historia ? Cicero a denomina luz dos tempos , monumento dos successos , testemunha fiel da verdade , fonte da prudencia , e norma dos bons costumes ; e Seneca escola commun do genero humano. Que elogio maior lhe poderei dar , do que o que lhe derão estes grandes homens ? Plutarco nos ensina , que o velho Catão , esse auste-

ro Censor , cujo nome e virtude tanta honra causou á Republica Romana , não procurou outra escola para a instrucção de seu filho , senão hum livro de bellas historias dos grandes homens , esses antigos modelos da probidade e virtude , persuadido ser ella a escola do bom gosto , da moral , cujo principal effeito he dissipar as falsas preoccupações , que bebidas com o leite vão suffocar a semente da virtude e produzir a do vicio. Finalmente he ella , quem multiplica as idéas do homem , e as faz mais claras , mais distinctas pela representação da verdade , e do que não merece senão desprezo ; e indiferença , desenterrando do grande montão da Antiguidade para guia , e modelo , os homens os mais esclarecidos , e mais sabios , que passando por hum exame rigoroso de tantos seculos , de tantos povos , e sobrevivendo á ruina de tantos Imperios , vem a merecer por todas as idades seguintes em commum sentimento serem os Arbitros soberanos do bom gosto. E para que me he necessario passar mais tempo a provar a utilidade e necessidade da Historia ? Não são estas razões assás bastantes para persuadir a sua necessidade ? E Vós , Virtuossissimo Prelado , Grande Melchisedech , não fostes aquelle mesmo , que no plano dos vossos estudos , segundo o sentimento de todos os doutos , puzestes esta grande Sciencia entre as preliminares , antevendo , que sem ella caminha o homem com passo debil para as mais Faculdades ? Sim , Vós , Vós mesmo fostes , que tendes em Parnambuco debruçado a tortuosa face da triste ignorancia pela instituição do vosso Collegio , eterno monumento do vosso Zelo , da vossa Benignidade , fazendo brilhar as Artes , e as Sciencias , principalmente a Historia , unica escola da Moral , e da Virtude.

Co-

**C**onhecendo o homem , Excellentissimo e Reverendissimo Senhor , conhecendo o homem a necessidade , que tem de aperfeiçoar o ser , de que o fez digno o Supremo Creator , deve contar-se entre as suas obrigações a cultura da sua razão , por isso mesmo que como ente racional se distingue dos brutos ; e logo que não a cultive , apresenta-se peor que elles. Se reflectir o mesmo homem nos disparates , e contradicções , a que fica exposto pela falta da perfeição da sua razão , tornará a si , e dará uso ás faculdades da sua alma. A razão , se bem que corrompida pela primeira culpa , com tudo distingue o bem do mal , e depois de illustrada he bastante para reger ao homem naquellas coisas , que não são superiores á sua capacidade. Illustra-se a nossa razão na investigação da natureza , e no que está sujeito aos nossos sentidos ; e como nenhuma outra Sciencia tem por objecto a contemplação de todas estas coisas , senão a Filosofia , por isso mesmo que he o estudo da verdadeira Sabedoria , segue-se que a Filosofia he que aperfeiçoa a mais nobre faculdade da nossa alma. He bem patente o que della tem dito a Antiguidade : a mesma experiencia tem dado a ver os saudaveis frutos que colhem , os que cultivão esta tão necessaria Sciencia , a quem a mesma Sagrada Escritura exalta com o nome de Sabedoria. Nada nos he mais preciso , do que a preparação do nosso entendimento para bem discorrermos , o estabelecimento de principios verdadeiros , donde se sigão legitimas consequencias , e ultimamente fixarmos o termo até onde as Leis das Sociedades , de que somos membros , nos  
per-

permitted o livre exercicio das nossas acções ; e como seja este o principal objecto , sobre que versa a Filosofia , tanto Racional , como Moral , daqui se conhece a necessidade , que della temos. A materia do nosso exame offerece-nos huma grande prova da sua necessidade ; porque principiando pela Logica , vejo no Liv. I. o Cap. IV. , que trata sobre os erros , que nascem dos affectos , no Liv. IV. o Cap. IV. do modo de conhecermos os erros dos Livros , a sua genuidade , e integridade , e no V. o Cap. IV. sobre as fórmãs de raciocinar ; na Metaphysica na Part. III. o Cap. IV. sobre os Atributos Moraes de Deos , e da origem do mal , e o V. da Religião que se deve a Deos em geral ; na Ethica finalmente na Part. IV. o Cap. I. sobre as fórmãs da Republica , e do summo Poder , o III. do cuidado do Imperante a respeito do entendimento dos Cidadãos , o V. sobre a necessidade , jucundidade da vida , e sobre a honra dos Cidadãos , conhecimentos bem dignos de occupar a mente humana , e que bem mostram , que o Filosofo não tem por principal fim , senão a indagação da verdade , e por isso faz todos os esforços por passar o seu entendimento das idéas simples ás mais sublimes , e abstractas , e por adquirillas sempre clara , e distinctamente , a fim de dar á sua vontade hum director sufficiente. O homem que enche a idéa de Filosofo he superior aos outros , porque pela sua mesma razão conhece a bondade , e maldade das acções , não segue as opiniões populares , despreza as vaidades , não se contenta com ver as coisas , mas procura os principios dellas , dá ultimamente a razão , discorrendo pelo mais bem excogitado modo , reprime os factos excitados além da razão , e abraça aquelles que são regidos por ella ; o seu espirito , como

li-

livre , não penetra as coisas acanhadamente , mas atreve-se a romper caminho por entre os labyrinthos , e enredos de contradicções , e a final não fica como estúpido , admira as obras do nosso Creador , ve o nexo das coisas creadas , investiga todas aquellas , que não são superiores á razão humana , tem sempre presente os seus officios , trabalha por conformar as suas acções com as Leis , tem a sua alma imbuida nos conhecimentos geraes , e particulares pertencentes á vida Civil , e Moral , tendo sempre por objecto o promover o seu bem , e o dos seus semelhantes. Não me seja necessario fazer huma fiel enumeração dos caracteres do Filosofo , e nem trazer á lembrança algum desses Heroes passados : em o Nosso Excellentissimo Prelado , o Senhor D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho temos hum vivo retrato do verdadeiro Filosofo ; porque logo que a Divina Providencia o destinou para Bispo de Parnambuco , as suas primeiras vistas forão o promover o bem dos sus subditos , e tendo bem presentes os officios de Imperante , e a necessidade em que estava o mesmo Parnambuco de conhecimentos tão indispensaveis , e uteis á Republica , obteve de Sua Alteza Real que se realizassem as suas primeiras idéas , fazendo eregir hum Seminario , obra tão recommendavel nos Concilios , a prova mais evidente de hum Espirito elevado , ennobrecido de ricas idéas , e que não discorre , senão de hum eminente modo , e o remedio mais saudavel que podia applicar á usurpação , e á ruina total , a que estava sujeito o mais apreciavel dom do homem. Objecto este que por si mesmo tem sido bastante para fazer sahir as côres ao rosto aos arrogantes , e soberbos defensores da ignorancia , e discipulos da frivola razão , e que embora tenha servido de manjar á fa-



minta sanha da mordacidade, e a esses inimigos do bem público, e desconhedores da necessidade, e utilidade das Sciencias: com tudo deverá ser o monumento que conduza até os vindouros seculos o seu zelo, e Pastoral cuidado. E queira o Omnipotente abençoar as vossas Pias Intenções, e fazer com que os vossos trabalhos sejam proveitosos, apresentando ao vosso Bispado Ministros que sirvão de gloria á Igreja, e de augmento á Patria, o principal, e unico fim, que pertendeis.

*Francisco Gregorio Pereira Façanha.*

**N**ão tendo nós, Excellentissimo e Reverendissimo Senhor, não tendo nós outros livros, por onde adquiramos o verdadeiro conhecimento de Deos, e dos seus Atributos, senão a Escritura, e a Natureza, não devemos fazer uso só de hum, lançando no esquecimento o outro: por tanto não pareça ser coisa estranha de hum Ecclesiastico applicar-se ao estudo das Sciencias naturaes, por isso mesmo que os seus fins concorrem para o nosso maior bem, aperfeiçoão as faculdades da nossa alma, e o estado externo, além de excellentissimas na variedade das coisas de que tratão. Por quanto por meio das Sciencias naturaes passamos a considerar no interior a intima natureza, structura, ordens, fins, causas de todas as coisas, e particularmente o mesmo Deos, por cuja contemplação, e possessão tão sómente somos bema-venturados. São assás uteis por isso que pulem as artes necessarias á vida humana, e nenhuns estudos ha, que

que mais augmentem a capacidade da nossa alma, do que os das Sciencias naturaes, e que com elles se destrua dos nossos animos aquella admiração, e horror supersticioso, de que nos achamos affectos. Não ha huma só parte destas Sciencias, que com razão se possa chamar hum estudo de simples recreio, ou de mera especulação, mas sim hum estudo por necessidade; porque ainda que os entes animados, que fazem o objecto do nosso exame, e que se tratão na Zoologia na Classe V., pelo seu diminuto volume, mereção tão pouco o nosso apreço, e contemplação, que os reputemos pelos mais baixos na ordem dos entes animados: com tudo por estes mesmos principios são dignos da contemplação, não digo de qualquer Filosofo, mas do Filosofo Ecclesiastico. Por quanto como animados gozão huma superioridade real, e são ainda mais nobres que o luzeiro da manhã, e o da noite, e são melhores que o ouro, e que a prata; por isso mesmo que receberão do Todo Poderoso hum sopro de vida, não concedido aos inanimados. A singularidade dos seus orgãos, e do seu mechanismo interior, e a pequenez do seu volume realça infinitamente a Sabedoria do seu Divino Artifice. O mesmo Santo Rei David os fez dignos da sua contemplação, e absorto, e extatico nas belezas que lhe offerecião, fez subir ás Tribunas do Altissimo este pathetico, e anagogico epiphonema =

*Quam magnifica sunt opera tua, Domine, omnia in Sapientia fecisti: impleta est terra possessione tua.*

Que prazer não conceberia a minha alma, se ornada da necessaria capacidade se atrevesse a propor ainda mais ás vossas presenças, quanto sejam necessarias, e uteis estas Sciencias aos mesmos Ecclesiasticos, e ao maior bem das Sociedades: ellas que desde a sua

origem sempre forão tratadas pelas almas mais grandes , e que as tem esforçado a passar pelos maiores trabalhos , consumindo os seus dias nas interessantes descobertas , que a final vem a suavisar as suas fadigas , e fazer que sejam caracterizadas por suas apaixonadas , e amantes do bem público. Entre tanto supra a minha falta não só a sua Historia , senão a mesma experiencia naquelles Paizes onde ellas tem chegado ao summo auge de perfeição : e passo a indicar os outros dois pontos que nos restão da materia do nosso exame. A Botanica vem toda , e as 4 Classes Monandria , Diandria , Polyandria , e Monadelphica , e na Quimica o Tratado VII. sobre o Fogo , e o VIII. sobre a Materia da Luz. A necessidade , e utilidade da Botanica he por si mesma manifesta , pelos grandes progressos , que ella tem dado á Sociedade ; e como tenha já tratado em geral das Sciencias naturaes , não me seja necessario tratar com especialidade della. Na Quimica fornece-nos hum grande argumento a sua mesma definição ; porque como seja a Quimica aquella Sciencia , que nos manifesta a intima natureza de todos os corpos do nosso Globo , que determina o número , e as propriedades , de que elles se compoem , e que ensinando-nos de que modo estão estas unidas entre si , descobre ao mesmo tempo os meios por onde se podem desunir , e compor-se novamente , segue-se necessariamente que não só he interessante pela grandissima utilidade que della se tira , fazendo com que os productos naturaes nos sejam maiormente proveitosos , senão porque por meio della os nossos olhos , como observadores , vão distinguindo objectos , que ainda não forão escritos na tabella dos conhecidos , e que hoje possamos coherente , e plenamente explicar as causas de muitos

fe-

fenomenos , sobre as quaes desconcordavão antigamente os Fysicos. E nós , Excellentissimo e Reverendissimo Senhor , que fomos dignos da vossa compaixão , e sobre quem applicastes as vossas vistas Pastoraes , devemos por isso mesmo ser gratos aos vossos beneficios , e esforçarmo-nos no estudo não só das outras Sciencias , mas tambem das naturaes , que conduzistes para o nosso paiz , onde os seus mesmos nomes se desconhecião. E o nosso Bom Deos conserve a Vossa Preciosa Vida , para que as eleveis a tal ponto de perfeição , que venhão a servir do maior bem á nossa Patria , sendo todo este devido a Vós , que mereceis ser caracterizado por seu apaixonado , quaes os Soberanos da Europa , por onde sou obrigado , como o Célebre Klein a pronosticar os maiores avanços nestas utilissimas Sciencias : visto que os Soberanos fazem dellas as suas delicias. = *Historiae naturalis scientiam in deliciis habent , qui summam in mundo potestatem tenent.*

Francisco Gregorio Pereira Façanha.

**S**Em pertender , Excellentissimo e Reverendissimo Senhor , sem pertender , nem ainda imaginar com rudes expressões engrandecer o objecto de que temos de tratar , e que ainda mesmo aos engenhos mais ferteis parece não dever hum completo elogio , eu me proponho tão sómente a proferir o que me subministra o amor , e a inclinação que lhe concebo. Sim , Senhores , he a Historia Natural de que fallo ; he esta grande Sciencia a que tem feito apparecer a  
or-

ordem admiravel de todos os entes que cobrem a face do nosso Globo , e que nos representa o vasto Imperio da Natureza como dividido em tres grandes Reinos , Mineral , Vegetal , e Animal ; ella a que dando-nos , para assim dizer , huma nova vista faz ver , e observar os ordenados passos com que a mesma natureza prosegue sem o menor salto desde os entes os mais inertes até o mais perfeito delles que he o homem ; ella a que nos mostra estes tres grandes Reinos como subdivididos em differentes Republicas ; ella a que tem feito distinguir a maior parte dos entes que ornão o maravilhoso Theatro da Natureza ; ella em huma palavra a que tem merecido a attenção e applicação dos homens mais sabios do Universo. E se com effeito as Sciencias se fazem objectos dignos da nossa applicação , pelo que ellas tem de uteis ao progresso dos nossos conhecimentos , e ás commodidades da vida social , que outra alguma merecerá mais as nossas fadigas , do que a Historia Natural , que a todas essas commodidades une hum grão superior de agradavel ? Lancemos a vista para qualquer dos ramos em que ella se divide , e não precisará mais para apparecer esta verdade : ahi encontraremos a base fundamental da Medicina , da Agricultura , e do Commercio : logo póde concluir-se que ningnem he mais util ao Estado que o Filosofo Naturalista. Se olhamos porém para o delicioso do seu objecto , descobriremos hum vastissimo campo de maravilhas sem número variadas , objectos infinitos de profunda meditação que arrebatando o nosso animo o elevão a huma firme persuasão de hum Deos Creador do Universo , a admirar a sua incomprehensivel Sabedoria , e a manifestar a sua gloria. Quem pois senão o Filosofo Natural poderá mais profundamente in-

indagar todos estes objectos? Quem, senão elle poderá observar de mais perto as pasmosas obras da Natureza? Quem em fim senão o Filosofo Naturalista poderá proferir com o devido pezo as palavras do Rei Profeta. = *Quam ampla sunt opera tua, Domine! Quam sapienter ea fecisti! Quam plena est terra possessione tua!*

Que direi pois da Chimica, aquella parte da Sciencia Natural, que os grandes talentos tem elevado a hum auge quasi incrível de perfeição? Para dizer de huma vez, sem o soccorro desta todas aquellas serião inuteis, e não passarião de hum trabalho mais agradavel, que proveitoso. Pois tendo esta por objecto manifestar a intima natureza dos corpos, e determinar o número, e propriedade de cada huma de suas partes, sem o conhecimento della, podemos dizer, que teriamos nas mãos os thesoiros, e ignorariamos o seu uso.

Eis-aqui o que as limitadas idéas que tenho destas grandes Sciencias me permittirão dizer. Eu passo a declarar os pontos em que temos de ser examinados em cada hum dos seus ramos; na Zoologia temos a Ornithologia ou tratado das aves: na Botânica todo o objecto deste tratado; e na Chimica o tratado X. do ar atmospherico, e o XI. do ar vital. Deos queira que desempenhando nós as fadigas do nosso Sabio Professor, correspondamos de algum modo ao zelo incançavel do nosso Bemfeitor, do nosso Pai, do nosso Excellentissimo Prelado.

*Marcos de Araujo Costa.*

AO

Ao Ex.<sup>MO</sup> E R.<sup>MO</sup> SENHOR  
D. JOSE' JOAQUIM DA CUNHA  
DE AZEREDO COUTINHO,

BISPO DE PARNAMBUCCO,

ELOGIO

PELO COLLEGIAL

FRANCISCO DE BRITO GUERRA.

---

PRINCIPIO.

**C**onfesso, meu Carissimo Mestre, confesso, que desde que bebo a vossa sã doutrina, e me honro com a especulação dos vossos respeitaveis preceitos, ainda não tive occasião de temor, nem motivo algum de perplexidade, como me acontece hoje, sendo-me por vós ordenado tratar das ineffaveis virtudes, de que se orna o Augustissimo Nome do Senhor D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, Nosso Excellentissimo Prelado. Sim, este quadro parece devia ser delineado por vós, e por outros Sabios, a quem não fossem occultas as bellezas da Eloquencia, e que como taes soubessem pintar com bem vivas côres, e dar o devido valor ás insignes, e sempre memoraveis Virtudes deste Integerrimo Personagem. Eu porém, com quem a natureza quiz ser tão mesquinha, negando-me toda a preciosidade dos seus dons; eu que  
ape-

apenas tenho superficialmente tocado os primeiros rudimentos d'arte ; eu que sou a excepção dos vossos bem aproveitados Alumnos , e por consequencia o ludibrio da vossa Aula , poderei por ventura tecer hum tal Panegyrico , sem que deixe de precipitar me no abysmo dos meus erros ? Não certamente , não poderei. Tomar pois sobre a debilidade de minhas forças tamanho assumpto , e arrojarme a este attentado , não póde deixar de ser temeridade , he querer profanar o sagrado da Eloquencia , e affear com o grosseiro de minhas expressões , e baixeza dos meus pensamentos as altas , illustres , e sempre preciosas Virtudes de hum Excellentissimo Prelado. Mas onde estão os deveres da obediencia , aquella Virtude , a que sempre anhelei como a hum dos principaes dons do Ceo ? Longe de mim já todo o receio : embora me exponha eu á critica dos maldizentes : embora me assignem o temivel epiteto de temerario : seja embora notado : eu devo satisfazer aos inviolaveis preceitos do meu Padre Mestre , quando estes principalmente se dirigem a tão justo , e a tão santo fim. Por tanto principiarei , do modo que me permittir a minha rudeza , a tratar deste Excellentissimo Prelado , e no meu pequeno , e rasteiro discurso farei ver em summa as suas altas , e virtuosas acções. Santa Verdade , vivificai a minha fraca idéa , e ministrai á balbucien-  
cia da minha lingua o soccorro , que lhe he indispensavel para fallar de huma materia tão importante , tão sublime , e tão delicada.

Quando o rebanho Parnambucano se achava suspirando pela vinda de hum vigilante Pastor , que o viesse saudavelmente apascentar , e dirigir pelas maximas da Virtude : quando a mesma Republica amargamente lamentava a falta de hum Chefe , que a ad-



ministrasse com zelo , honra , e desinteresse : quando se via , como abatido o Clero , affroxada a Religião , diminuido o estudo das Letras , e quasi extincta a Virtude : quando finalmente se achavão todas as coisas em hum cháos , em hum profundo pélago de desordens : dignou-se a Próvida Omnipotencia de sobre tudo lançar as suas apiedadas vistas , e de decretar , que a tantos , e tão grandes males viesse occorrer , e remediar hum Principe da Igreja. Ah ! E que Principe , que Prelado deverá ser esse enviado pela Omnipotencia para remedio de hum povo affligido ? Não ha dúvida que Elle se deve differençar muito dos demais. A Omnipotencia he incapaz de errar. Ella por tanto não se havia de enganar na escolha do Senhor D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho. Aqui temos o Prelado , que nos foi enviado por Deos ; aqui temos o Remunerador dos males , que erão o motivo dos nossos prantos , e clamores ; aqui temos hum novo Moysés , que nos veio libertar do jugo , sob que gemiamos. Elle não só he Bispo , Pastor , e Pai ; he tambem General , he hum Ministro a que he commettida a jurisdicção Civil , para castigar a malicia dos que nos suscitão os males , dos que nos fazem violencia , dos que nos maquinão morte. Elle he adornado de todo o genero de Virtudes , já não fallo daquellas , que só poderãõ redundar em seu beneficio particular , mas daquellas que tendem meramente a utilizar ao público , a encher de consolação as suas ovelhas. Sim , com quanta razão me não atrevo eu a affirmar , que Elle he adornado de todo o genero de Virtudes ? Vejo a summa affabilidade , com que trata os seus subditos , as civís , e amorosas palavras , com que os admœsta , deixando-os por este meio , tanto corrigidos , quanto obrigados a huma perpetua  
ve-

veneração. Vejo a sua Caridade incomparavel para soccorrer aos pobres tendo as suas sagradas mãos sempre abertas , já para os abençoar , já para lhes deitar no seio grossas esmolas. Vejo o incansavel cuidado em apascentar o seu Rebanho , e em fazer-lhe administrar o saudavel pasto. Vejo o seu ardentissimo zelo em augmentar o estudo das Letras , a sua anciosa applicação a fazer propagar a Virtude. A justiça , e a clemencia para administrar as Funções do seu Ministerio , lhe são como inseparaveis , e se bem digo , lhe são innatas , da mesma sorte que outros quaesquer dons. Não o ensoberbecem as honras , em que se vê constituido , pois que estas lhe são hereditarias. A Mitra , que a muitos já tem servido de causa originaria para produzir a soberba , para fomentar o despotismo , nelle se vê produzir bem contrarios effeitos. Mas , até onde chegarão as minhas palavras para acabarem de significar as grandezas que realção o Senhor D. José Joaquim da Cunha Azeredo Coutinho ? Eu , a pezar de hum grande estudo , não as saberei dizer , quanto menos numerar. Elle he huma fonte de Virtudes inexhaurivel , he hum Oceano de portentos , seja-me permittido assim dizer. Vós , ó Par-nambucanos , quando foi que tivestes hum Prelado igual a este ? Vós , ó Republica Civil , quando foi que vos vistes administrada por hum Heroe Sagrado ? Quando foi , que vos considerastes isenta d'extorções , de ignominias , de crueldades , e de usuras ? Dizei , quando possuistes os vossos bens com menor susto , livres da oppreção , e da inveja ? Eu me persuado , que nunca possuistes tão santa paz , como agora. Eu vejo , que a justiça se vos administra sem trabalho , sem custo , e sem valimento. Por tanto , não digo com razão , que este Prelado possui todas

as Virtudes , e que he revestido de todos os dotes , que o podem immortalizar ? Não me he preciso fallar das nobres acções , com que augmentou o Lustre de sua Prosapia , e realçou o nome de sua Patria. Não faço menção dos seus agigantados progressos na Universidade de Coimbra. Callo os grandes Lustres , com que adornou a Real Academia das Sciencias , de que era Socio. Passo em silencio o nome , e grandissimo credito , que grangeou em toda a Cidade de Lisboa. Tudo isto finalmente deixo de tratar , pois temos mais proximos argumentos da Magnanimidade , Zelo , e Caridade do Senhor D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho. Onde fallo eu ? Não he por ventura dentro desta Casa , neste Seminario , entre estas paredes , que Elle a pezar de tantas , e tão custosas fadigas fez erigir para asilo das Sciencias , e Virtudes , estabelecendo-a como huma fonte manancial , onde viesse beber a mocidade para se formarem Sacerdotes dignos , Varões sabios , para augmento do seu rebanho , e civilidade da sua Republica ? Que mais autentico exemplo , que mais evidente prova da Grandeza , da Extensão de Zelo , e das Virtudes do Nosso Prelado ? Que mais claro espelho das suas Virtudes ? Que maior documento das suas boas intenções ? Eu por tanto sem receio me atrevo a afirmar , que Elle he possuidor de todas as Virtudes dignas de hum Prelado. Elle he Sabio , Próvido , Civil , Justo , Clemente. Nelle tudo he sublime , he santo tudo. Eu affirmaria ( sendo-me concedido assim ) que Elle he digno da immortalidade. A sua Vida seja dilatada por tantos annos , quantos são os nossos votos sinceros.

Disse.

Achan-

**A** Chando-me entre vós, Felices Parnambucanos, e gozando comvosco da especial mercê, que do Omnipotente recebestes em hum Prelado, justo, e virtuoso o Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, he justo que eu tambem applauda as suas virtudes. Eu conheço, que o meu fraco engenho he incomparavelmente inferior a estas, e que já mais as poderei, não digo, ornar com louvores, mas nem ainda numerar: bem sei, Pastor Sagrado, que ás demais virtudes, além do novo cumulo, que diariamente lhes ajuntais, accresce mais a de quererdes antes obrar, do que ouvir os vossos louvores. Nem ignoro, Felices Parnambucanos, que louvando eu o vosso Pastor de nenhum modo vos poderei deixar satisfeitos com as minhas rudes palavras; e que olhareis para mim como para hum ignorante, que sem conhecer as bellezas que requer hum quadro, ousa tentar o fundo do seu desenho: mas este mesmo ardor, que me obriga a metter os hombros a tão ardua empreza me faz menos reparavel a temeridade, que commetto: Estendei por tanto além das minhas toscas expressões a perspicacia dos vossos entendimentos, e contemplai comvosco as grandezas deste insigne Heroe, que eu só sirvo de excitar nas vossas imaginações.

Se muitos, e innumeraveis Heroes, que por nenhum outro motivo mais se entregarão a admiraveis acções, do que arrebatados da immoderada ambição de remontarem a sua fama, e de deixarem plantados os seus nomes; se muitos, e poderosos Magnates,  
bem

bem que entregues a hum injusto exercicio do seu poder; tem sido exaltados com tantos elogios pelos animos servis dos aduladores; não será por ventura verdadeiramente devido hum louvor sincero a hum Heroe piedoso, que levado da natural bondade bem longe do amor vaidoso da gloria mundana não cessa de beneficiar não só áquelles que lhe são subditos, mas ainda aos que buscão a sua protecção? Não será devido hum louvor sublime a hum Pastor Sagrado, cujas acções virtuosas são fundadas na justiça, e que totalmente esquecido do proprio interesse vigia sobre a felicidade dos seus? Certamente que sim; mas quem o poderá dignamente fazer? Quem haverá tão cheio de eloquencia, cujos termos sublimados possão comprehender a grandeza das suas virtudes? Porém que digo? Não he preciso que sujeitemos os nossos sentidos a expressões, que por mais energicas que sejam, já mais nos poderão dar dellas perfeita idéa. Ellas dão de si mesmas huma prova evidente: consideremos cada huma de per si, e veremos, que são nascidas de hum coração naturalmente bom: nellas descobriremos a generosidade daquelle animo, que he a fonte de donde manão; daquelle animo, digo, que costumado a coisas grandes, e guiado de huma bem formada indole desde o berço, então se enche de prazer, quando a sorte lhe façulta meios por onde possa exercitar a sua bondade. E como hum bem opportuno não prezaste, Sabio José, o seres Principe da Diocese Parnambucana, que necessitada de hum Pastor prudente, sabio, e virtuoso, que a podesse reformar, e levantar da decadencia, em que se via, hoje sente a frequencia dos teus beneficios? Tu mesma, ó Feliz Diocese, que já hoje calcas o jugo, debaixo de cujo pezo algum dia te vias opprimida, não testemunhas  
isto

isto mesmo , que eu profiro ? O teu bem , a tua felicidade tem sido o ponto invariavel sobre que o teu Pastor benigno tem fixa a sua vista ; este o unico objecto dos seus sentidos desde que a sorte te fez ditosa com a justa eleição de tal Pastor , dando-te já desde então mui fortes testemunhos do seu amor para comtigo. A's amorosas vistas do seu zelo , que ainda antes de gozares da sua respeitavel presença , já derramava sobre ti , deves a fundação deste Seminario , huma das bases mais fundamentaes da tua felicidade , onde agora vês huma nova educação da mocidade , a nova plantação das Sciencias que com tanta difficuldade adquirião poucos em differentes Paizes ; onde finalmente verás , como prado ameno , produzir flores hum campo , que dantes se via abafado dos abrolhos , e espinhos. Ao seu paternal cuidado deves a nova casa , e estatutos para amparo , e creação das virgens , e das orfãs. Tudo em fim lhe deves ; pois tudo se reveste de hum novo colorido. Em lugar das trévas que te cercavão , sentes hoje brilhantes luzes , que te allumião : as Letras se restaurão , a educação se renova , os costumes se reformão ; o pobre encontra o seu amparo , o orfão o seu Pai , o desvalido o remedio. Estas são , Pastor Sagrado , as acções heroicas , que servirão de azas á vossa fama , com que segura da vil malidicencia voará a remotos Paizes ; estas as altas columnas sobre que durará eternamente a memoria do vosso nome ; estas as respeitaveis , e mais amaveis virtudes , que vos farão sempre desejado do vosso rebanho , no qual vos conserve o Omnipotente por dilatados annos , para a sua feliz prosperidade.

Disse.

*Marcos de Araujo Costa.*

Que

Que esperais de mim agora , Douta , e Illustre Assembleia ? Que eu remonte minhas idéas sobre essas épocas antigas , e revolvendo as volumosas paginas da Historia , vos recorde aquelles inclitos Heróes , cujas acções tem decantado a fama pela vastidão do Universo ? Não ; eu venho delinear os immortaes applausos daquelle , que florece a nossos olhos no presente seculo ; daquelle , que por direito he digno de nossos elogios ; daquelle . . . eu digo d'humavez , do Excellentissimo e Reverendissimo Senhor D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho. Ah ! que transportes de alegria me fere o peito , quando recito seu respeitavel nome ! Bem sei , que o pejo , que a trepidez , e que a ignorancia , surgindo de dentro de mim mesmo , me privão de eu beber em a natureza imagens vivas para fazer portentoso o quadro , que vou delinear ; porém me não engana a esperança , que o desgosto , que me póde resultar da minha desconcertada linguagem , e esterilidade do meu engenho , ha de achar lenitivo na vossa benevolencia.

Envolto eu na questão se o nosso Prelado se faz mais recommendavel pela Sciencia , ou pela Virtude , a pezar de conhecer o quanto nelle brilha a Virtude , com tudo vos vou mostrar , que a sua Sciencia ainda o faz mais respeitavel : o que vereis na resolução deste problema.

Sim , Senhores , ninguem duvida , que o nosso Prelado he imbuido em todos aquelles conhecimentos que mais caracterizão o homem , e que o desejo insaciavel da Literatura começou logo nelle a brilhar na

naquelle idade , em que as idéas do homem se envolvem n'hum labyrintho o mais contrario aos justos procederes , em que nem ainda o decoro da grandeza póde sustentar as furiosas redeas das paixões ; esta mesma he em que elle começa a resplandecer ; porque ainda bem não tem rasgado o tenebroso manto , que lhe offusca as luzes da razão , quando nelle já se admira huma natural propensão para as sciencias , sendo semelhante ao grão Evangelico , cuja mysteriosa pequenez esperançava o augmento , que o devia levantar sobre as mais altas plantas , e de cujos frutos salutiferos se havião manter as aves do Ceo.

Para illustrar os dons , que a sábia Natureza tinha próvidamente sobre elle derramado , rompe , quebra , e dissipa os mais fortes embarços. Já as empoladas ondas do Oceano furioso , que só deverião ser surcadas da ambição , o não impedem ; já o amor dos ternos Pais , e da cara Patria , que tem não sei que força de atracção sobre os corações , o não attrahem. Ah ! que penetrante saudade lhe não fere o mais recondito de seu amante espirito ! Porém o amor da sabedoria he tanto mais intenso , que lhe excede a pena , e he sómente que lhe suavisa a mágoa. Parte em fim para Coimbra.

Eis que chega a esta célebre Universidade , não demora seus iouvaveis intentos ; começa logo a carreira das bellas Letras , aspirando só tocar a meta da perfeição , qual impávido General , que deseja na frente do belicoso , e magnanimo exercito cingir a frente de verde louro. Correndo pois com agigantados passos faz tão vantajosos progressos , que todos o louvão , admirão todos. Já sabe destramente desenvolver os sagrados Canones , em que se fórma Licenciado ; já he hum fiel Interprete das Escrituras San-



tas ; já mede o tempo , calcula os astros , conversa com a natureza dos entes creados , já finalmente . . . mas para que me demoro em nomear-vos todas as Sciencias do nosso Prelado ? Se por effeitos se conhecem causas , vêde os effeitos , e admirareis a causa. Vêde as sábias providencias , que dá sobre tudo , quanto pôde augmentar a gloria do nosso Principe , e os nossos interesses ; vêde as suas decisões como são filhas da sabedoria , vêde o sabio Estatuto , que compoz , revolvei suas paginas attentamente , e conhecereis ser parto do mais fecundo , e elevado engenho ; vêde em fim pelas brilhantes luzes de seus conhecimentos dar elle , o que nunca outro já mais se atreveo nem ainda prometter. Sim , quem já mais se atreveo prometter , quanto mais erigir nesta Cidade hum Collegio Literario , em que os entendimentos que jazião envoltos no negro chaos da ignorancia , se desenvolvem para as luzes do conhecimento ? Hum Collegio , onde á vista de exemplares Directores se purificação os corações , que devem algum dia offerecer ao Deos de Israel os votos dos homens ? E quão sábia foi a eleição , que teve , de tão doutos Professores , que tão beneficemente tem gotejado sobre vossos entendimentos os frescos orvalhos de suas exuberantes doutrinas ! Não são todas essas coisas effeitos de huma causa scientifica ? Só quem conhece bem as materias , he quem pôde avaliar seus proporcionados emportes , e entende bem das Sciencias , quem tem huma interna complacencia de as communicar , e fazer com que se percebão suas utilidades , e cõmo o nosso Prelado com hum zelo incansavel tem excogitado todos os meios licitos para fazer desta antiga Grecia huma nova Athenas , claro está , que lhe servem de base fundamental os mais solidos conhecimentos

mentos. E quando elle pertende fazer fixo, e duravel o estabelecimento de tão douta obra, que obstaculos se não oppoem? Quantos, e quantos. . . mas que? Suspendão-se os rasgos do meu pincel, reprima-se a expressão: eu não devo fazer d'hum elogio particular huma invectiva pública. Só sei, que a pezar desses fortes embaraços elle tem piamente posto em pratica seus sabios, seus justos intentos. Vós mesmos, que me ouvis, illustrados Collegas, já não estais colhendo de tão bem fundada semente aquelles frutos, que depois de sazoados vos hão de servir de manjar delicioso?

Ah! Senhores! que Sciencia haverá mais digna de ser eternizada? Exaltem-se embora os Platões, os Demosthenes, os Aristoteles, que nenhum delles merecem tanto louvor, nem gloria tanta; pois a fama voadora daquelles murchando as azas cahirão d'alto, huma vez que fenecesse a memoria dos humanos, e roesse o tempo as paginas de sua historia: porém o dente da corrupção não mastiga já mais o nome do meu Inclito Heroe; pois o mesmo mudo silencio decantaria seus applausos, os bem fundados alicerces deste luzido Seminario lhe servirão de eternos monumentos.

E qual he que o tem immortalizado tanto, a sabedoria, ou a virtude? Bem conheço o quanto nelle resplandece a virtude; confesso ingenuamente que he de hum animo benefico, e recto; vejo que essa torpe, e faminta ambição, que tanto inquieta os miseros humanos, nunca achou agazalho em seu espirito, que elle reparte liberalmente a renda annual do seu Episcopado com esta pia obra do Seminario, e com todos aquelles, que arrostão a desprezivel face da indigencia; vejo, que a todos escuta com attenção, e

que o seu gabinete não he como o Santuario do Templo de Jerusalem , onde só se podia entrar com ornamentos pomposos , e vestidos magníficos ; vejo-o finalmente , qual outro Elias , ser hum perfeito zelador da Lei do Omnipotente. Porém , Senhores , quem he que lhe administra essa mesma virtude , não he a sabedoria ? Não he a sabedoria quem encaminha , quem regula a virtude , e que lhe serve de immovel columna ? Quantas vezes a virtude por lhe faltar esta sábia conductora passou a hum diverso estado , a hum estado deploravel ? Em huma palavra toda a sabedoria suppõe virtude , e eu não posso contemplar aquella sem esta ; pois se abro os Sagrados Codigos , leio , que são váos aquelles conhecimentos em que não ha sciencia a respeito do Altissimo : donde concluo , que havendo sabedoria , ha tambem virtude ; e por isso reputa-se por vãa , e por funesta ignorancia a sciencia dos Honorios , dos Luteros , dos Calvinos , por isso mesmo que por ella se affastarão daquelles fins , para onde nos conduzem os verdadeiros conhecimentos , adopte-se , e engrandeça-se a sabedoria do nosso Prelado , por ter della feito hum tão acertado uso , e se ter feito entre os homens mais distincto , do que se faria só pela virtude. E se ainda duvidais , que a sabedoria não caracteriza mais o homem , do que a virtude , equilibremos esta com aquella em huma recta balança , e vereis para onde pende o fiel. Por ventura aquelles , que cultivarão os asperos dezertos , sabendo sómente conduzir-se a si , augmentarão a gloria de Deos , e propagarão a sua Religião tanto , quanto os Saulos , os Agostinhos , os Jeronymos , os Ambrosios , e outros , que pela sua sabedoria não sómente se conduzirão a si , como tambem encaminharão a tantos ? E qual he , Senhores , que faz o homem

mem mais recommendavel, não he a sabedoria? Não he esta mesma, a que tem adquirido para o nosso Prelado aquelles distinctos caracteres, que mais costumão elevar o homem a hum gráo superior de perfeição? Não foi ella que o fez empunhar o poderoso bastão, que tão sabiamente tem manejado, e que lhe cingio com a Sagrada Mitra a veneranda frente para gloria sua, e felicidade nossa? O que tudo provado, devo necessariamente concluir, que a sua sabedoria o faz mais respeitavel, do que a virtude. E eis-aqui resolvido o meu problema.

Agora só me resta convidar vossos animos para que a passo firme sigais a sabedoria do nosso amabilissimo Prelado, que tanto se esmera em imbuir-vos nas Sciencias, e cujo amor, e ardente zelo se faz crêdor da mais grata recompensa. Se vossos progenitores trabalhassem para vos deixar herdeiros de dourados cofres, bens, que commummente á maneira de sombra fogem, e desapparecem, não vos mostrariéis gratos ao seu cuidado? Quanto maiormente não deveis recompensar ao nosso Prelado, cuja vontade he deixar-vos possuidores das Sciencias, bens, que vos hão de acompanhar fielmente até o fatal momento da sepultura? Elle não quer em recompensa vossas preciosas joias, suspira sim pelas assiduas applicações aos vossos estudos. Sede pois sollicitos em adquirir estes dotes suspirados, que vos accumulão tantas prosperidades. Mova-vos para isso a affectuosa benevolencia do nosso Bemfeitor, mova-vos a esperanza do premio, mova-vos em fim a gloria, que vos ha de resultar, de serdes distinguidos entre os mortaes, nunca contendendo por amor da pompa, quaes outros Sofistas Gregos, sim applicando os vossos conhecimentos a hum justo fim.

E

E vós , benigno Prelado , Prelado excelso , acceitai estes pouco agradaveis frutos de meu engenho esteril , que , a pezar de ter sido regado com os chu-veiros copiosos do zelo , e sabedoria do meu illustre Professor , não tem produzido mais , do que espinhos , e abrolhos : recebei-os sómente como humildes incensos da minha gratidão. Bem conheço , que a minha curta esfera não he capaz de abranger dentro de si os vossos avultados elogios , a cujo pezo vergarião os mais alentados hombros. Quanto mais que os vossos applausos não necessitão de pregoeiros ; pois o vosso nome respeitavel , tendo já vagado Cortes populosas , e remotos climas , estampado já existe na memoria dos humanos , já tem estabelecido hum ponto fixo , donde se contarão idades successivas , e correrá essa feliz época até se consummarem os seculos. Quando porém se completarem as ultimas profecias , que começarem a estalar , e mover-se os polos ; quando esta pomposa máquina do Universo se reduzir a infrutifera , e inhabitavel ; quando finalmente se escurecerem todas essas glorias , que só hão de gozar d'humma immortalidade relativa , então já o vosso nome celeberrimo pelo bom uso , que fizestes da vossa sabedoria , estando impresso no Livro indetevel do Omnipotente resplandecerá idades sempiternas.

*Manoel Thomaz Rodrigues Campello.*

*Poesias feitas em louvor do Illustrissimo e Excellen-  
tissimo Senhor D. José Joaquim da Cunha d'Aze-  
redo Coutinho, Bispo, e Governador Interino de  
Pernambuco pelos Collegiaes mais novos do Semi-  
nario Episcopal de Nossa Senhora da Graça da  
Cidade de Olinda, em o dia da Festa de Nossa  
Senhora Padroeira do Seminario a 8 de Dezem-  
bro, á qual Sua Excellencia assistia todos os  
annos, e passava este dia no Seminario com os  
Collegiaes.*

**N**ão digais, que merecia  
Levar eu alguns açoites,  
Por vir dar-vos Boasnoites  
Neste lindo, e claro dia.  
Mas dizei-me, que faria  
Vendo eu aqui ao entrar  
Tantas estrellas brilhar?  
Se vi o Ceo tão estrellado,  
Não julguei ser acertado  
Senão Boasnoites vos dar.

Pelo muito que huma rosa  
Comvosco he parecida,  
Outra deve ser trazida  
Por direito, e lei forçosa.  
Não vedes quão gloriosa  
Ella entre espinhos florece?  
Isto mesmo o que acontece  
A' vossa vida estimada,  
De mil espinhos cercada  
Mais gloriosa parece.

A Rosa , que a primazia  
Tem das flores magestoza,  
He a primeira que goza  
Do festejo deste dia:  
Vem cingir com bizzaria  
A vossa Fronte sagrada ;  
Mas pasmando admirada,  
A vossos pés já se prostra ,  
Na mesma côr, q' ella mostra  
Se corre de envergonhada.

Aqui vos trago huma flor ,  
Que sem ser espirital ,  
He aos Anjos muito igual  
No nome, graça, e esplendor.  
Eu não sou adulator ,  
Venho dizer com certeza ,  
Que como sois na pureza  
Angelico em vossa vida ,  
Esta flor vos he devida  
Por força da natureza.

Flor , que de róxo se veste  
Com os sinaes de martirio,  
Julguei seria delirio  
Deixalla eu como agreste.  
No Estatuto lições déste  
Da vida Religiosa ;  
Não póde esta ser ditosa  
Sem algũ martirio d'alma,  
Logo a todas leva a palma  
Esta flor mysteriosa.

De prazer , e alegria  
A vossa frente se orna ,  
E pelas faces entorna  
Lindas flores neste dia.  
Mostrando com primazia  
Que vós , ó santo Prelado,  
Não precisais ser ornado  
Por nós agora de flores ,  
Porq' vós entre os Pastores  
Já sois de flores croado.

S O N E T O.

**F**avoravel me sede , Heroe sincero ,  
Illustre Salomão , justo Prelado ,  
Pois bem longe da idéa de illustrado ,  
Dos Alumnos menor me considero.

De desejo cingido , e ser austero  
Em prompto executar vosso mandado ,  
Submisso , qual Isaac sacrificado ,  
Do exame hoje o duro golpe espero.

Com tal apprehensão , minha fraqueza  
Se apodéra de mim , e desfalece  
Toda minha alma cheia de tristeza.

Mas não ; minha esperança reverdece ,  
Vós sois José , vós sois minha defeza ,  
Vossa presença só me fortalece.

*Hum dos Seminaristas examinado na presença  
de Sua Excellencia.*



S O N E T O.

O Dia de mais gosto , e alegria ,  
O dia de maior festividade  
Para esta estudiosa Mocidade  
He este da Conceição de Maria.

Sobre os Livros todo o anno ella gemia  
Para ter da approvação felicidade ,  
Vós , Senhor , com a maior liberalidade  
A todos premiastes neste dia (1).

Eu posto que pareça descontente  
Por ficar aqui feito Minorista ,  
Assim mesmo ainda vivo alegremente.

Do meu premio não hei de pedir vista ,  
Peço a Deos que a vida vos augmente ,  
Feliz sou eu em ser Seminarista.

*Antonio Jozé do Paraizo.*

N.º

---

(1) O nosso Prelado deo Ordens Sacras neste dia a varios Seminaristas.

*Poesias feitas na despedida do Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, Bispo, e Governador de Parnambuco, quando tendo sido reeleito por S. A. R. para Bispo de Bragança, e Miranda, partio daquella Capitania para a Córte de Lisboa, em 13 de Julho de 1802, depois de ter governado por tempo de tres annos.*

*A' saudosa Despedida de Sua Excellencia Reverendissima o Senhor D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, tendo sido Bispo nesta Diocese, e Governador Interino nesta Capitania de Parnambuco.*

SONETO IMPROVISADO.

**D** Esgrenha, ó Musa, o teu dourado crino,  
Cobre de espesso véo teu rosto esbelto,  
E nas azas da dor, pezar mais certo,  
Baixa desse lugar, monte divino.  
Não em pomposo estilo peregrino  
Cantes de teu Maior, Pastor completo,  
A infausta Partida, o seu trajecto  
Pelo vitreo aposento Neptunino.  
Em metro humilde rompe dolorosa  
Entre crebros suspiros, soluçando,  
A tua justa queixa lastimosa:  
E dize, quando a Não vires voando  
Sobre a alta campina salitrosa:  
*Adeos, Josino, adeos: ah! e até quando?*

*Por Fr. João Baptista da Purificação, Religioso Chorista em o Convento de S. Francisco do Recife.*

*A Profundissima dôr , que sente Parnambuco na  
tristissima ausencia do Excellentissimo , e Re-  
verendissimo Senhor D. José Joaquim da Cunha  
d'Azeredo Coutinho , seu muito digno , e saudoso  
Prelado.*

O D E.

**D** Esfaze os olhos teus em triste pranto,  
Teus cabellos desgrenha impetuoso,  
Parnambuco gentil;  
De funereo véo, de negro manto  
Cobre a face magoada, e doloroso  
Suspiros mil a mil  
Exhala do teu peito amargurado,  
Q' a gemer, e chorar estás julgado.

Despe o rico vestido, esse ornamento  
Com que ostentas a tua formosura,  
Toma a lúgubre veste  
Em sinal do profundo sentimento  
Da Tristeza mortal, que t' amargura,  
Chora em fim, que perdeste  
Huma Joia de preço inextimavel,  
Hum Bispo, hum General incomparavel.

Quiz a sorte mostrar-te alegre o rosto,  
Com affavel sorriso t' oferece  
O prazer perduravel;  
Mas oh! quanto de pressa em teu desgosto  
O enganoso prazer desapparece!  
Inconstante, mudavel  
Volta a face infiel; já com presteza  
Sobre ti vem a pállida tristeza.

Já de ti se apodera a dôr aguda,  
Teu repouso tranquillo desordena  
Mortal melancolia;  
Oh! como em breve tempo foge, e muda  
A brilhante fortuna! em triste pena  
Se converte a alegria!  
Hum Patrono fiel, Pastor Sagrado,  
Parnambuco infeliz te he roubado.

Ou tu nunca da sorte merecêras  
Hum só meigo sorriso, ou permanente  
A fortuna te forá;  
Costumado ás desditas, não gemêras  
Nas delicias feliz, foras contente;  
Não sentiras agora,  
Não choráras de todo inconsolavel  
A perda de hum Heroe irreparavel.

Tu perdeste hum Pastor sabio, prudente,  
Hum Pontifice casto, hum Pai piedoso,  
Do teu bem vigilante,  
Hum Heroe bemfeitor ( 1 ), que diligente  
Procurava fazer-te glorioso,  
Que com mão abundante  
Sobre ti tantas graças ( 2 ) derramava,  
E mil Bençãos saudaveis te lançava.

Era o seu coração docil, e terno,  
Liberal, generoso, compassivo,  
Bemfazejo, abrigante  
No difficil manejo do Governo ( 3 )  
Sabio, esperto, fiel, inteiro, activo,  
Verdadeiro, constante . . .  
Oh! que tudo perdeste, e só te resta  
O gemer huma perda tão funesta.

Quan-

Quantas vezes não viste o seu desvelo,  
O seu zelo indefesso em procurar-te  
O remedio, o abrigo  
Contra o mal da penuria (4), e do flagello (5)?  
Quantas vezes sollicito em salvar-te  
Do mortal Inimigo (6)?  
Mas, oh dor! que perdeste n'hum instante  
Hum Amigo fiel, hum Pai amante.

Não o viste politico, prudente  
Entre a Turba infiel (7), que o ladeava,  
Supportar com brandura  
A calumnia do vil maledicente,  
Inda ao mesmo Offensor (8), que o procurava  
Receber com ternura?  
Sempre igual na virtude da paciencia  
Soffrer o Povo (9) rude com prudencia.

Muitas vezes o viste condoido  
Da miseria, do crime, do peccado,  
Outras vezes o viste  
Inclinado ao perdão, compadecido  
Perdoar o delicto (10) confessado:  
Mas se a Lei lhe resiste,  
E perdoar não deve totalmente  
Com brandura castiga (11) o delinquente.

Algum dia faltou á caridade,  
Ao soccorro do Proximo indigente?  
Não o viste piedoso  
Soccorrer a geral (12) necessidade  
Da pobreza, e da honra juntamente?  
Acudir mui zeloso  
A' Viuva infeliz (13), desconsolada,  
Ao pupillo, á Donzella desgraçada?

Parnambuco infeliz, quanto perdeste!  
Ou terrivel cegueira t'opprimia,  
    Ou mui grande peccado  
Contra Deos, contra os homens commetteste,  
Pelo qual pagarias algum dia;  
    Já te vez castigado,  
Penetrante afflicção, cruel tormento  
Te duplica o pezar, o sentimento.

Tens bastante razão, justo motivo  
De chorar tanto mal amargamente,  
    Tu perdeste a ventura,  
Seja ao menos teu pranto o lenitivo  
De huma dôr tão cruel, que o peito sente:  
    Mas na triste amargura  
Humilhado respeita a Providencia,  
E mil votos lhe presta de obediencia.

## N O T A S.

(1) Além dos muitos beneficios, que Parnambuco recebeu do Excellentissimo Senhor Bispo, recebeu o maior dos beneficios na criação de hum Seminario para a educação, e instrucção da mocidade, que nas suas Aulas aprendem de Sabios, e Virtuosos Mestres Grammatica Latina, Rhetorica, Poetica, Historia, Geografia, e Cronologia, Geometria, Filosofia Racional, e Moral, e Fysica com os seus diferentes ramos da Historia Natural, Teologia Dogmatica, Especulativa, e Pratica, Historia Ecclesiastica, Liturgia, Canto, e finalmente Desenho.

(2) Sua Excellencia concedeo muitas Graças, e Indulgencias a varias Igrejas da sua Diocese nas festividades dos seus Padroeiros, e todos os annos duas vezes dava a Benção Apostolica a todos os seus Diccesanos.

Foi

(3) Foi Sua Excellencia em qualidade de Governador da Capitania de Parnambuco sempre imparcial, muito prompto, e muito activo para os despachos, e bom regimen do Governo, muito zeloso do bem público, e da Fazenda Real, e sempre constante nas suas maduras, e prudentes resoluções.

(4) Sendo Sua Excellencia Governador da Capitania de Parnambuco, padecio esta huma grande penuria, e total falta de mantimentos principalmente de farinha, e carnes, occasionada da terrivel secca, que assolava o Paiz. Elle deo todas as bem ajustadas providencias para aliviar o grande mal da fome, facilitando a importação das farinhas das Capitánias visinhas, animando aos Lavradores para a cultura da Mandioca, e favorecendo aos Creadores de gados para que sem maior vexame os troxessem á Capital.

(5) Tendo os Negociantes de Parnambuco representado sinistramente a Sua Alteza Real, que os Escravos vindos de novo da Costa da Africa podião existir dentro desta Praça do Recife, sem perigo de pestilencia, e infecção geral dos Povos daquelle Continente, foi o Mesmo Augusto Senhor servido mandar, que se não observasse a quarentena já estabelecida para os ditos Escravos: mas Sua Excellencia zeloso do bem público, e tocado da intima dôr de ver grassar a peste das bexigas, escrobuto, &c. por toda a Praça, e Capitania com grande destruição dos Povos, e consequentemente do Estado, representou a Sua Alteza Real a falsidade do requerimento daquelles Negociantes, e os males gravissimos, que se originavão da falta da execução da quarentena: e o Mesmo Senhor foi servido de novo mandalla observar.

(6) Tendo Sua Excellencia, como Governador de Parnambuco, Aviso do Ministerio para fazer munir, e guardar a Capitania de algum acommettimento dos Francezes, que aprizionavão os nossos Navios, e ameaçavão ao Brazil, o fez com tanto acerto, e providencias, que em breve tempo conseguiu estar o negocio bem disposto, e tudo em ordem de defeza.

(7) Muitos dos que frequentavão o Palacio de Sua Excellencia, assim Ecclesiasticos, como Seculares, e que se inculcavão por amigos, e apaixonados, erão infieis, e fingidos;

dos ; mas Sua Excellencia , não obstante conhecellos , lhes correspondia com mais , e mais beneficios.

(8) Se alguns dos seus declarados inimigos o buscavão para lhe fallarem , elle nunca se lhes negou , antes como hum Pai amoroso os recebia com a face alegre , e lhes fallava como a seus filhos.

(9) Nas audiencias públicas , que em qualidade de Bispo , e Governador dava aos Povos , mostrou sempre a brandura , e benignidade do seu coração , soffrendo com muita paciencia os importunos , e deixando a todos obrigados a sua affabilidade , e amor com que lhes fallava.

(10) Sendo accusados perante Sua Excellencia varios Ecclesiasticos de alguns delictos , e excessos contra a boa vida , e costumes , elle se compadecia muito das miserias dos seus subditos frageis , e mandando-os chamar á sua presença , com Paternal amor os corrigia : e aos que confessavão os seus delictos , e pedião humildemente o perdão com proposito de emenda de vida , elle benignamente os absolvía , e lhes perdoava os crimes , e peccados , applicando-lhes os saudaveis remedios para evitarem a reincidencia.

(11) Se a alguns dos sobreditos Ecclesiasticos criminosos se formavão processos pelo Juizo do Foro , e segundo as Leis Canonicas devião ser castigados com as penas proporcionadas aos seus delictos , Sua Excellencia cheio de compaixão , lhes moderava as penas , fazendo ver , que se como Pai se compadecia das miserias dos seus filhos , como Juiz não podia faltar á Justiça.

(12) Foi admiravel a grande liberalidade com que Sua Excellencia repartia os seus dinheiros pela pobreza de toda a sua Diocese. Mandando visitar o seu Bispado , determinou aos seus Delegados , que dos dinheiros pertencentes á sua Camara Episcopal , dessem esmolas ás Igrejas pobres que não tivessem o preciso ornamento para com toda a decencia se celebrarem o Sacrificio da Missa , e mais Officios Divinos ; e distribuíssem tambem pelos miseraveis indigentes das suas Repartições esmolas proporcionadas á necessidade , e estado de cada hum. Além desta grande obra de misericordia exercitada em todo o seu Bispado , abriu na Capital o cofre das Obras pias , e delle fazia repartir com os pobres



ao pé de duzentos mil reis todos os mezes. No seu mesmo Palacio muitas vezes com a sua propria mão deo inumeraveis esmolos aos necessitados, que recorrião á sua piedade. Nas vespersas da sua partida para a Côrte, fez repartir pelos Recolhimentos das Mulheres, pelas Igrejas pobres da Cidade de Olinda, e Villa do Recife, Hospitaes, Pobres chamados da Ribeira, e Prezos da Cadeia pública, avultadas esmolos.

(13) Sua Excellencia como Pastor vigilante, e zeloso da salvação das suas Ovelhas, como Pai piedoso, e compadecido da Orfandade soccorreo com mão liberal a muitas pessoas pobres, que estavam a perigo de mendigar, e ainda mesmo a algumas pessoas nobres, que por via de emprestimo recorrerão a Sua Excellencia, perdoou liberalmente as sommas emprestadas. Fez recolher ao seu Seminario Episcopal de Olinda a alguns Rapazes pobres, que mostravão aptidão para as Letras, e mettidos na Classe dos Seminarios do numero, os soccorria com repetidas esmolos para os seus vestidos. Tambem fez recolher aos Recolhimentos da sua Diocese varias Donzellas, e Solteiras pobres, a quem soccorria com as esmolos competentes para a sua sustentação.

De todos os factos referidos nestas notas o Author da Ode foi testemunha ocular.

*Pelo Secretario de Sua Excellencia*

O Reverendo Padre João Pereira Rodrigues d'Alcantara.

*Aos*

*Aos Faustos annos do Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Bispo de Parnambuco, Eleito de Elvas.*

O D E.

Dignum laude Virum Musa vetat mori.

*Hor. L. IV. Od. VII.*

**E** Stro sublime, por quem Nume o Vate  
Dispõe da Gloria, e seu caudal thesouro,  
Desce da etherea luminosa Estancia,  
Em minha mente pouasa.

Vem animar a esmorecida veia,  
Q' a ímpia Doença, precursora d'Atropos,  
Quasi extinguiu de todo, e definhou-a  
C'o bafo macilento.

Apaga-me da mente, inda assombrada,  
Os v's Espectros, e as visagens feias,  
Com que a precoce Parca veio olhar-me,  
E cortejar-me o leito (1).

Nella me ateia em durador incendio,  
Divina chamma, creadora de hymnos,  
E no arrojo do Vate se conheça  
Teu poderoso influxo . . .

Cc ii

So-

---

(1) O Poeta tinha então escapado de huma doença gravissima.

Sonho? . . . ou deliro? . . . o corpo se me veste  
De leves plumas! . . . Já no chão não pizo! . . .  
Novo Icaro, rompendo o ethereo golfão,  
Darei meu nome ás aguas? . . .

Não. Mais seguro que o Dedaleo Moço,  
Em Apollineo Cysne transformado  
Affouto os ares cruzo, e me abalanço  
A visitar os Astros.

Deixo as Cidades. . . Já diviso as praias  
Do Bosphoro bramidor. . . do Arcturo as plagas. . .  
Além me assoma o Caucaso. . . lá alvevão  
As Lybicas areias.

Já vou transpondo accumuladas nuvens,  
Atraz me fica o Sol, e os Orbes todos,  
E o Terreo Globo, em atomos envolto,  
Hum ponto me parece! . . .

Ceos! que silencio nesta plaga reina!  
Assustador trovão aqui não breme,  
Nem silvando serpêa o improbo raio,  
Que desce contra as torres. . .

Cá vejo hum Templo, antigo, e magestoso!  
A' porta huma Donzelia em simples trajo! . . .  
Conheço-a, he a Virtude. . . Ella me acena!  
Salve, immortal Deidade.

“ Entra este Templo, que he da Gloria o Alcaçar,  
„ Que aos Heroes claros, e aos divinos Vates,  
„ Que seus immortaes feitos celebrárão,  
„ He franca a entrada delle.

„ De

„ De cá não se ouve murmurar o Lethes,  
„ Aqui não chegão da Calunia os tiros,  
„ E o Tempo retrocede, e o Fado curva-se  
„ Ante estes sacros porticos.

„ Com indeleveis caracteres de ouro,  
„ Nestes sagrados porfidos gravados,  
„ Verás os Nomes dos Varões prestantes,  
„ Que honrão a Patria, e o Mundo. „

Eis pizo o umbral do Templo, respeitoso . . .  
Aqui de Tito o Busto está, e o nome,  
Aqui vejo de Socrates o Busto,  
Que candura respira!

E não deve estar longe o que eu procuro  
Do grandioso Azeredo o Busto nobre;  
He hoje o dia, em que nos foi cedido  
Para enlêvo dos Sabios . . .

Ei-lo aqui . . . ei-lo aqui . . . Fazem-lhe côrte  
Da Vera Sapiencia os Genios graves;  
Assomos de immortal ressumbrão nelle . . .  
Salve, ó Busto glorioso.

Que honrosas letras vejo extasiado  
No diamantino pedestal gravadas!  
„ As Musas não consentem que feneça  
„ Varão digno de encomios! „

*Gaudet enim Virtus testes sibi jungere Musas,  
Carmen amat quisquis carmine digna gerit.*

O menor, e mais obrigado dos servos  
Manoel de Araújo Lemos.

*Aos*

*Aos Annos do Excellentissimo e Reverendissimo Senhor D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, Bispo d' Elvas, &c &c. &c.*

O D E.

Quem Virum, aut Heroa, Iyra, vel acti  
Tibia sumes celebrare Clio?  
Quem Deum, cujus recinet jocosa  
Nomen imago?

*Horat. L. I. Ode XII.*

V Em, Musa, Protectora da Virtude,  
Acode ao brado do affanoso Vate,  
Este ultimo trabalho me concede,  
Sorrindo-te me assiste.

Sem teu almo favor, sem teus influxos,  
Que póde a audaz progenie de Japeto?  
O ditoso mortal tu divinisas,  
Em cuja mente ferves.

Tu lhe entregas as chaves do Futuro,  
Os thesouros da Gloria tu lhe entregas,  
E nos conselhos do supremo Olimpo  
Tu lhe fazes ter parte.

Por ti seus olhos de incançavel vista  
Os véos penetrão, que o Destino encobrem;  
Os bens, e os males, que a existencia bordão  
Primeiro elle os conhece.

Por

Por alta influência , que a ti só deve ,  
Ufano a Eternidade senhorea ,  
E furtando-se á sorte dos humanos  
C' os Numes emparelha.

Por ti lhe he dado preservar do Olvido  
O sublime Varão , honra da Patria ,  
Que as Letras préza , que a Virtude incensa ,  
Protector dos talentos...

Que he isto , óh Musa !.. aonde me arrebatas ?..  
Ao venerando Alcaçar da Memoria ?  
Escusas , porque sei que lá reside  
Esse , a quem louvar quero.

Coutinho , que hoje a ditar veio o Mundo  
Com brilhantes talentos , com virtudes ,  
Faz parte da Assemblea veneranda ,  
Que alli respeitão Fados.

Sua Alma , aonde reina a Filosofia  
Tão pura como em Socrates reinará ,  
Cá na esfera das Letras brilha tanto ,  
Como o Sol na dos Astros.

*Manoel de Araujo Lemos.*

F I M.